

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS
SOCIAIS

DISSERTAÇÃO

ESCRITA EM RELAÇÕES EXTREMAS: DROGAS,
CUIDADOS, ANESTESIAS E HORIZONTES DE
RECUPERAÇÃO

RAFAELLA TELLES DOS SANTOS

2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**ESCRITA EM RELAÇÕES EXTREMAS: DROGAS, CUIDADOS,
ANESTESIAS E HORIZONTES DE RECUPERAÇÃO**

RAFAELLA TELLES DOS SANTOS

Sob orientação da Professora

Carly Barboza Machado

Dissertação submetida como
requisito parcial para obtenção do
grau de **Mestre em Ciências Sociais**,
no Programa de Pós-Graduação em
Ciências Sociais da UFRRJ.

**Seropédica, RJ
Dezembro de 2023**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S231e Santos, Rafaella Telles dos, 1997-
Escrita em relações extremas: Drogas, Cuidados,
anestésias e horizontes de recuperação / Rafaella
Telles dos Santos. - Seropédica, 2023.
92 f.

Orientadora: Carly Barboza Machado.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós graduação em
Ciências Sociais, 2023.

1. drogas. 2. escrita. 3. recuperação. 4. cuidado.
5. sofrimento. I. Machado, Carly Barboza, 1975-,
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Programa de Pós graduação em Ciências Sociais
III. Título.



UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS
SOCIAIS

RAFAELLA TELLES DOS SANTOS

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: 13/12/2023

Documento assinado digitalmente
gov.br ADRIANA DOS SANTOS FERNANDES
Data: 15/12/2023 10:56:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. ADRIANA DOS SANTOS FERNANDES, UERJ
(Examinadora Externa à Instituição)

Documento assinado digitalmente
gov.br TANIELE CRISTINA RUI
Data: 16/12/2023 07:29:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. TANIELE CRISTINA RUI, UNICAMP
(Examinadora Externa à Instituição)

Documento assinado digitalmente
gov.br CARLY BARBOZA MACHADO
Data: 15/12/2023 10:11:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. CARLY BARBOZA MACHADO, UFRRJ
(Presidente)

Documento assinado digitalmente
gov.br RAFAELLA TELLES DOS SANTOS
Data: 29/12/2023 12:15:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

RAFAELLA TELLES DOS SANTOS
(Mestranda)

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico aos orixás, mulheres, crianças, amigos e entidades que nunca me deixaram estar sozinha.

Agradeço ao tempo, às pausas, e às trocas. Agradeço às decisões difíceis.

Aos demais integrantes do CORRE, obrigada pelas leituras, sugestões, escutas, piadas e acolhimento. Vocês são preciosos.

Obrigada, Carly, pelo incentivo, pela sensibilidade e paciência em participar de forma tão cuidadosa dos desafios que esse projeto trouxe.

Aos que sabem que são minha família, esse trabalho só se concretizou pelo nosso cuidado cotidiano, pelas comidas, colos, choros e risos. Cada idéia que elaboro aqui tem um muito de cada bobeira teatralizada que brincamos pelas cozinhas.

Por fim, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRRJ pelo compromisso e respeito com seus alunos, me senti em casa ao longo destes anos. E a Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro para realização deste trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

SANTOS, Rafaella Telles dos. 2023. **Escrita em relações extremas: Drogas, Cuidados, anestésias e horizontes de recuperação** 92p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2023.

Ao longo desta dissertação me dediquei a pensar, a partir de uma escrita autoetnográfica, sobre um núcleo de relações que qualifiquei como relações extremas, marcadas por uma dinâmica de esgarçamentos contínuos vividos num certo domínio do mundo das drogas. A partir do acionamento de memórias e de conversas com outras interlocutoras, falo de algumas dinâmicas que aparecem nas relações entre uma rede de mulheres adultas e suas filhas crianças. Nessas relações, marcadas pelo sofrimento da drogadição, são desenvolvidas estratégias de vivência e sobrevivência marcadas por dinâmicas específicas de cuidado, de acionamento de identidades, de regulação de corpos, anestesia e recuperação. Para isso, faço uma discussão em torno da escrita como uma das minhas principais estratégias epistemológicas e metodológicas, trazendo contos e personagens que me ajudam a enfrentar barreiras de sofrimento na pesquisa e participam, como verdades ficcionadas, da apresentação e formulação das análises por eles anunciadas.

Palavras-chave: drogas, escrita, recuperação, cuidado, sofrimento.

ABSTRACT

SANTOS, Rafaella Telles dos. **Writing in extreme relationships: drugs, care, anesthetics and horizons of recovery**. 2023. 92p. Dissertation (Master Science in Social Sciences) Institute of Humanities and Social Sciences, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2023.

Throughout this dissertation, I have dedicated myself to contemplating, through autoethnographic writing, a core of relationships that I have defined as extreme relationships, marked by a continuous fraying dynamic experienced within a certain realm of the drug world. By tapping into memories and engaging in conversations with other interlocutors, I discuss certain dynamics that surface in the relationships between a network of adult women and their young daughters. In these relationships, characterized by the suffering of drug addiction, strategies for living and surviving are developed, marked by specific dynamics of caregiving, identity activation, body regulation, anesthesia, and recovery. In doing so, I engage in a discussion about writing as one of my main epistemological and methodological strategies, bringing forth tales and characters that aid me in facing barriers of suffering in research and participate, as fictionalized truths, in the presentation and formulation of the analyses they herald.

Keywords: drugs, writing, recovery, caregiving, suffering.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
PARTE I – A ESCRITA.....	15
1 Alice.....	22
2 Monica.....	23
3 Rita, eu e Monica.....	26
4 Rita – Recuperações.....	28
PARTE II – O PRESENTE DO PASSADO.....	29
Conto 1 – Escrever: corpo, memória e tempo.....	29
1.1 Escrever: o presente das memórias.....	32
1.2 Corpo, memória e tempo.....	35
Conto 2 – Mães e filhas: abandono e cuidado.....	40
2.1 Família abandonante.....	42
2.2 Cuidado entre mães e filhas.....	43
Conto 3 - Cuidado entre filhos.....	49
3.1 Uma rede de cuidados	50
PARTE III- FUTUROS INCERTOS.....	57
Conto 4 – Várias Vidas	57
4.1 Situando Rita – emaranhamentos.....	60
Conto 5 – Perigosas e confiáveis.....	62
5.1 Comunidade.....	64
5.2 A recuperação acima de tudo.....	66
5.3 Corpos em recuperação: trabalho e relacionamentos	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	91

INTRODUÇÃO

Para apresentar a pesquisa que desenvolvo, tenho gostado, antes de tudo, de dizer que ela pode ser lida como uma experimentação de escrita etnográfica, apesar de não ser essa, necessariamente, a discussão central. Eu passei por diversas temáticas e antes de tomar a decisão de pausar na que tenho agora, já na reta final da elaboração da dissertação, foi a escrita que me conduziu por todas as temáticas e campos que passei e, desde quando entendi o tema que ficaria para a versão final, é também ela que tem me direcionado entre perguntas, temáticas e elaborações.

Durante a maior parte do mestrado eu vivi a angústia de não conseguir resumir minha pesquisa ou apresentá-la sem ficar com a sensação de que faltava um delineado, uma forma para delimitar o que eu estava falando. Por outro lado, eu falava de muitas coisas que dialogavam entre si e estavam situadas em um campo, mas deixavam a sensação de estar “soltas”. Essa angústia foi resolvida com a escrita, quando entendi junto com minha orientadora que ela não apenas tinha o potencial de costurar o que estava solto, mas tinha desde o início me conduzido para a formulação de todo o conteúdo que já existia. Cabe então retomar alguns passos que dei antes de chegar nisso.

Eu entrei no mestrado com um projeto que vinha como uma extensão da monografia, falando sobre as disputas no campo ayahuasqueiro, e em determinado momento comecei a priorizar aquelas que envolviam a definição da substância como droga para criminalizar seu uso em determinados contextos. Em pouco tempo, perdi o interesse nessa discussão e me aproximei do campo das casas de recuperação. Nesse momento, eu tirei a droga do centro do debate e fiz um recorte de gênero. Eu queria delimitar o campo a partir das trajetórias de mulheres que já haviam passado por casas de recuperação, mas não estavam mais “do lado de dentro” dessas instituições. Assim como no campo anterior, eu estava atenta à questão do controle e entendia que pesquisar do lado de dentro me traria limitações para o que eu tinha a intenção de acessar.

Após a qualificação, eu tiro o foco das casas de recuperação e entendo que eu estava, na realidade, interessada na vida de mulheres pobres cujos percursos foram, em algum momento, marcados pelo uso abusivo de drogas. Aqui o meu interesse estava em acompanhar e compreender não apenas as limitações e as problemáticas que se instauram nas vidas dessas mulheres a partir dessas substâncias, mas, principalmente, quais estratégias são construídas e acionadas por elas para desenrolar suas vidas, me desprendendo da necessidade de relatos sobre casas de recuperação.

Depois de um tempo olhando para as trajetórias, entendi que o meu interesse estava, na verdade, nas relações. Uma das minhas interlocutoras é minha mãe e, quando a chave vira das trajetórias para as relações, eu sou puxada para dentro do campo - mesmo que muito contra a minha vontade.

Foi a partir dessa virada de chave, na qual eu passei a falar como filha de adicta, que a autoetnografia se apresentou como o caminho que melhor abraçava as minhas demandas enquanto pesquisadora e, também, as demandas da minha pesquisa, reconhecendo que a minha proximidade constitui uma estratégia para reconstruir narrativas e experiências coletivas. Ao falar de trajetórias disruptivas de mulheres pobres em relações extremas, falo, portanto, também de mim mesma e do que atravessou e atravessa minha vida.

Ao evidenciar que parte da pesquisa acontece a partir da reconstrução de narrativas, cabe destacar que a memória é uma das minhas principais escolhas metodológicas. Para utilizá-la, tenho como inspiração algumas reflexões trazidas por Pollak (1989). Em seu texto “Memória, Esquecimento, Silêncio”, o autor retoma Halbwachs em um trecho que direciona o manejo que utilizei para recuperar e selecionar as memórias que fariam parte deste trabalho. Neste trecho o autor pontua que

em vários momentos, Maurice Halbwachs insinua não apenas a seletividade de toda memória, mas também um processo de "negociação" para conciliar memória coletiva e memórias individuais: "Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum." (HALBWACHS, 1968, apud POLLAK, 1989, p.1-2).

A priorização desses caminhos de análise e seleção das memórias foi um jeito de evitar que memórias pessoais, que poderiam ser atravessadas por muitas questões de perspectiva e inclusive distorções, afetassem a análise que construí a partir delas. Veena Das (2020) pontua que “não estou perguntando como os eventos da Partição estavam presentes na consciência como eventos passados, mas como foram incorporados à estrutura temporal das relações, especialmente tendo em mente o caráter projetivo da existência humana.” (DAS, 2020 p.112). Apesar da minha preocupação com a representação de uma memória coletiva construída sobre uma base comum, essa atenção não representa uma busca por uma verdade absoluta, e sim reconhece que apesar de a memória estar em um lugar de continuidade, ela ainda é situada e isso é valorizado na pesquisa.

Cabe enfatizar que memórias compartilhadas em continuidade não impedem que as personagens possam trazer perspectivas diferentes sobre elas, bem como relatar vivências

variadas a partir delas. Essa variação das perspectivas traz para o trabalho, a partir de cenários compartilhados, as especificidades das vivências das personagens nesses cenários.

Assim, o denominador comum de todas essas memórias, mas também as tensões entre elas intervêm na definição do consenso social e dos conflitos num determinado momento conjuntural. Mas nenhum grupo social, nenhuma instituição, por mais estáveis e sólidos que possam parecer, têm sua perenidade assegurada (POLLAK, 1989, p.9).

Com base nesta compreensão, defino e trago para a pesquisa as categorias de mães e filhas, dando a elas a possibilidade de ser protagonistas em diferentes partes do trabalho e, entendendo que “o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo” (POLLACK, 1989, p.8), as personagens encontram espaço na escrita para ter representadas suas vidas e suas interpretações sobre o passado e sobre o passado no presente. O autor assume ainda que

aquele que, com os instrumentos da história oral, parte das memórias individuais, faz aparecerem os limites desse trabalho de enquadramento e, ao mesmo tempo, revela um trabalho psicológico do indivíduo que tende a controlar as feridas, as tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças pessoais. (POLLACK, 1989, p.10).

O movimento de trazer essa dimensão em um enquadramento que leva em consideração e evidencia, neste trabalho, o lugar da pesquisadora como parte do campo e dos cenários compartilhados nas memórias, traz um desafio que envolve ter na mesma pessoa a responsabilidade de alinhar as lembranças pessoais a imagem que vai se formando como a oficial do passado, e entender e lidar com os limites que surgem nesse enquadramento.

A escrita a partir de relações extremas nas quais eu estou explicitamente imersa me coloca em contato com situações, memórias e relatos repletos de dor e traumas que são meus e que, ao longo da elaboração da pesquisa me fizeram paralisar diversas vezes. Para seguir com o tema sem deixar de acessar o que era necessário para a reconstrução dessas narrativas e também sem ultrapassar os meus limites ou os das outras pessoas que fazem parte dessas relações e me ajudaram a fazer este trabalho acontecer, foi indispensável que seguíssemos (as vidas e a escrita) com uma dose significativa de anestesia. A anestesia na qual está embrenhada a minha escrita e a minha etnografia é uma anestesia que denuncia, a partir do silêncio, as dores nos limites desses corpos, dessas memórias e dessas relações.

Partindo disso, a escrita ganha uma relevância na pesquisa que descentraliza o que eu estava até então entendendo como o central. Apresento o campo como um espaço que precisa ser, de certa forma, protegido e, entendendo que sou parte do campo, sinto também a

necessidade de criar estratégias de autopreservação. Pollak (1989), ao falar do resgate e organização de memórias que envolvem sofrimento, escreve que

Pode-se imaginar, para aqueles e aquelas cuja vida foi marcada por múltiplas rupturas e traumatismos, a dificuldade colocada por esse trabalho de construção de uma coerência e de uma continuidade de sua própria história. Assim como as memórias coletivas e a ordem social que elas contribuem para constituir, a memória individual resulta da gestão de um equilíbrio precário, de um sem-número de contradições e de tensões. (POLLACK, 1989, p.11)

Nesse sentido, para além de ser uma escolha metodológica, uma técnica de representação e comunicação do campo, a escrita no atual trabalho passa a ser também uma questão de pesquisa e o seu manejo passa a ser uma estratégia para que a discussão proposta seja possível. Ao longo do trabalho, exploro a escrita através de contos que, trazendo personagens e situações cotidianas, iniciam conversas e temáticas que desmembram nas discussões propostas e, analiticamente, para dar conta dessas discussões, eu priorizo três eixos temáticos: corpo, memória e tempo. Foi a partir da escrita, portanto, que encontrei a possibilidade de fazer a gestão, no texto, desse sem-número de contradições e tensões.

Cabe então apresentar o campo que ficou definido para este trabalho. Ele diz respeito ao que chamo de relações agonísticas de cuidado. A partir do acionamento de memórias e de conversas com outras interlocutoras, falo de algumas dinâmicas que aparecem nas relações entre uma rede de mulheres adultas e suas filhas crianças, em um cenário no qual são desenvolvidas estratégias de vivência e sobrevivência marcadas por dinâmicas específicas de cuidado, de acionamento de identidades, de regulação de corpos, de sofrimento e de recuperação.

Acompanhando essas discussões, eu parto da percepção de que existe uma flexibilidade inerente a essas pessoas, corpos, trajetórias e relações. O campo trazido nesta pesquisa diz respeito a um cenário de relações que se esgarçam, mas não arreventam. De certa forma, o trabalho é, também, sobre a tensão desses esgarçamentos que estruturam o campo. Assim, mães e filhas representam os dois lados da corda que, hipoteticamente, está sendo puxada e representam também o motivo para que esses esgarçamentos não cheguem a ser rupturas.

Sendo o trabalho justamente sobre esses esgarçamentos magnéticos, cabe dividi-lo nessas duas categorias: de um lado, apresento os cenários a partir do protagonismo das filhas, tendo suas dinâmicas, características e estratégias mais corriqueiras colocadas em destaque, e do outro, o protagonismo das mulheres-mães, tendo também as dinâmicas e estratégias colocadas em evidência. Essas categorias, apesar de se mostrarem no corpo do texto de formas separadas, estão em relação constante, criando e sustentando a hipótese da pesquisa.

Tanto no que diz respeito a vida dessas mulheres quanto a vida de suas filhas, eu pretendo acionar as drogas como um recorte que atravessa essas trajetórias e corpos, inclusive como memória, mas enfatizando que essas vidas não estão restritas a esse processo de drogadição compulsória. Reconheço e enfatizo que falar dessas mulheres e de suas filhas, envolve falar de questões como recuperação, trabalho, maternidade, corpo, cuidado, memória, estratégia e resistência, seja olhando para esses dois grupos em ou para cada um deles de forma separada. Cada uma dessas categorias atravessa, de formas diferentes - apesar de cruzadas - esses dois grupos trazidos aqui como alvo da minha observação.

A partir do entendimento de que “a compreensão do fenômeno do consumo de drogas se tornou indissociável do entendimento da rotulação social dessa prática” (FIORE, 2013, p.25) e entendendo a contextualização do que o autor chama de “mundo das drogas” como uma categoria que fala de consumos e circuitos experienciados a partir de significados e interpretações próprias, estabeleço como minha prioridade nesta pesquisa os circuitos e significados que direcionam essas relações.

Fiore (2013, p.38-39), ao retomar que “Se Vargas, seguindo a crítica pós-social, tem razão quando diz que o uso de drogas não ‘tem senhor nem servo’ (Vargas, *ibidem*, p. 603), também devemos pressupor que esse não se passa entre sujeitos anônimos e nem entre substâncias química e socialmente inócuas”, me conduz a explicitar que penso nessas vivências empíricas particulares como parte de um cenário mais amplo acerca das possibilidades de vidas. A partir do atravessamento das drogas, na perspectiva das ciências sociais, reconheço que meu campo diz respeito a apenas uma dessas possibilidades, e faço aqui o exercício de atentar para sua complexidade.

Ao contextualizar a escolha de sua metodologia em um trabalho no qual o autor fala da questão das drogas a partir de experiências vividas entre ele próprio e o seu círculo próximo de amigos, Fiore (2013) fala das entrevistas que organizou como estratégia para chegar nos relatos sobre o tema e pontua que:

Nem tudo é tematizado no cotidiano e o momento reservado para falar de si, mesmo que focado na questão do uso de drogas, inexistente fora dessa situação criada arbitrariamente pela investigação. Ela foi, portanto, fundamental para que a “ilusão da intimidade” pudesse ser controlada, mantendo algum estranhamento e na objetificação possível de um universo tão próximo. Evidentemente, é um processo muito subjetivo e mesmo estranho em um empreendimento científico, mas ao menos ele aponta alguns limites para investigações sobre grupos próximos ao pesquisador e, talvez, para qualquer investigação etnográfica. (Fiore, 2013, p.67)

Apesar de Fiore (2013) ter sido uma referência significativa na elaboração da pesquisa como uma autoetnografia no sentido das “investigações sobre grupos próximos”, ao

ler as descrições dos caminhos pelos quais o autor construiu essa metodologia, percebi que não se adequariam às relações que vivencio no meu campo. Desta forma, uso a pesquisa do autor como suporte e direcionamento na compreensão e definição da pesquisa como autoetnográfica, mas faço a autoetnografia por outros caminhos que são, assim como o dele, subjetivos e estranhos.

Enquanto Fiore (2013) fez uso de gravações de conversas na intenção explícita de chegar em certas retomadas de memórias e compartilhar o que vinha fazendo, criando esse ambiente para “falar de si” e da relação com a droga, esse movimento parte de uma dinâmica que não dialoga ao todo com a das relações no meu campo. No caso das minhas interlocutoras, essa temática aparece com muita facilidade sem que exista a necessidade de construir um cenário onde o tema seja “convidado”. Além disso, tenho a impressão de que a construção de uma abordagem para gravar e retomar memórias direcionadas causaria um estranhamento desconfortável, que traria relatos restritos. Apesar de as minhas interlocutoras saberem que escrevo sobre nossas relações e memórias coletivas, essa informação não interfere no formato espontâneo das nossas relações. O campo tratado, como ficará em evidência mais a frente na pesquisa, apesar de se referir ao passado, também diz respeito a um passado que está a todo momento compondo o presente. Ele é facilmente palpável no cotidiano e o único método necessário para acessá-lo é a manutenção das relações.

Existe um movimento de interação entre as relações e a pesquisa, cujos interesses não estão limitados entre si, mas que se esbarram. Como foi dito anteriormente, assim como Fiore, criei um método próprio, subjetivo e estranho: criei um modo de atenção para o que dessas relações pode ser de alguma forma material para a pesquisa, fazendo com que, quando esse “alerta” é “acionado”, eu compartilhe a escuta da Rafa que se relaciona com a escuta da Rafa que pesquisa. Em contrapartida, em alguns casos, por mais que eu não “chame” o assunto, eu o convido a “demorar” um pouco mais quando ele aparece, demonstrando interesse, direcionando a conversa e dando abertura para que os relatos se estendam.

Enquanto Fiore (2013) parte de relatos de situações e grupos de interação específicos para sustentar sua discussão, para falar do meu mundo das drogas, acredito que a via principal seja partindo das pessoas que o compõem, e a partir de cada uma delas, e das relações entre elas, desmembrar significados, usos e práticas.

Sabendo que as pessoas compõem a parte central do campo de relações a partir do qual se constrói este trabalho, apesar de não trazê-las todas aqui de maneira explícita, espero ter encontrado na escrita o caminho para que todas possam ser representadas de maneira

respeitosa e segura. O papel da escrita será explicado com mais atenção na Parte I deste trabalho. Retomo, a nível de organização, que autoetnografia, memória e escrita são as minhas principais escolhas metodológicas.

No que diz respeito à estrutura, o trabalho é dividido em três partes. Na parte II, eu faço uma apresentação das pessoas-personagens que compõem a pesquisa e trago uma reflexão metodológica sobre as minhas escolhas em torno da escrita, que reforço como sendo parte fundamental e estruturante do que desenvolvi neste trabalho. Na parte 2, falo de redes agonísticas de cuidado. Nesta parte, fica explícito o que se evita (adoção, fome) e o que se cria - uma horizontalidade sofrida e flexível entre partes que não deveriam necessariamente ser tão horizontais, mas ao mesmo tempo que mantém a rede funcionando. Na parte III, falo de horizontes de recuperação em modelos diferentes - e que por isso tem a ver com futuro. Fica evidente que nem todo mundo tem o projeto de nomear a recuperação ou construí-la como algo mais sólido e estável. O trabalho é a representação da estabilidade, que não existe sem as condições materiais; os relacionamentos não têm o potencial para estabilizar uma vida, mas atuam na manutenção de uma instabilidade direcionada. Por outro lado, a presença da relação ou não com o tempo futuro aparece em destaque como algo central na manutenção dessas vidas.

PARTE I – A ESCRITA

Nesta etapa do trabalho, como mencionei anteriormente, pretendo formular a minha proposta de escrita antropológica. Lila Abu-Lughod (2020, p.54) ao discorrer sobre os desafios e perigos de produzir uma escrita narrativa acerca de cenários que não são lineares, aponta que “o que pode, em parte, atenuar essas dificuldades do processo de construção de uma narrativa é a explicitação, como tentarei fazer, do modo como o trabalho foi feito”. Acompanhando a autora, nesse sentido, tenho como uma das escolhas centrais do trabalho manter explicitados os caminhos tortuosos pelos quais pesquiso e escrevo. George Marcus (2016), em “A escrita da cultura”, retoma obras etnográficas de Abu-Lughod e, ao escrever sobre a proposta etnográfica trazida pela autora em seu livro “A escrita dos mundos de mulheres”, resume que

Essa crítica do conceito de “cultura” justifica a estrutura narrativa do livro: cada capítulo tem um título que remete a um conceito da teoria antropológica clássica (“patrilinearidade”, “poliginia”), sendo composto por um conjunto de histórias sobre membros da aldeia beduína etnografada. A ideia é provocar um efeito de contraste entre a “aridez” dos conceitos antropológicos e a vida “tal como ela é”. [...]. Ao optar por escrever um “livro de histórias”, a intenção de Abu-Lughod é assim romper com a “palpabilidade” do conceito de cultura, que fixaria de forma indesejável as fronteiras entre “nós” e “outros.” (recortes meus, MARCUS, 2016, p.17)

Entendo que a escolha de Abu-Lughod (2020) por uma escrita narrativa, delimitada por ela como a escrita em formato de “livro de histórias”, está associada a uma negação de fronteiras fixas e demarcadas sobre os grupos estudados, acreditando em um formato onde se contam histórias e relatos para falar das vidas e relações de forma menos limitante. Ao invés de insistir em uma busca por defini-las ou enquadrá-las em algum conceito antropológico de maneira direta ou exclusiva, ajustando o campo aos conceitos, a proposta é que os conceitos apareçam a partir do campo e de suas histórias. Essa escolha vem alinhada, como foi trazido pela autora, ao movimento de romper com a palpabilidade do conceito de cultura.

Da minha parte, essa escolha tem a ver explicitamente com a dinâmica na qual as relações acontecem no campo. Antes dessa reflexão, que direcionou a maneira como escrevo sobre o campo, lidei com a dificuldade de enquadrar essas relações em formatos coesos e lineares, tanto textual quanto conceitualmente, e foi a partir disso que encontrei na proposta de Lila Abu-Lughod (2020) um caminho reflexivo que me direcionou para o que apresento aqui como minha proposta de escrita.

Gostaria que as histórias deste livro, ao revelar como os diversos elementos dessas descrições, embora muitas vezes presentes, não necessariamente apresentam a forma esperada ou se encaixam precisamente em padrões simples, permitissem uma

reflexão mais sutil sobre essas caracterizações sociológicas e culturais. O forte contraste entre o enquadramento analítico simples - indicado pelos títulos abstratos dos capítulos - e o seu conteúdo complexo, que consiste em discussões, experiências e histórias detalhadas e, muitas vezes, altamente pessoais, pretende justamente produzir essa dissonância. (ABU-LUGHOD, 2020, p.55)

Ao longo do texto, procuro deixar explícito que as relações no campo que pesquiso têm limites que são testados a todo momento, em uma dinâmica que chamei de esgarçamentos, justamente porque eles se “esticam” e se moldam em contextos conflitivos, instáveis e fragmentados. Abu Lughod (2020, p.33) escreve, sobre seu tema e sua proposta de escrita, que “na vida, no momento em que foram narradas no Egito, essas histórias e conversas não estavam separadas por temas, ao menos não por esses temas”. Retomo, desta forma, que a escolha de escrita e de estruturação da pesquisa tem como pano de fundo o contraste entre a aridez dos conceitos antropológicos e a vida tal como ela é.

Na dinâmica que abordo nesta pesquisa, as pessoas estão imersas em um emaranhamento que se esparrama por entre os espaços dessas relações, colocando em jogo os acionamentos de limites, controles e sentimentos. Na apresentação do livro de Abu Lughod Maria Claudia Coelho (2020) retoma a noção de “discurso” de Foucault e escreve que “as emoções precisariam ser entendidas sob uma perspectiva micropolítica, ou seja, como algo que diz respeito essencialmente ao contexto de interlocução, dramatizando, reforçando ou alterando as relações entre os interlocutores” (COELHO, 2020, p.16). À luz dessa perspectiva, se tornou inevitável, ao longo da escrita, pontuar que as emoções que fazem estas relações acontecerem se esparramam inclusive através do tempo, e são afogadas também por esse tempo que se esparrama por entre elas. Trazê-las para a pesquisa de uma maneira fixa, sem dar espaço para elas se deslizarem entre uma sessão e outra, seria trazê-las para o texto em um formato que limitaria o que é possivelmente o detalhe mais constitutivo da minúcia de sua complexidade.

Para falar dessa fluidez das pessoas esparramadas nas relações, é indispensável que se tenha em mente que o campo não está definido por um lugar ou algo que se possa delimitar, já que se trata de relações entre pessoas ao longo do tempo. O campo diz respeito não apenas ao que acontece nas relações, mas aos sentimentos e estratégias que podem aparecer tanto nas relações quanto na pesquisa. “É a partir da descrição de experiências e engrenagens sociais que podemos assinalar a corporalidade precária vivida a partir do próprio espaço urbano.” (RUI, 2017. p.25). Para além dos acontecimentos em si, me interessa compreender qual a atmosfera que os circunda. Com isso, mais uma vez, me deparo com os desafios em torno da definição de uma abordagem que mantenha diálogo com o campo. George Marcus (2016), ao

escrever sobre a obra “vozes do meio-fio”, retoma um questionamento que me acompanhou ao longo de todo o processo

Presente, assim, o tópico pós-moderno da desconstrução do conceito de “cultura”, em particular em sua fantasia de coesão, incompatível com a natureza mesma do problema examinado. E desconstrução essa de graves consequências metodológicas: como definir “amostra”, como falar em “representatividade”, se o universo pesquisado não é nem mesmo uma cidade grande em si, nem algo que nela acontece, em um lugar ou hora específicos, por obra de grupos definíveis, mas um ambiente, um clima? (MARCUS, 2016, p.18)

Entender o campo como um “ambiente”, uma “atmosfera”, e a partir disso mergulhar nas possibilidades etnográficas até encontrar uma que fosse viável para o “clima” que circunda e compõe o que pesquiso neste trabalho, foi um entendimento que me possibilitou encontrar na escrita a solução. A partir da ruptura com a “fantasia de coesão”, encontrei na escrita a solução para o que desafiava o andamento do trabalho. Quer dizer, a intenção de apresentar e elaborar no texto as dinâmicas dessas relações fragmentadas, só passou a ser possível a partir da fragmentação do texto. Ainda no que diz respeito a obra “Vozes do meio-fio”, de Hélio Silva e Claudia Milito, George Marcus (2016) pontua que

A opção proposta é a opção pelo episódico, pelo fragmentado. São histórias, personagens que se entrelaçam para compor um quadro que descreve um ambiente, uma percepção coletiva e difusa sobre estes integrantes excluídos na cena urbana, cuja exclusão se dá justamente por estarem, em um curioso paradoxo, restritos ao espaço público urbano - a rua. [...]. Neste sentido, a fragmentação é a marca deste projeto. A experiência dos meninos é fragmentada, as anotações de campo o são, e assim é o texto etnográfico. (recortes meus. MARCUS, 2016. p.19)

Discorrer sobre os desafios da linearidade da escrita em um cenário fragmentado, conflitivo e extremamente temporal, onde quem escreve é atravessada explícita e intimamente pelo campo, traz desafios não só para a estruturação da escrita em sua forma final, mas também para o desenvolvimento da pesquisa enquanto ela acontece. Assumir a “fragmentação como a marca do projeto”, nesta pesquisa, diz respeito também a assumir os silêncios do campo.

O presente trabalho trata de vidas que se enquadram como sendo marcadas por uma categoria de violência que Veena Das (2020) escreve com tendo um sentido de passado contínuo. À esse tipo de violência a autora não coloca em negação a possibilidade de que o tempo realize o que ela chama de “seu trabalho de escrita, reescrita ou revisão” (DAS, 2020, p.128). No que diz respeito às violências marcadas por eventos críticos, como a Partição da Índia, a autora sequer considera que essa escrita do tempo seja uma possibilidade. Sobre elas, Veena Das (2020, p.130) sugere que “o que se torna o não narrativo dessa violência é o que é

indizível nas formas da vida cotidiana. (...) Ou seja, essa experiência da violência levanta certas dúvidas sobre a própria vida e não apenas sobre as formas que ela poderia tomar.”

Apesar de a violência súbita e traumática que fazia parte da Partição não poder, como foi trazido por Veena Das (2020), realizar o seu trabalho de escrita, reescrita e revisão, muitas vezes sendo pautada no silêncio do trauma, a violência da trama cotidiana por vezes encontra esse espaço, inclusive em diálogo com outros atravessamentos que não o da violência. Considero a presente pesquisa como um espaço para que esse trabalho do tempo se realize e para que seus limites possam ser tocados, conhecidos e, sobretudo respeitados.

A estruturação do trabalho, com seus fragmentos, faltas e caminhos que aparecem e não se desenvolvem da maneira como poderiam, é não apenas uma escolha de escrita, mas um acontecimento do fluxo do trabalho do tempo e do que foi acionado ao seu redor enquanto foi sendo escrito, elaborado e organizado. Desta forma, a fragmentação se dá tanto pelas relações quanto pelos métodos, que envolvem relatos, memórias e brechas de coisas que não são ditas. A escolha da escrita como estratégia para trabalhar com esses materiais, se materializa a partir de verdades ficcionadas. Ao escrever sobre a relação entre verdade e ficção nos termos que se colocam a partir da era romântica, Jacques Rancière (2009) escreve que

A ordenação ficcional deixa de ser o encadeamento causal aristotélico das ações ‘segundo a necessidade e a verossimilhança’. Torna-se uma ordenação de signos. Todavia, essa ordenação literária de signos não é de forma alguma uma autorreferencialidade solitária da linguagem. É a identificação dos modos da construção ficcional aos modos de uma leitura dos signos escritos na configuração de um lugar, um grupo, um muro, uma roupa, um rosto. (...). A ‘ficcionalidade’ própria da era estética se desdobra assim entre dois polos: entre a potência de significação inerente às coisas mudas e a potencialização dos discursos e dos níveis de significação. (RANCIÈRE, 2009, p.55)

O esforço de explicitar o papel da escrita como uma questão epistemológica, principalmente reconhecendo que ela surge com uma função quase que de sobrevivência da pesquisa, se dá como fruto do compromisso de assumir o caráter conflitivo não apenas do campo, mas neste caso, também da pesquisadora no/com o campo. Ao longo da pesquisa me deparei em diversos momentos com limitações no manejo das relações, principalmente no momento de colocar em texto relatos que me atravessavam a partir do sofrimento. Neste sentido, no atual trabalho, foi a ficcionalização da escrita que viabilizou que ganhassem espaço no texto o que Rancière (2009) chamou de “potência de significação inerente às coisas mudas”.

Cabe evidenciar que essas brechas e ficções que aparecem explicitamente no meu trabalho, em um movimento de assumir que nem tudo é verdade exatamente da maneira como aconteceu, mas nada é mentira, na verdade são parte de todo trabalho etnográfico,

principalmente os que envolvem relatos e memórias, inclusive porque as histórias contadas foram vividas a partir de diferentes ângulos e são contadas e compartilhadas a partir de diversas perspectivas de memórias. A escolha de evidenciar isso no texto também se trata de um movimento de legitimar esses preenchimentos “fictícios” como uma etapa importante dos trabalhos etnográficos que envolvem histórias contadas, relatos e recuperação de memórias.

Começo a resolver essas dificuldades na escrita, com a criação de personagens e, a partir disso, a elaboração de contos se apresenta como a solução que complementa a anterior. Os contos são construídos a partir de relatos cotidianos e de memórias, e se apresentam como o espaço no qual as personagens ganham maior autonomia para se apresentar ao leitor. Tento trazer para o texto, a partir dos contos, tanto a flexibilidade quanto os esgarçamentos das personagens e das relações deste campo.

A construção das personagens surge na escrita como uma estratégia de viabilização da pesquisa e de proteção, tanto para as crianças e mulheres que são tratadas aqui quanto para mim mesma. A partir disso, afirmo que os contos e as personagens surgem para lidar com a inviabilidade de outros formatos de escrita e, para além disso, garantir uma apresentação possível, justa e segura do campo, dos sujeitos, e das relações. Ainda em diálogo com Abu-Lughod (2020), cabe trazer para a discussão um dos trechos que me inspiraram nessa reflexão. Nele, a pesquisadora escreve que

falando sobre modos de escrita sobre sociedades, Jackson (1989, p.186) observou que “o valor e o lugar de estilos discursivos distintos precisam ser determinados pela situação em que nos encontramos e pelos problemas que discutimos”. Um livro de histórias não pode apresentar, da forma sistemática ou nos termos teóricos nos quais os antropólogos geralmente trabalham, a lógica da vida social na comunidade que estudei. (...) Este livro de histórias pode, contudo, ser relevante para um conjunto de preocupações teóricas sobre a política das representações. (ABU-LUGHOD, 2020, p.44)

Para além de ter nos contos minha principal estratégia para amenizar conflitos internos que impediam o andamento da pesquisa, a escolha desse recurso como caminho de escrita metodológica e epistemológica, é também uma estratégia de trazer para a discussão uma dimensão das relações que evidencia, a partir de relatos do cotidiano e da protagonização das personagens, os conflitos, o tempo, os sentimentos, as dores e as motivações que atravessam essas relações. Abu-Lughod (2020, p.51) pontua que “ao olhar de perto para indivíduos específicos e suas relações em mudança, é possível também subverter as conotações mais problemáticas da “cultura”: a homogeneidade, a coerência e a atemporalidade.”. Tendo em vista os diversos caminhos pelos quais eu chego nas informações que me inspiram para as discussões que desenvolvo ao longo da pesquisa,

envolvendo relatos e memórias minhas e de diversas outras pessoas em diversos tempos, o texto, como reflexo do campo, tem em si a marca da fragmentação, que dificilmente seria bem representada em um texto antropológico padrão, homogêneo e linear.

O esforço para produzir descrições etnográficas gerais das crenças e ações das pessoas arrisca suavizar as contradições, os conflitos de interesses, as dúvidas e as brigas, além das alterações nas motivações e nas circunstâncias históricas. Além de sua fragilidade teórica, esse apagamento do tempo e dos conflitos é enganoso, pois faz com que aquilo que se situa dentro da fronteira delimitada pela homogeneização pareça essencial e fixo. (ABU-LUGHOD, 2020, p.46)

Neste trabalho, uma das minhas apostas é que essa valorização do tempo e dos fragmentos no texto encontra nos contos, a partir das personagens que compõem a pesquisa, espaço confortável para explicitar as camadas mais humanas e cotidianas dessas relações. Acredito que para falar de relações, dando conta de apresentar os lados que a compõem saindo do discurso da representatividade, é preciso falar dos sujeitos que as fazem acontecer e deixar que eles também falem por si. A valorização das personagens para apresentar essas relações é uma forma que acontece espontaneamente, se apresentando como um caminho para evitar a despersonalização dessas mulheres. Lila Abu-Lughod (2020), ao discorrer sobre o papel das particularidades para acessar o que mais importa na pesquisa, que é a maneira como as pessoas vivem suas vidas, explica que

ao enfatizar a particularidade das experiências dessa menina, ou daquele casamento específico, e ao construir um retrato da poliginia ou da honra a partir de discussões, recordações, conflitos e ações de indivíduos, é possível tornar tangíveis alguns problemas teóricos mais amplos. [...]. Esses recursos mostrariam que, dentro de discursos circunscritos (que podem ser contraditórios e que certamente estão mudando ao longo da história), as pessoas definem estratégias, sofrem, contestam interpretações sobre o que está acontecendo - resumindo, vivem suas vidas. (recortes meus. ABU-LUGHOD, 2020, p.51)

Tendo então como prioridade conhecer as dinâmicas que mantém essas relações, destaco que o protagonismo das personagens na pesquisa aponta para o papel que estas relações empenham na formação de sujeitos. Se estou falando de formação de sujeitos a partir dessas relações, principalmente tendo em vista a centralidade das dinâmicas de cuidado que trarei com mais atenção na parte 2, a valorização dos sujeitos é indispensável para a construção do texto. Eu falo de como são construídas essas subjetividades a partir desses contextos, que apresento em forma de narrativa. Uma das maneiras de construção desse conhecimento em torno das subjetividades trazida por Veena Das (2020) diz respeito a uma reformulação a partir do conhecimento venenoso, que ela chama de conhecimento pelo sofrimento. Sobre isso, a autora escreve que

como argumentei no capítulo anterior, foi por meio do ato de testemunhar que Asha e as suas parentes mulheres transfiguraram esse conhecimento venenoso em reconhecimento do ser do outro, constituindo assim um conhecimento pelo

sofrimento. Mas as histórias de discórdia e traições não desaparecem, pois permanecem suspensas e podem invadir o presente sem aviso prévio. (DAS, 2020, p.118)

Considero importante destacar que os conhecimentos que perpassam os sujeitos da minha pesquisa não dizem respeito a conhecimentos apenas pelo sofrimento, essas subjetividades são construídas a partir dessas relações, que são cotidianas, e envolvem sofrimento, cuidado, drogas, autonomia, concordâncias, discordâncias e diversas outras chaves analíticas. Se escrevo esta pesquisa a partir de uma posição de dentro destas relações, reconheço que subjetivamente também sou atravessada pelo que se passa com as personagens que aparecem aqui. A estratégia de uma escrita fragmentada a partir dos contos, para além da relação com um campo fragmentado, diz respeito a uma escolha que surge para lidar com dificuldades que surgem para acessar determinadas informações do campo e, com elas, para organizá-las no texto. Essas dificuldades, na maioria das vezes, refletiam limitações da minha própria relação com o campo, que é também fragmentada.

Desta forma cabe dizer, com grande ênfase, que essas estratégias, às quais me refiro aqui como soluções de escrita, foram pensadas especificamente para esse trabalho. Quando digo isso, reforço que essa é uma solução para um trabalho que envolve minha vida, minha mãe, minhas relações, minhas memórias e falo, sobretudo, de uma solução de escrita para uma autobiografia que envolve dor.

Apesar de confiar nos contos para a apresentação das personagens, acredito que elas merecem um espaço deste trabalho destinado a essa explicação de maneira mais cuidadosa. O meu campo parte de um grupo de mulheres maior do que a quantidade de nomes que vai ser trazida aqui, mas acredito que todas as mulheres que fazem parte do meu campo estão presentes no texto. Além disso, cabe retomar e enfatizar o que me fez tomar essa decisão: todas as mulheres representadas na pesquisa representam relações que me atravessam, pessoalmente, de alguma forma. A escolha de compactá-las em personagens, juntamente a escolha de situar essas personagens através de contos, é uma forma de amenizar a exposição na pesquisa. Além disso, torna suportável a escrita sobre um campo que carrega sofrimento, dor e traumas. Os principais nomes que aparecerão ao longo da pesquisa são três: Alice, Rita e Monica.

Parto do princípio de que todas as três são múltiplas. Monica é várias por causa do tempo, Rita e Alice são várias porque elas juntam e representam várias outras mulheres. Tanto Alice quanto Rita tomam essa forma espontaneamente, e revelam que o que há em comum entre essas vidas que são por elas representadas, é bem mais relevante do que o que

as diferenças, no contexto desta pesquisa. Para além de serem pessoas que preenchem com suas individualidades os lugares que ocupam nas relações, o que fica em evidência aqui, principalmente no caso das crianças, é que elas ocupam esses lugares de maneira bastante emaranhada. Monica, em contrapartida, não se trata de uma personagem, sua multiplicidade aparece pela maneira como ela é várias Monicas ao longo do tempo, inclusive, fazendo o agenciamento dessas identidades de maneira consciente.

A primeira a tomar o espaço de apresentação no texto é Alice. Sugiro que o leitor perceba que apesar de a apresentação desta personagem ser mais curta que as demais, ela sintetiza de maneira prática o caminho que percorri para a elaboração da proposta de escrita que me propus a apresentar nesta etapa do trabalho. Nela, fica em evidência não apenas a personagem como parte do texto, mas o que essa escolha de escrita representa.

1. Alice

Alice surge na escrita, como uma representação de mim e das outras crianças que me acompanharam no contexto de tempo passado trazido neste trabalho. Ela surge na dissertação enquanto eu escrevia relatos separados a partir de memórias sobre minha infância com essas outras crianças. A partir da retomada coletiva com as memórias também dessas outras pessoas, que compartilharam a infância comigo, notei grande proximidade e tomei a escolha de compactar histórias, memórias e pessoas, ao invés de apresentá-las individualmente.

O principal motivo pelo qual Alice é a personagem que inaugura essa decisão é o sofrimento. O movimento de acessar esses outros filhos com os quais compartilhei a infância, buscando retomar essas memórias, era um movimento perigoso para todos nós. Acessar determinadas memórias era esbarrar em dores compartilhadas e na possibilidade de acessar determinados traumas. Insistir nessa tentativa com esses outros filhos, era investir no risco de abrir uma caixa de pandora. Também por esses motivos, não me estenderei ao falar de Alice nesta etapa, e darei a ela maior espaço e autonomia para falar por si ao longo da dissertação.

Em um certo momento da pesquisa, em um diálogo com uma dessas outras crianças (que no tempo da conversa, já não era mais uma criança), fui levada a conhecer histórias que eu não queria e que me causaram extremo desconforto. A partir dessa situação, entendi que esse risco era coletivo e que seria preciso criar outra estratégia para colocar determinadas pautas em diálogo. Uma dessas estratégias foi a valorização do silêncio, sustentando como parte válida da pesquisa aquilo que não aguento colocar nela de maneira explícita; outra delas

foi Alice, que vem como um guarda-chuva sobre mim e minhas amigas-primas. Posso enxergar Alice no espelho do meu passado e acredito que as outras meninas que caminhavam ao meu lado também hoje a tenham em seu reflexo.

2. Monica

Monica é uma mulher com mais de 50 anos, solteira, pobre, ex usuária de cocaína e que se reconhece enquanto adicta em recuperação. Cristã e devota de Nossa Senhora Aparecida. É minha mãe e interlocutora da pesquisa. Pequena, barraqueira e com voz rouca de cigarro, se encaixa na fala popular que diz que “as baixinhas são as mais bravas”. Como pontuei anteriormente, dos três nomes Monica é aquele que não fala de uma personagem.

O investimento em manter Monica e minha relação com ela na pesquisa de maneira explícita e sem a cobertura que a construção de uma personagem poderia trazer, é uma escolha que tomo a partir da percepção de que é nessa relação onde consigo acessar de maneira mais crua a flexibilidade e os esgarçamentos que atravessam a relação do grupo como um todo. Monica, assim como os contos, inaugura temáticas que perpassam toda a pesquisa.

Eu morei com Monica até os meus 18 anos e boa parte das descrições que aparecem em torno do seu período de drogadição foram vivenciadas no meu cotidiano daquela época. Apesar de ter escolhido morar com ela durante todo esse tempo, a nossa relação foi, durante muitos anos, fundamentalmente marcada por conflitos, inclusive quando já não morávamos juntas.

Monica atuou por mais de 10 anos como profissional da área de saúde e, no auge do seu período de drogadição, foi aposentada por invalidez. Em seguida, ao ser resgatada por um de seus irmãos, aceita ser internada em uma casa de recuperação, onde viveu por 9 meses. Após a saída da casa de recuperação, em um contexto que será retomado mais para frente, a retomada de vida e da autonomia se dá a partir do trabalho como faxineira, como já havia feito anos antes, na época em que ainda não era concursada. Essa experiência, assim como sua recuperação, é vivida um dia por vez.

Durante os 9 meses em que estive internada em uma casa de recuperação, meu contato com Monica esteve restrito a trocas de cartas semanais, que giravam em torno principalmente de atualizações sobre a semana dela e desabafos sobre a rotina dentro da casa de recuperação, enquanto eu a atualizava vagamente sobre a minha vida, em um movimento

de dar apoio e tranquilizá-la sobre a decisão de permanecer internada. Nessa época, vivenciamos o período de maior harmonia no nosso contato, já que entre uma carta e outra, não sobrava muito tempo ou espaço para que qualquer discussão se sustentasse. A prioridade era que cada uma se mantivesse informada e despreocupada sobre a outra, na medida do possível.

Após a saída da casa de recuperação, o meu contato com Monica se manteve constante e, de certa forma, estável. Com contatos frequentes, praticamente diários e conflitos de pouca relevância, surgiu espaço para que criássemos expectativas em torno de uma relação com menos atritos. Durante esse período, a relação se manteve em torno de um conteúdo que em alguma medida remetia ao que construímos com a comunicação de cartas, mas tomando outra dimensão e formato. Quer dizer, o conteúdo da relação ainda se dava em torno de atualizações da vida e do dia a dia, mas agora de forma mais detalhada e cotidiana, já que passou a ser feito por WhatsApp ao invés de cartas e com uma frequência que se aproximava de ser diária, ao invés de semanal.

Essa intensificação do contato abriu espaço para que nos (re)conhecêssemos e reaproximássemos de forma mais cotidiana, fortalecendo um laço que vinha sendo desgastado há bastante tempo; ao mesmo tempo, evidenciou a necessidade de redefinir os limites e expectativas. É na brecha entre essas mudanças de cenário e contatos que ficam, flutuantes, as distâncias e proximidades possíveis e reais da relação. E é na mediação dessas distâncias e proximidades que a relação acontece.

Nesse sentido, surge uma dinâmica não dita, onde os interesses vão sendo demandados e regulados das duas partes, sendo a responsável pela maior parte das demandas a Monica e eu a responsável pelas regulações. Para Monica, foi como se a recuperação a permitisse retomar a vida do ponto em que “parou”, colocando o período de drogadição em uma categoria de “apagão”, ou brecha no tempo-espaço.

Nessa retomada de contato após a saída de Monica da casa de recuperação, a dinâmica na qual a relação se construiu nesse tempo entre eu e minha mãe também tem a ver com essa flexibilidade. É uma relação onde, mesmo quando se está dentro, existe uma disposição racional para estar fora a qualquer momento. Se trata de entender que mesmo estando dentro e esse dentro estar sendo vivido de forma aparentemente estável, sempre existe a possibilidade do conflito. A familiaridade com essa dinâmica, entretanto, faz com que não se viva a relação à luz dessas possibilidades de ruptura ou aproximação, não sendo necessariamente uma relação vivida fora do tempo ou de maneira ansiosa. Mas a mudança de

status é recebida como algo já conhecido. Normalmente, quem dita as regras da relação enquanto ela está acontecendo na proximidade sou eu, e quem faz os movimentos de aproximação ou afastamento é Monica.

Apesar de ter sido o período mais longo de contato constante entre nós duas, nesse tempo eu a observei ter conflitos significativos com diversas pessoas, encontrando, na ruptura desses contatos, espaço para manter sua recuperação, seja por romper com contatos problemáticos para ela, seja pela maneira com a qual fazia essa ruptura (liberando drasticamente qualquer frustração que a estivesse atravessando).

Nesse meio tempo da pesquisa, entretanto, o movimento de explosão e esgarçamento atravessou também a minha relação com Monica. Isso significa que a escrita da pesquisa é atravessada por três momentos dessa relação: um momento em que estávamos mantendo contato constante, um momento de transição e esgarçamento, e um momento em que nosso contato não está acontecendo.

Depois de momentos de desordem, me surgiu uma preocupação, que logo tomou conta e, combinada com a percepção de que era apenas mais um dos momentos em que nossa relação se esgarça, deixou o restante em segundo plano: "e a pesquisa? Como vai ser agora?".

Passei por duas semanas com essa pergunta martelando na minha cabeça e me afastando da escrita, até entender que era justamente sobre isso o que eu vinha falando, sobre essa elasticidade e esses conflitos. Nesse cenário, o tempo da pesquisa é o mesmo tempo das relações e dos conflitos dos quais eu venho falando. Situar a minha relação com Mônica, para além de qualificá-la como inconstante e imprevisível, abre espaço para que eu fale de e a partir de diferentes formatos e status dessa relação.

Posso dizer que durante os meses em que fiquei afastada de Monica, fiquei também afastada de algumas partes da escrita. Isso acusa possivelmente o quão indispensável ela é para a pesquisa, seja diretamente como interlocutora ou indiretamente, a partir de atravessamentos que me geram bloqueios ou ativações outras com a temática. Aqui aparece também de maneira transparente a linha tênue entre a rafa que pesquisa e a rafa que vive o campo.

3. Rita, eu e Monica

Rita representa neste trabalho um emaranhado de mulheres-mães, aqui ela é todas as mulheres do campo selecionadas para a pesquisa e é também nenhuma. Com um compilado de semelhanças entre as trajetórias dos sujeitos adultos que me acompanham na vida e na pesquisa, traço aqui um perfil único, que de alguma forma abrange todas. Cabe ressaltar, entretanto, que a escolha de uni-las em uma só personagem-indivíduo não é um caminho de despersonalizá-las. Rita é minha mãe, as amigas de minha mãe e as mães de meus amigos-primos. É a representação das mulheres-mães no que trago aqui como uma das pontas do eixo que se relaciona com a categoria de filhos, representada por Alice. Parto do princípio de que Monica é quem media, ao menos nos primeiros contatos, a minha relação com Rita.

Rita é uma relação de longo prazo que, durante alguns anos, esteve presente na minha rotina e com quem eu construí ao longo do tempo uma troca de confiança, afeto e cuidado. Nosso contato se deu, primeiramente, ao longo dos anos em que ela e minha mãe estavam “na ativa”, tendo sido a droga o que fez com que Rita frequentasse quase que diariamente nossa casa. Na época, eu ainda morava com minha mãe e o contato com Rita foi consequência do contato entre as duas. Apesar de Monica ter sido a ponte da nossa relação, essa mediação não se sustentou como uma regra. Eu e Rita circulávamos juntas pelo bairro, eu frequentava a casa de Rita, e fui escolhida para ser madrinha de um dos seus filhos – de quem eu cuidava com frequência. Em situações nas quais Monica estava “na rua”, Rita já me acolheu. Quando a prisão calou Rita, foi comigo que ela falou.

Quando saí da casa da minha mãe e me mudei de Petrópolis (a cidade onde cresci e onde Rita e Monica moram), Rita estava presa e, por alguns anos, perdemos o contato. Nesse período, Monica foi internada na casa de recuperação e, apenas quando as duas estavam simultaneamente soltas, eu consegui retomar o contato com Rita, que me procurou através de Monica. A partir disso, nosso contato ganha um novo formato. Se antes nos víamos com grande frequência presencialmente com a mediação de Monica, agora temos o celular como mediador da relação.

Ao longo desses anos nos quais retomamos contato, nossa relação é marcada por idas e vindas; há períodos nos quais nos falamos com bastante frequência e outros nos quais não nos falamos. Não existe um padrão para a pausa e nem para a retomada do contato, é constante que saibamos uma da outra, mas sem uma frequência que se estenda por longos períodos sem interrupção. Esses afastamentos, para além de ser espontaneamente nosso

modo de comunicação, é marcado na maioria das vezes pela troca de número de celular de Rita. Se antes ficávamos sem nos ver por períodos em que Rita estava presa, agora nossos afastamentos se dão em torno da falta ou troca do número de celular, seja aqui por motivo de prisão ou por outros motivos. Após essa troca, fica com ela, nesses momentos, a maior facilidade de me contatar, já que o meu número de telefone é o mesmo há muitos anos.

A retomada de contato com Rita na qual eu decidi trazê-la para a minha dissertação, já no período em que as coisas começavam a se flexibilizar em relação à pandemia, aconteceu exatamente nesses termos. Estávamos há alguns meses sem nos falar e eu fui surpreendida por uma ligação de um número que não conhecia. Ao olhar o celular, vi que tinha recebido desse número diversas fotos de um quadro branco cheio de perguntas de português e um áudio com aquela voz inconfundível, *Rafinha vê aí e me fala as respostas, tem que ser agora*. Enquanto eu a respondia continuava me ligando, agitada com a urgência da situação.

Poucos minutos depois, após ter salvado o número com o nome dela, recebi uma ligação de Rita, que falava rindo e gritando sobre a prova. *Caralho Rafinha tu é foda, passou a turma inteira*. Eu ainda não tinha entendido, mas não demorou para ela me explicar que tinha retomado os estudos, e que a retomada das atividades presenciais no EJA estava sendo já com prova em torno de um conteúdo que, segundo ela, não tinha sido passado direito, então a turma, em consenso, pediu que ela, que é conhecida por ter muitos contatos, conseguisse as respostas. Ela me contava rindo, gritando e sem pausas na fala.

A escolha de criar a personagem de Rita, ao invés de tratar essas mulheres de maneira individual, surge com a percepção de que no contato com essas mulheres, que cotidiana e espontaneamente contam histórias e relembram acontecimentos, muitos dos relatos envolviam mais de uma delas. Assim como pontuei acerca das crianças, apesar dos esgarçamentos, as mulheres também vivem um emaranhamento neste campo, que facilita uma representação unificada de todas elas através de Rita. Esse emaranhamento é bem representado, inclusive, neste tópico tendo em vista que ao começar a situar Rita na pesquisa, não fui capaz de falar dela sem incluir Monica. Se Rita fosse fracionada em todas as mulheres que representa, eu também não conseguiria apresentá-las sem usar as demais como parte do conteúdo.

4. Rita - recuperações

O que aparece no caso de Rita, particularmente, é que sua retomada de vida não se dá nos termos institucionais da recuperação. Entretanto, apesar de não fazer uso do termo, ela esbarra diretamente nas explicações, definições e relatos institucionais no que diz respeito ao conceito de recuperação. Assim como acontece com Monica, a rotina de Rita envolve uma mudança de vida para melhor, envolvendo maior dedicação ao trabalho, volta aos estudos, consciência sobre suas próprias escolhas e uma melhora (em seus termos) nos ciclos de socialização.

Apesar de, assim como Monica, levar a vida baseada em “romper com aquela vida”, sendo essa “aquela vida” direcionada para a vida na qual elas viviam em parceria antigamente, Rita não se encaixa no que Monica considera recuperação. Para além de não se encaixar no que tange a abstinência, ela também não se encaixa no restante da definição de recuperação, que envolve padrões em torno, por exemplo, de comportamentos e vestimentas.

Enquanto Monica vive em prol da recuperação, em um processo contínuo, Rita parece se recuperar para poder viver sem algumas restrições. Não aciona ou vive diretamente o conceito de recuperação, mas fica mediando a vida para chegar em lugares “tranquilos” e se permitir, em seguida ou paralelamente, também “curtir”. O movimento de “curtir”, envolvendo ou não o uso de drogas, não aparece para Monica, a não ser pela reclamação sobre a falta disso. Monica não curte para poder se recuperar, Rita se recupera para poder curtir.

Enquanto Monica, ao falar de sua mudança, aborda de maneira quase ensaiada sobre o que é a recuperação para ela, trazendo etapas a serem cumpridas e critérios rigorosos de validação (alicerçados nos ensinamentos de NA e de CT, fazendo referência direta aos 12 passos), Rita, que não passou por instituições voltadas para recuperação, não usa termos técnicos, mas vez ou outra diz se considerar renovada, levando em consideração a mudança na forma como a droga ocupava e passou a ocupar em sua vida. Monica fala de uma recuperação baseada na abstinência e em se manter “limpa”. Rita não se movimenta nesse sentido, mas procura não ter mais a droga como o centro da sua vida.

PARTE II - O PRESENTE DO PASSADO

Conto 1 – Escrever: corpo memória e tempo

São 5 horas da manhã e Alice aciona o modo soneca do despertador. Ainda está escuro. Apesar da camada pesada de cobertores e dos dois gatos emaranhados entre suas pernas, sente a presença insistente do frio em cada extremidade do seu pequeno corpo. A menina, que há poucos meses fez 13 anos, aproveita o tempo a mais na cama para refazer mentalmente sua rotina e garantir que não vai esquecer de nenhuma de suas tarefas. Lembra que já está vestida, pois na noite anterior se adiantou e dormiu com o uniforme da escola.

O despertador anuncia que seu tempo na cama acabou, mas ela aciona mais uma vez o modo soneca. Pensa se nesse meio tempo sua mãe vai entrar no quarto com seu café da manhã pronto. Fica em silêncio enquanto faz carinho nos gatos. Antes mesmo de o despertador tocar novamente, a menina levanta e vai direto para a cozinha. Acende o fogão com um fósforo e coloca um bule de água para esquentar. Espera em pé em silêncio ao lado do fogão e, dois minutos depois, usa a água aquecida para lavar o rosto e as mãos, evitando a água gelada da torneira. Esquenta mais um pouco e passa seu café. Olha para a porta fechada do quarto de sua mãe, que provavelmente ainda está dormindo.

Desliga o despertador e vê que já se completaram mais 10 minutos desde a última soneca. Tropeça em um dos gatos, que anda aos seus pés, coloca ração, troca a água e limpa a caixa de areia. Sai da cozinha, atravessa o corredor comprido até o banheiro, pega a chapinha no armário que fica embaixo da pia e, passando de volta pelo corredor e pela cozinha, leva para a sala e liga na tomada. Enquanto a chapinha esquenta, volta no quarto e, correndo, confere e organiza os materiais para a escola. Caderno, estojo, um biscoito, uma fruta, e dinheiro para a passagem.

Pensa em voltar para a cama. Atravessa indo e vindo pelo corredor comprido mais uma vez, busca o espelho no banheiro e se senta na sala, com a chapinha agora já quente. A hora seguinte é inteiramente usada para lidar com o cabelo, que entre choros e silêncios, é alisado, na tentativa de se sentir menos diferente das outras meninas que frequentam a escola particular que Alice é bolsista. Quando chega na parte de trás do cabelo, os braços começam a doer e a menina precisa pausar. Balança os braços para acelerar a volta e encara o espelho se imaginando diferente. Pensa em chorar alto para ver se a mãe sem-querer acorda e ajuda com o cabelo. Engole o choro e termina o cabelo na hora prevista.

Guarda o espelho e a chapinha de volta no banheiro e come apressada o café da manhã. São 6:50 e Alice sai de casa para pegar o ônibus das 7h.

Na escola Alice dorme durante todas as aulas, está exausta. Levanta na hora do intervalo e decide usar o dinheiro da passagem com um salgado na cantina, o que faz com que ela precise voltar caminhando para casa. Na volta ela está com uma amiga que é também sua vizinha e voltam juntas, caminhando, conversando e rindo até chegar em casa. A casa de Alice é antes, e a menina, que mora mais para o final da rua, segue caminhando.

Quando Alice vai abrir o portão, percebe que esqueceu a chave em casa, então chama sua mãe para que ela abra. Depois de alguns minutos gritando da calçada sem ser atendida, Alice imagina que ela tenha saído e decide pular o muro e conferir se a porta está aberta. Não está. Alice senta na varanda e espera por algumas horas enquanto faz o dever de casa. Está com fome, já são 15h e a mãe ainda não voltou. Alice chuta a porta até derrubá-la. Entra em casa impressionada com a força de suas pernas, e tenta em vão colocar a porta de volta no lugar. Procura um bilhete da mãe, na esperança de que ela tenha deixado notícias de onde está, mas não encontra nada. Esquenta a comida que a mãe fez no dia anterior e almoça sozinha. Cuida dos gatos, limpa a casa e organiza o quarto. Toma um

banho quente demorado. Pensa que a mãe bateria na porta para apressá-la se estivesse em casa, fica preocupada com a mulher mas lembra das demais vezes em que isso aconteceu e decide seguir sua rotina normalmente até que ela volte. Anoitece e Alice apoia a porta derrubada com um móvel velho para se sentir mais segura. Organiza a roupa e o material para o dia seguinte. Liga o despertador e deita para dormir às 22h.

Alice acorda sozinha e já são 6:30 horas. Não escutou o despertador. Já se passaram seis dias desde que a menina chegou em casa e não tinha ninguém. Levanta correndo e vê que na área externa sua mãe já está de pé. Provavelmente chegou de madrugada, mas a menina não escutou. Alice se aproxima para dar bom dia e conferir se a mulher está bem. Quando Mônica se vira, a menina reconhece que quem está ali não é a mãe, e sim a pombagira dela. Alice, frustrada e pensando que está muito atrasada, ignora e imediatamente muda de direção para continuar sua rotina, na tentativa de passar despercebida pela entidade. Enquanto segue pelo corredor voltando na direção da cozinha escuta a moça chamando. Eu quero meu pito e meu marafo. Seu cigarro e cachaça tinham acabado na última vez que ela esteve em terra e a mãe de Alice não comprou mais.

Alice sai ainda de pijama, irritada, e vai ao bar da esquina, onde a mãe tem uma "conta" e pode comprar fiado o que precisa, quando o dinheiro já acabou ao longo do mês.

Cumprimenta a dona do bar, que pergunta o que ela está fazendo ali tão cedo, e a menina, após nada responder além de sacudir os ombros com insatisfação, pede uma garrafa de Contini azul e um maço de Dunhill. Apesar da idade de Alice, Lucinha, a dona do bar, entrega sem hesitar o que foi pedido, sabendo que ela está ali em nome da mãe. Enquanto entrega a sacola com a compra, Lucinha pergunta se Alice vai para a escola naquele dia. A menina balança a cabeça positivamente, mas diz que vai chegar no segundo horário porque não escutou o despertador. Alice agradece e se despede de Lucinha, que a acompanha cuidadosamente com o olhar até onde pode.

Alice volta para casa, entrega as coisas da pombagira, come um pão com margarina e café preto, prende o cabelo passando gel na frente, pois se parar para alisá-lo como de costume vai perder o horário da segunda aula e não poder entrar na escola mais nesse dia. Cuida dos gatos, pega a mochila com as coisas que deixou organizadas no dia anterior e sai de casa apressada.

Alice passa o dia de aula todo dormindo e não come na hora do lanche - quer voltar de ônibus para chegar mais rápido em casa. Quando chega em casa da escola, Alice vai imediatamente ao quarto da mãe conferir se ela está bem. A mulher está deitada no chão com o rosto machucado. Alice fica na dúvida se é a mãe ou a pombagira e decide sair do quarto para fazer suas coisas. Me ajuda aqui porra, diz a mãe com a voz rouca. A menina volta, levanta a mulher do chão e a coloca na cama. Busca gaze, soro fisiológico e água oxigenada na cozinha, limpa o rosto da mulher enquanto ela reclama que está doendo. Precisa limpar, você é enfermeira, você sabe. Coloca um curativo em volta da sobrancelha machucada, deixa um copo com água, e vai até a cozinha para fazer almoço para as duas.

Passam a tarde sentadas no sofá assistindo a programação da televisão. A mulher não conta como se machucou, nem onde esteve ao longo desses dias. Diz que se perdeu mas a pombagira a trouxe de volta para casa. A menina não insiste em saber mais coisas, está feliz com a mãe em casa.

1.1 Escrever: o presente das memórias

O movimento da escrita, acho que até o movimento da própria vida é um movimento que você faz para vencer a dor, ou até mesmo a morte [...] escrever é uma forma de sangrar, e a vida é uma sangria desatada.

(Trecho da entrevista “Conceição Evaristo, Escrevivência.”)

Me identifico como alguém que vive as relações atentamente, com olhar e escuta sensíveis. Esses traços começam na vida cotidiana e normalmente encontram na escrita um lugar de expressão e elaboração. Primeiro eu vivo as relações e em seguida, espontaneamente, parto para a escrita em um movimento de relatar situações e personagens cotidianas, sendo aqui o momento em que minhas reflexões aparecem.

Costumo dizer que, no meu caso, a escrita literária e a escrita acadêmica andam de mãos dadas, carregando juntas os meus textos, que deslizam entre uma mão e outra, como em uma linha tênue. É nesse deslize, que vai das relações cotidianas, desde o olhar e a escuta até a escolha de contar essas histórias vistas, vividas e escutadas, que está o meu interesse e o meu prazer que, apesar de se apresentar aqui como uma construção antropológica, ainda tem a outra mão que o segura. A escrita é o que direciona o meu fazer antropológico, e é o carro chefe não apenas desta pesquisa, mas também de toda a minha formação enquanto antropóloga.

Durante a escrita deste trabalho, apesar de ainda ter sido ela quem me carregou ao longo de todo o processo, me deparei com uma afetação, com conteúdos e memórias, que não se permitiram colocar em texto. Vivi silêncios significativos ao longo dessas tentativas de escrever determinados assuntos até entender que não escrevê-los e, inclusive, não acessá-los, fazia parte, indispensavelmente, do que me propus a fazer ao assumir esse tema e esse campo. Aqui eu alcancei outro momento da relação com a escrita, e sabendo que ela sempre andou ao lado da minha escuta atenta, neste trabalho ela me impulsionou a desenvolver uma sensibilidade para escutar silêncios.

Nesse sentido, compreendo que há lacunas no texto que dizem respeito ao lugar a partir do qual eu falo, e atento para essas lacunas não como faltas, mas como partes constitutivas da minha pesquisa. Eu falo de experiências que direta ou indiretamente me atravessaram e deixo essa marca também na minha escrita, que carrega sinais de anestesia e

revelam, nas lacunas, sentimentos velados. Essa sensibilização surge, em boa parte, como inspiração ao ler o livro *Vida e Palavras*, da Veena Das (2020), no qual a autora escreve que

Meu interesse nesse livro não é o de descrever esses momentos de horror, mas de descrever o que acontece ao sujeito e ao mundo quando a memória de tais eventos está guardada nos relacionamentos existentes. Minha surpresa e terror é que de tais momentos frágeis e de intimidade se fez um linguajar compartilhado, sem nenhuma garantia de que houvesse convenções seguras nas quais esse linguajar, na verdade, pudesse se fundar. Uma possível vicissitude de tais momentos fatais é que o sujeito pode ficar destituído de palavras, mas de que essas palavras se revelem congeladas, insensíveis, sem vida. (DAS, 2020, p.30)

Assim como Veena Das (2020), ao longo da pesquisa eu situo o contexto trazido por mim como um cenário no qual as relações estão intrincadas por um repertório de experiências que, por mais que o tempo e as circunstâncias mudem, o passado continua “assombrando” o presente dessas vidas a partir de uma memória compartilhada, chamada pela pesquisadora de “conhecimento venenoso”, como foi explicado por ela ao contar que

Mesmo quando, aparentemente, algumas mulheres conheceram relativa sorte por terem escapado da violência física direta, a memória corporal de ser-com-outros faz com que o passado envolva o presente como uma atmosfera. Isso é o que quero dizer com a importância de encontrar maneiras de falar sobre a experiência de testemunhar: se o modo de ser-com-outros foi brutalmente danificado, então o passado entra no presente não necessariamente como memória traumática, mas como conhecimento venenoso. (DAS, 2020, p.113)

Partindo da ideia de que meu campo se dá também nesses termos, apesar de não dizer respeito a violências históricas de tamanha dimensão, e me entendendo como parte deste contexto, reconheço que minha escrita também é assombrada por memórias e, assim como meu corpo, é atravessada pelo conhecimento venenoso do meu campo. Entretanto, existe uma diferença significativa no que diz respeito ao lugar onde o silêncio está situado. Atento para o fato de que a etnografia proposta neste trabalho, diferente do que acontece por exemplo na realizada por Veena Das (2020), tem o trauma situado no corpo de quem pesquisa/escreve. Proponho, desta forma, acolher os silêncios que essa formatação traz à tona, não apenas no que diz respeito às respostas, mas principalmente às perguntas.

Nesse sentido, este trabalho acontece a partir de uma vivência da escrita que, para me conduzir em todas as elaborações que desenvolvi ao longo dela, demandou que eu encarasse a centralidade dos sentimentos na minha pesquisa.

Ainda que apareça quase como método, a presença dos sentimentos, entretanto, é central não apenas na minha escrita, mas no meu campo de maneira geral. Essa percepção se deu no diálogo entre essas duas partes: eu enquanto pesquisadora e as relações pesquisadas

por mim, nas quais eu estou emaranhada. Foi a partir do meu silêncio enquanto pesquisadora, ao não conseguir com fluidez acessar pessoas, ter algumas conversas, retomar certas memórias e escrever sobre determinados assuntos, e do entendimento sobre o que me diziam essas “faltas”, que consegui começar a escutar os silêncios do meu campo. Veena Das (2020) relata que

ao pedir às mulheres que narrassem suas experiências da Partição, encontrei uma zona de silêncio em torno do evento. (...). às vezes uma mulher se lembrava de imagens de fuga, mas, como outra me alertou, era perigoso lembrar. (...). De qualquer forma, nenhuma das metáforas usadas para descrever o eu que se tornava repositório do conhecimento venenoso enfatizava a necessidade de dar expressão a esse conhecimento venenoso. Ou melhor, conter isso era, em si, a expressão disso. (recortes meus, DAS, 2020, p.87)

Nesse sentido, acredito que falar de sentimentos, aqui, ganha relevância se eles forem acionados a partir da ideia de anestesia. Quer dizer, os sentimentos aparecem não de forma direta, mas pela sua aparente ausência. Em outros termos, a evitação constante dos sentimentos é o que indica que eles estão presentes a todo momento no campo e na escrita, assim como está o passado, como sombra. Veena Das (2020) afirma que “mesmo a ideia de que devemos recuperar as narrativas da violência se torna problemática quando percebemos que tais narrativas não podem ser contadas a menos que vejamos a relação entre dor e linguagem desenvolvida por uma cultura.” (DAS, 2020, p.90).

Neste sentido, encontro na anestesia o caminho pelo qual sentimentos como o medo são velados, sendo muitas vezes disfarçados por corpos cinestésicos, escandalosos e confiantes, que fazem a vida acontecer. A anestesia aqui fala tanto dos sentimentos velados dessas mulheres e filhos dentro das relações quanto do meu lugar da escrita, das minhas escolhas metodológicas e das minhas justificativas.

Estruturalmente, sabendo do papel da escrita como força motora de desenvolvimento da pesquisa - inclusive na maioria das vezes antecedendo a etnografia, cabe justificar a possível sensação do leitor de estar em contato com um texto fragmentado. Esta pesquisa é resultado de um campo no qual a fragmentação/segmentação atravessa e compõe a atmosfera de tudo e todos que a ele dizem respeito, desde a vida vivida até a vida lembrada e escrita. Se é nas lacunas que se vivem cotidianamente essas vidas de exceções, incluindo a minha própria vida, assumo que não consegui encontrar caminhos para evitar a presença de lacunas no texto. Esta é minha estrutura possível.

1.2 Corpo, memória e tempo

Partindo dessa compreensão de que esses corpos estão envoltos por um conhecimento venenoso que, além de interferir nas construções dessas mulheres enquanto sujeito, também interferem na forma como são vistas e lembradas, situo que a compreensão de corpo que sustenta minhas reflexões ao longo da pesquisa diz respeito a um corpo que não só carrega como é também carregado por memórias.

Assim como pontuei que a escrita é o que carrega meu fazer antropológico, considero que corpo e memória compõem uma das principais bases de sustentação do que me proponho a pensar aqui, já que é neles que moram tudo o que é vivido e sentido nos contextos que eu escolhi trazer neste trabalho. A outra base é o tempo, já que nele se dão as relações, as projeções de vida, a escrita e a relação corpo-memória. Como foi trazido por Adriana Vianna (2020), em uma leitura de Veena Das (2020):

O tempo é dotado, ele mesmo, portanto, de capacidade de criar, de fazer nascer ou desmoronar mundos. Ao formular o tempo como trabalho, Das procura direcionar seu interesse não para as concepções ou as imaginações de tempo, mas para sua presença ativa nos processos e nas histórias que fazem as vidas. (DAS, 2020, apud VIANNA, 2020, p.7)

O campo trazido por mim engloba relatos que acontecem em dois tempos, um tempo que é o passado, quando retomo memórias e falo, principalmente, dos filhos; e um tempo que é o presente, ou o futuro do passado, que é, principalmente, quando apresento as mulheres-mães. Esses dois tempos, apesar de serem representados aqui de forma simplificada como tempos singulares, representam também tudo o que foi vivido na janela de tempo entre eles.

Um traço indispensável para a compreensão das relações nesse campo é a percepção de que esses tempos, como será desenvolvido ao decorrer da pesquisa, se assombram entre si. No passado, a possibilidade do futuro assombra essas vidas e é encarada como um perigo, sendo cotidianamente temida e evitada por elas. No presente, é o passado que assombra essas vidas, que são pensadas estrategicamente para não acabar voltando às dinâmicas anteriores.

A minha sugestão é que essa constância da presença de um outro tempo, temido, nas margens das relações, se desenvolve em uma extensão do tempo presente em todos os tempos, que se mantém durante todos esses anos. Reconhecendo, portanto, a centralidade da imaginação de tempos na vivência dos tempos presentes, situo que para além do passado e do presente (o futuro do passado), nessas dinâmicas relacionais aparece ainda um terceiro tempo, imaginado, que é o tempo futuro (o futuro do presente).

Cabe situar, também, que apesar de todos os tempos serem vividos de forma parecida tanto pelas mães quanto pelos filhos, eu desenvolvo prioritariamente, por uma questão de organização e facilidade de acesso aos relatos e memórias, cada um desses grupos associados, prioritária, mas não exclusivamente, a um desses tempos. Dessa forma, portanto, as filhas são pensadas a partir da vida no passado e as mães a partir da vida no presente (ou o futuro do passado).

Para melhor compreensão dessa abordagem do tempo, portanto, vou situá-la, no decorrer deste tópico, no tempo presente (o futuro do passado), com exemplos encontrados nas dinâmicas de vida dessa mulheres-mães. Mas atento que no tempo passado elas são experienciadas a partir de outros gatilhos, como desenvolvo melhor na parte da pesquisa em que falo das relações das filhas neste outro tempo.

No tempo presente, escolhido para desenvolver esta parte do trabalho, enquanto o passado é acionado na chave do conhecimento venenoso, trazendo marcas de memórias que assombram essas vidas e corpos, o futuro (ou o futuro do futuro - o terceiro tempo) aparece como regulador do presente, sendo ele um tempo acionado pontualmente, mas que não é necessariamente vivido como direcionamento para planejamentos e projeções a médio/longo prazo.

Quando falo do futuro não como tempo vivido, mas como regulador do presente, eu falo dele sendo acionado como consolo quando o presente fica insuportável (“é só uma fase, vai passar”), e também como medo, às sombras do passado (“se eu não conseguir sair dessa situação, vou acabar recaindo”). Quer dizer, enquanto o passado assombra o presente, o futuro gera *insights* para a sua manutenção, o passado como um tempo conhecido e o futuro como um tempo imaginado. Mas todos esses tempos são vividos como um grande “só por hoje”, no qual se rompe rapidamente com o acionamento do futuro e mantém-se o passado como sombra, evitando que ele retorne.

No que diz respeito ao presente como o tempo no qual essas vidas estão imersas e, de certa forma, presas, cabe pensá-las nos termos trazidos por César Teixeira (2019) ao falar sobre os processos de conversão e recuperação quando o autor diz que:

exatamente por não ter um ponto final, a conversão se liga e dá sentido e centralidade ao próprio projeto de recuperação. Além de um processo, a conversão acaba não sendo linear; ela é, em certo sentido, circular. A conversão se alimenta da vida anterior (a partir do arrependimento e da própria dinâmica testemunho). Ela se legitima num processo de comparação temporal. (...) A circularidade da conversão presente nos CRs se contrapõe à conversão como um estado de liminaridade (como nos ritos de passagem). (TEIXEIRA, 2019, p.153)

Para além da ideologia do “só por hoje”, trazida no contexto da Narcóticos Anônimos (NA) e dos doze passos, é nessa lógica que está ancorada, por exemplo, a noção de recuperação vivida por Monica, que faz com que a recuperação seja um tema presente e central em sua vida mesmo depois de anos sem fazer qualquer uso de drogas. Essa alimentação da vida pela vida anterior, de certa forma, monitora, controla e estende o tempo presente.

Essa percepção da vivência do tempo no processo de recuperação, rompendo com a ideia de um tempo vivido de forma linear e reforçando a extensão do tempo presente, inspira minha compreensão do tempo no meu campo juntamente com a reflexão de que:

a continuidade e a unidade entre o contexto da socialização primária e a vida social futura fazem parecer que o habitus primário (o passado) determina o “ser pessoa” no presente. Na realidade, o “ser pessoa” é uma construção social do presente, pois mesmo o habitus primário trazendo um elevado nível de segurança quanto à confirmação do status de pessoa, é no presente que a questão se decide. Devemos observar a confirmação como uma seleção contingente, ou seja, sob o pano de fundo de uma possível não confirmação. (ARENARI, 2016, p.196)

No que diz respeito a recuperação de pessoas no mundo do crack e sua reinserção no mundo das relações e do trabalho, tendo em vista essa retomada do “ser pessoa” a partir de caminhos estruturalmente estratégicos, Arenari (2016) destaca que

Na verdade, o que os iniciantes precisam apresentar não é o habitus implícito ou explicitamente exigido, mas sim um habitus na prática compatível ou suficientemente próximo, e sobretudo um habitus flexível e conversível em um habitus conformado ao campo, ou seja: um habitus congruente e maleável e com isso acessível a possíveis transformações. (BOURDIEU, 2001, p. 126, apud ARENARI, 2016, p.198)

Os autores desenvolvem a ideia de que “ser pessoa é uma construção de cada campo social que consiste na atribuição de habilidades culturais específicas do campo com base em uma interpretação presente sobre o passado dos indivíduos (de seu ‘habitus primário’).” (ARENARI; DUTRA, 2016. p.199), e retomar essa abordagem me parece um caminho importante pois, nesses termos, considero viável levantar a hipótese de que a flexibilidade dos habitus dessas mulheres está ancorada justamente na perspectiva de alcançar esse reconhecimento social como “pessoa”, que, assim como eles pontuam

Ser “pessoa social” é tornar-se ou ser tornado pela incorporação da “sociedade” (estabilização cognitiva) em um ser que inspire um grau de confiança mínima (básica) nas relações sociais, é ser digno de depósito de “bens” caros a vida social, é ser digno de crédito no sentido social mais amplo, não redutível à variante econômica do crédito. Em última instância, numa situação extrema de subintegração

na vida social é o fato de tornar-se digno de receber “investimentos” afetivos. (ARENARI; DUTRA, 2016, p.201)

Essa teoria se aplica de maneira bastante fluida ao contexto de reinserção das mulheres que abordo nesta pesquisa no que elas chamam de “mundo real”, tendo em vista a recorrência de gestos e afirmações em torno do sentimento de precisarem se ajustar a todo momento - seja nas práticas, nos comportamentos, na forma de falar ou em qual versão de si mesmas acionar para conquistar e confirmar a validade de sua recuperação e das suas ações em todos os espaços que agora elas ocupam ou tentam ocupar.

Partindo, portanto, dessa noção de que “ser pessoa” parte de uma “interpretação presente sobre o passado”, como foi falado anteriormente, sugiro que essa discussão sustente, também na prática, a dinâmica na qual o tempo é vivido por elas. Retomo, então, a discussão em torno da vivência do tempo no meu campo, por essas mulheres. Nesse sentido, os autores trazem um relato que é analisado por eles da seguinte maneira:

Nesse relato, há o que poderíamos chamar de uma hipertrofia da categoria do “presente”, próprio dos indivíduos que experimentam um acentuado grau de descolamento e subintegração na sociedade. A vida é tomada como uma sucessão de “presentes”, completamente deslocados um do outro. (ARENARI; DUTRA, 2016, p.202-203)

Apesar de não enxergar no meu campo essa sucessão de presentes como completamente deslocados um do outro, entendo que eles são, assim como foi trazido pelos autores, vividos de maneira sucessiva, sem que sejam projetados intencionalmente a um tempo futuro. Nesse sentido, cabe retomar o trecho no qual Adriana Vianna (2020), ao fazer uma leitura de Veena Das (2020), pontua que

para compreender as implicações disto, é fundamental manter em mente que o cotidiano é volátil, e não estático. A recusa de Das em enrijecer o cotidiano em uma plêiade de repetições e hábitos automatizados se manifesta uma vez mais aqui. Se, afinal, os atos e as experiências dramáticas podem por vezes parecer autonomizar-se da vida comum, colocando em risco inclusive o reconhecimento das formas de vidas, como tão bem marcado em *Vidas e Palavras*, é no trabalho de buscar um cotidiano vivível que a força danosa dessas experiências dramáticas pode ser reconfigurada, seja para que lado for. Longe de formar um vocabulário específico, portanto, a ética ordinária trata fundamentalmente do trabalho dos sujeitos para criar este cotidiano habitável, o que envolve a busca por conduzir-se corretamente em situações que são sempre incontornavelmente angustiantes. (DAS, 2020, apud VIANNA, 2020, p.11)

Entendo que, nessa lógica, por mais que os presentes não sejam vividos com um direcionamento estratégico para o futuro, o manejo do tempo presente encontra nesse foco em uma manutenção de um cotidiano habitável o caminho para desviar da retomada do passado. Aqui, se alcançam futuros, portanto, a partir de outros presentes.

Assim como foi trazido por Veena Das (2020) ao falar sobre o conceito do conhecimento venenoso, essa ideia de que uma situação, mesmo ficando no passado, fica pairando no presente como uma memória e uma possibilidade a qualquer momento, imprevisível. “Longe de construir essas mulheres como “heroínas”, nossa tentativa foi a de visibilizar e valorizar a potência dos minúsculos gestos que garantiram e teceram a reconstrução da vida diante de situações que destroçaram as relações, mas que podem se repetir a qualquer momento.” (BIRMAN, PIEROBON, 2021, p.26). Considero que esse “que podem se repetir a qualquer momento” remete a abordagem do tempo presente como pretendo analisá-lo em meu campo.

A presença constante do passado às margens do presente, com essa sombra do medo, é o que está no fundo, por exemplo, da constância do foco na recuperação - a base da rotina de Monica, que manifesta uma forma de estar atenta ao perigo e evitar o retorno concreto do passado, que a assombra. Veena Das (2020), ao falar sobre o contexto do evento do assassinato da senhora Gandhi, fala dessa presença do passado citando que

a presença da violência e sua proximidade eram palpáveis em todos os sentidos - ver, ouvir, cheirar, tocar. Além disso, na época em que trabalhei com os sobreviventes, o perigo de serem violados ou mortos ainda não estava no passado. [...] O sentido do presente era então marcado por uma antecipação temerosa (DAS, 2020, p.138).

Essa presença do passado no presente a partir da presença do perigo está presente no meu campo, na medida em que o passado está palpável tanto como risco (o risco da recaída) quanto nas ruas, nas casas, nos cômodos e relações, que se mantêm os mesmos, como quando a autora retoma, ainda nesse mesmo trecho, *as lembranças materializadas nas paredes das casas*.

Apresentar o tempo como uma categoria de um contexto no qual ele não é vivido de forma linear pode acabar sendo confuso, mas acredito que esse ponto seja melhor entendido ao longo do texto, diluído nas relações. Cabe dizer também que a questão do tempo, além de ser um atravessamento relevante do cotidiano, enfatizado aqui, é também um caminho que aparece na condução da escrita que dá forma a este trabalho. Sendo assim, não priorizo uma linearidade bem definida entre os tempos, ou uma marcação exata deles, pois é justamente a ausência disso que caracteriza essas vivências do tempo no campo. Aqui espero conseguir conduzir o leitor entre os tempos a partir de uma imersão nas vidas.

Conto 2: Mães e filhas: abandono e cuidado

São 5 horas da manhã e Alice aciona o modo soneca do despertador. Ainda está escuro. Alguém abre a porta do quarto. Bom dia filhota, quer comer o quê hoje? Sua mãe acordou mais cedo. Dorme mais um pouco, vou fazer seu café da manhã. Alice fica aliviada e dorme de novo sem hesitar. Tempo depois é acordada mais uma vez, agora com uma bandeja de café da manhã. Senta aí pra comer, senão você vai se atrasar. Fiquei com pena de te acordar e tá em cima da hora agora. A menina senta na cama para comer e tenta ao máximo manter o corpo coberto por causa do frio. Pão bisnaguinha com requeijão, café preto, banana, mamão, maçã e suco de laranja. A mãe diz que já cuidou dos gatos pra adiantar, e que ela não precisa se preocupar com isso hoje.

Alice levanta e passa pela cozinha, atravessando o corredor comprido direto em direção ao banheiro, onde lava o rosto e pega a chapinha, que liga na sala enquanto atravessa mais uma vez a casa para buscar o espelho para alisar o cabelo. A mãe pergunta se ela quer ajuda e a menina diz que só na parte de trás, o restante ela gosta de fazer sozinha. Enquanto faz o cabelo, sua mãe fica sentada ao seu lado no sofá, à disposição para ajudar, enquanto tenta conversar com a menina. Pergunta se Alice vai voltar para casa depois da aula e comenta sobre o que está pensando em fazer para o almoço, na expectativa de que a menina fique interessada e volte. Pergunta sobre como estão as coisas na escola e Alice responde que tudo bem, sem se aprofundar. Vira de costas, pede que a mãe agora faça a parte de trás do seu cabelo e diz que ainda não sabe se volta para casa, mas que avisaria ao longo do dia. Ficam em silêncio enquanto a mãe termina de alisar a parte de trás do cabelo da menina.

O despertador toca de novo. São 6:50. A menina termina de arrumar o cabelo, guarda o espelho e a chapinha no banheiro, pega o material, aceita relutante o beijo que a mãe insiste em dar no seu rosto, e sai de casa. Enquanto desce as escadas em direção ao ponto de ônibus escuta a mãe dizer que a ama, mas segue sem olhar para trás ou responder.

Quando entra no ônibus, às 7:05h, vê que sua amiga-vizinha está também ali e juntas decidem não ir para a aula. As duas, mesmo sem combinar, tinham por costume uma roupa diferente do uniforme na mochila, para ficarem na rua sem a preocupação de serem reconhecidas faltando aula. Vão ao museu, trocam de roupa, andam pela cidade, comem o lanche que comeriam na escola, tiram juntas um cochilo no banco da praça.

Na hora que seria a da saída da escola, as duas vão ao encontro de amigos de uma outra escola, que estão agora também sendo liberados do dia de aula. Alice manda mensagem para a mãe avisando que voltaria para casa mais tarde. O grupo agora com cinco jovens entre 14 e 16 anos, sendo Alice a mais nova deles, decide juntar o dinheiro de passagem de todos eles e comprar um vinho barato, que passam a tarde bebendo em uma praça pública mais isolada.

Quando começa a anoitecer, todos os cinco, que moram em um mesmo bairro, andam juntos na volta para casa. Os dois meninos, que são irmãos, acompanham as três meninas, cada uma até sua casa, antes de voltarem para a sua. Ao chegar na casa de Alice, a menina se despede dos amigos e entra em casa na intenção de ir direto para a cozinha jantar a comida que a mãe anunciou de manhã que faria para o almoço, mas é abordada ainda na sala - que é o cômodo de entrada da casa -, pela mãe.

A mulher a recebe com um abraço, que Alice recebe mas não retribui e, dizendo que estava preocupada, chama a menina para uma conversa em seu quarto. Alice assiste a mãe abrindo uma gaveta do armário e tirando uma bolsa cheia de pinos e papелotes de cocaína, de diversos tamanhos, vários usados e vários ainda cheios. A mulher, em silêncio, espalha todos eles em cima da cama de casal, fazendo com que quase não sobre espaço para que as duas sentem e, olhando no fundo dos olhos da menina, quebra o silêncio atordoante do cômodo pequeno: tá vendo isso aqui? Isso destruiu a minha vida. Eu quero que você olhe bem e nunca chegue perto disso. Alice consente como se fosse óbvio. Só estou te mostrando isso porque confio muito em você. Eu quero que você, por favor, me use de exemplo para nunca precisar passar pelo que eu to passando. A mulher levanta a blusa e deixa à mostra seu tronco magro, com oito costelas sobressalentes. Tá vendo isso? Essa merda me tirou tudo, eu só tenho pele agora. Você é tudo o que eu tenho. Alice quebra o silêncio enquanto recolhe todas as embalagens de pó de cima da cama, colocando-as de volta na bolsa e guardando a bolsa de volta na gaveta. Assim que você conseguir, eu mesma posso jogar tudo isso fora pra você. Ouve sua barriga roncar e vai para a cozinha esquentar a comida para as duas jantarem. Amanhã acorda cedo novamente e precisa dormir.

2.1 Família abandonante

Para além da experiência de Alice, essa etapa da pesquisa dialoga diretamente com as discussões que se inscrevem em torno de maternidades não exemplares, tendo em vista que as experiências de Alice trazem à tona uma configuração do cuidado que, a partir do vínculo com a mãe, coloca em questão a compreensão do que poderia ser tratado como uma família abandonante. No que diz respeito à esta expectativa que se constrói em torno do exercício da maternidade, Fernandes (2019) contextualiza que

a mãe dedicada, circunscrita à esfera doméstica, responsável pela reprodução, higiene e formação dos filhos foi um dos pilares da política higienista desde o final do Século XIX, intensificando-se na reforma sanitária, permanecendo até o regime biomédico. Esse conjunto teria como missão final engendrar uma nação saudável (Lima; Hochman, 1996; Seyferth, 1996; Stepan, 2004; Costa, 1980). Tal padrão normativo, todavia, esteve circunscrito aos estratos médios e urbanos, não se podendo imputar a mesma normatividade às camadas populares (Fonseca, 2004; Engel, 2004; Soihet, 2004). (FERNANDES, 2019, p. 746)

Essa diversidade de normatividades mencionada por Fernandes (2019) e representada no presente trabalho, aparece também em reflexões trazidas por Claudia Fonseca (2006) que, ao falar sobre a noção de pertencimento - em um cenário no qual a circulação de crianças é atravessada diretamente pela interação com as leis e políticas do Estado -, dá destaque a variedade de interpretações em torno da categoria do abandono, enfatizando que nem sempre ela é compreendida e vivenciada em famílias de camadas populares da mesma maneira como é definida institucionalmente. Nesse sentido, a pesquisadora abre brechas para que se construa um debate que leve em consideração a multiplicidade de formatações familiares no que tange ao entendimento do que se considera – ou não – abandono. Essa abordagem fica explícita quando ela aponta que:

Para estes (agentes sociais do Estado), é evidente que uma criança colocada num orfanato por um certo tempo se torna uma criança “abandonada”, que não pode haver mais de uma mãe e, portanto, que a ruptura com sua família “abandonante” deve ser permanente. As mães, por outro lado, fazem parte de um meio em que a colocação de uma criança não é necessariamente vista como um abandono, em que as mães podem ser múltiplas e as separações, mesmo prolongadas, não representam necessariamente uma ruptura permanente de laços. (FONSECA, 2006, p.27)

No caso do circuito que eu escolhi abordar na pesquisa, a percepção do cuidado, para além da relação entre as mães e filhos, tem como marca a presença da ruptura em suas margens mas, principalmente, a constante manutenção para que essas rupturas não se concretizem. Defendo, inclusive, que essa manutenção acontece coletivamente e em movimentações silenciosas que envolvem tanto as mães quanto os filhos.

“Tais ações importam porque revelam, nessa esfera do espetacular, que, definitivamente, a “cracolândia” não é um local com ausência de Estado. Ao contrário, ele está ali. Por vezes, em demasia.” (RUI, 2012. p.198). Na medida em que uma das minhas sugestões é que a circulação dessas crianças se trata, dentre outras coisas, de uma estratégia para driblar a agência do Estado, tendo em vista o conhecimento - explícito ou não - de que a vigilância do Estado está presente em camadas íntimas das interações que acontecem nesses contextos, o cenário desta pesquisa dialoga diretamente com a perspectiva trazida por Fonseca (2006, p.24) de que “a circulação das crianças existe hoje em camadas populares e que essa experiência histórica torna-se relevante na sua interação com as leis e políticas do Estado.”

Adriana Fernandes (2019) em diálogo explícito Camila Fernandes, afirma que

pensar outros padrões de normatividade e as disputas morais em torno destes, permanece fundamental para entender como mulheres pobres inventam e experienciam suas relações, casamentos, modalidades de família, maternidade, redes de apoio e o que este conjunto é capaz de interrogar a pobreza, as desigualdades, sua produção, as rupturas e as continuidades na sociedade brasileira. (FERNANDES, 2019. p.747)

O meu foco, neste sentido, está nas dinâmicas relacionais que se constroem envolvendo essas famílias que, sob algumas perspectivas, seriam consideradas “abandonantes”. O que me interessa é a forma como, nesse contexto específico, se vive e se constrói o cuidado, atentando para o potencial que essas configurações têm de, pelo menos, colocar em questão a noção hegemônica do abandono, chegando esse movimento a contornar as políticas que levariam essas crianças para a adoção, e podendo representar, em um espaço que se constrói de maneira quase secreta, um novo jeito de disputar direitos e moralidades. (FERNANDES, 2019).

Apesar de o contexto central da minha formação ter sido o contexto priorizado aqui na pesquisa, com a minha mãe, cabe ressaltar que ele não era o único contexto por onde eu circulava e era, de certa forma, cuidada. Paralelamente à circulação entre cuidados, havia uma circulação significativa entre espaços, que é uma marca de extrema relevância ao falar de como e onde eu e essas outras filhas vivemos e nos formamos ao longo daqueles anos.

2.2 Cuidado entre mães e filhas

Ainda no que diz respeito às diversas formas de interpretar e experienciar o cuidado, outra relação de grande relevância no meu campo para esse debate é a relação entre as mães e os filhos. Assim como no tópico anterior eu retomei uma discussão que fala da diversidade do

cuidado a partir da categoria do abandono, aqui complemento esse debate com a retomada da diversidade em torno da noção de violência, questionando a tendência de interpretações que, juntamente com as categorias citadas anteriormente, categorizam e acusam algumas formas de cuidado. Camila Fernandes (2020) situa que

Durante o período de pesquisa nas instituições, a “má criação” dirigida às crianças foi mencionada através de categorias tais como, “negligência”, “abandono”, “falta de estrutura”, “falta de amor” e “desapego”. A expressão “mãe violenta” ou “mãe agressiva” foi enunciada em alguns momentos para identificar determinadas mulheres. Ao tematizarem sobre o tema da “violência”, as profissionais se dizem consternadas com mulheres que na prática, “humilham”, “xingam” e “batem nas crianças sem qualquer motivo”. Para essas profissionais, estas formas de tratamento muitas vezes não são percebidas como “violência” por parte das mulheres, o que causa mais estranhamento por parte das equipes. (FERNANDES, 2020, p.158)

Diferente do que aparece no contexto de favela abordado por Camila Fernandes (2020, p.164), no qual “determinados temas de difícil manejo seriam tratados a partir da ‘ausência de diálogo’ e ‘na base de esporro’”, no contexto trazido por mim, a abertura do diálogo é um traço bastante marcante dessas mães, fazendo com que, de certa forma, o cuidado aqui nesses termos oscilem ainda entre alguns traços do cuidado institucional e do que é criticado por ele, apesar de essa transparência se dar muitas vezes em torno de assuntos bastante estigmatizados.

A linha de raciocínio nessas relações se sustenta na ideia de que é melhor que não se façam certas coisas mas, sabendo da possibilidade, as relações são atravessadas corriqueiramente pela noção de que *é melhor fazer em casa do que na rua*. Em torno disso, o diálogo é aberto e as intenções são explicitadas, abrindo espaço para que seja construída uma zona de confiança entre as duas partes.

Em alguns casos, existe um movimento controverso por parte das adultas, que facilitam o acesso às drogas para as jovens, visando preservá-las da parte do “mundo das drogas” que está para além do uso. Apesar de “fazerem o corre” para os filhos, é comum que essas mulheres se apresentem verbalmente como um “exemplo do que não fazer” e, mesmo com o medo de ver as filhas seguindo o caminho que as levou ao fim do poço, essas mulheres reconhecem a facilidade do acesso às drogas e, mesmo reforçando o pedido de que as filhas não sigam por esse caminho, existe uma abertura para, caso isso aconteça, a casa seja um espaço seguro para falar sobre.

Assim como é trazido por Camila Fernandes (2020, p.171), cabe pontuar que nesse contexto, “educar é proteger”, e isso se dá tanto na prevenção, quando as mães se apresentam como o exemplo do que não fazer, quanto na proteção mais direta quando, em casos extremos, para evitar que os filhos se coloquem em perigo para buscar drogas, as mães fazem

o corre e pedem para que os filhos não usem nada na rua, abrindo o espaço da casa para que isso seja feito com segurança. Essa escolha não acontece, entretanto, desvinculada dos sentimentos de culpa e medo, que são inclusive comunicados a esses filhos, já que vêm de uma posição de proteção que acaba viabilizando uma prática contra a qual elas lutam. Esse movimento de preservação da regra a partir de sua transgressão pelo caminho que parece menos trágico, pode ser associado ao que Veena Das (2020) traz ao propôr que

a maneira como Asha conta sua história também nos diz algo importante sobre a relação hifenizada entre legislação e transgressão. Não é que primeiro haja uma lei e depois uma transgressão - primeiro, um indivíduo que é completamente definido pelas normas e, depois, aquele que transgride. Pelo contrário, ao quebrar o tabu do novo casamento da viúva e ser censurada por isso, Asha sentiu que havia preservado a integridade das normas, sem, porém, conseguir segui-las. Isso é testemunhado nas afirmações que a colocam contra si mesma - “Eu sou uma pecadora” - e então, “Mas depois do que aconteceu entre nós, como poderia encarar minha cunhada? Como eu poderia ter encarado meu marido na minha própria vida? Com ele, há uma conexão para a eternidade. (DAS, 2020, p.110)

Assim como acontece com Asha ao não encontrar caminhos viáveis de seguir as normas, preservando-as a partir da escolha de um caminho que as preserve sem segui-las, as mulheres abordadas aqui, em algum momento da criação de seus filhos também se encontram nessa falta de saídas, tendo em vista que proibir os filhos adolescentes de fazer algo não é uma possibilidade neste contexto. Esse caminho de preservação da norma se manifesta nessas mulheres a partir da escolha de facilitar o acesso às drogas para evitar que os filhos entrem no mundo das drogas. Essa dinâmica, que se ancora na interrogação do “e se eu não tivesse feito de tal forma, de que outra teria feito?”, representa, aqui, a preservação de algumas normas em torno do cuidado, sem que as próprias mães consigam segui-las.

Essa prática, entretanto, é vivida internamente e compartilhada apenas com as filhas, tendo em vista que essas mães fazem esse movimento em segredo, para que a culpabilização e os perigos aos quais elas se expõem fazendo isso se encerrem no campo individual e no espaço de dentro das casas. Aqui, o silêncio revela que essas mães estão protegendo tanto os filhos quanto a si mesmas, em um contexto que está em diálogo com o que Camila Fernandes (2020) trouxe à tona ao dizer que

É necessário pontuar que a culpa individual opera também como um mecanismo de atribuição de responsabilidade/acusação a sujeitos em situação de desvantagem social. [...] Trata-se de uma dinâmica reversa na qual populações em situação de vulnerabilidade são responsabilizadas por opressões permanentes e sedimentadas na longa duração histórica. Nesse aspecto, as acusações de nervoso recaem de modo particularmente dramático nas mulheres mães, sobretudo, naquelas que criam seus filhos sozinhas. (Fernandes, 2020, p.172)

Retomando a ideia de que esse movimento das mães representa uma tentativa de preservar a norma, mesmo que a partir de sua transgressão, para preservar as filhas, e ainda

assim se sentem culpadas e com medo das acusações externas, fica evidente essas mulheres estão manejando e sendo responsabilizadas por exposições estruturais, representadas aqui pelo fácil e quase inevitável acesso às drogas, tanto dos filhos quanto delas mesmas. Esse perigo da rua, entretanto, encontra nas casas, a partir do silêncio, um limite.

Adriana Fernandes (2019, p.747) compartilha como sua primeira observação em um trabalho de campo em um abrigo com mulheres que “tanto os discursos e práticas referentes ao higienismo e aos dispositivos disciplinares, quanto as formas libertárias, menos normativas, de vivenciar a sexualidade e as relações, são capazes de combinar e de conviver”. Essa combinação entre disciplina normativa e vivências “libertárias” também aparece de maneira bastante evidente nas relações de cuidado entre as mães e filhas que aqui apresento. Mesmo dentro de suas próprias casas, fora das regras institucionais de contextos como os do abrigo trazido por Fernandes (2019), mães e filhas cotidianamente encontram no manejo entre controle e liberdade, a estratégia para manter essas relações funcionando da maneira que funcionam.

Reconhecendo a casa como espaço seguro, o cuidado aqui, para além da ideia de que *é melhor fazer em casa do que na rua*, é também pautado na ideia de que *é melhor ver em casa do que na rua*. Essa racionalidade em torno do cuidado está em diálogo diretamente com as formas de cuidado trazidas por Camila Fernandes (2020) no texto sobre o nervoso feminino ao falar sobre formas de cuidado como situacionais, apontando que

o sentido mais comum acionado pelas mulheres, indica que bater nos filhos consiste em uma estratégia enérgica para educação das crianças, que caso não sejam controladas mediante os castigos físicos, podem vir a apanhar de “bandido” ou “da polícia”, seja na rua ou no futuro. “É melhor apanhar em casa, do que apanhar na rua”, conta Marcela, mãe de uma criança. Assim, bater nos filhos é um gesto que está profundamente conectado a um aprendizado corporal de preparação para as adversidades do mundo exterior, sendo uma forma de ajuste da criança com o objetivo de viver em um mundo difícil. (FERNANDES, 2020, p.162)

Camila Fernandes (2020, p.170) aponta que “o uso da “violência” no trato com as crianças corresponde a uma ética do cuidado, um princípio de educação que visa evitar que o pior aconteça. Neste contexto, o “nervoso” é parte do campo de ações éticas e morais que orientam as práticas das mulheres no cuidado das crianças.”. A agressividade está para as mães abordadas por Fernandes (2020) assim como o sofrimento trazido pelas drogas estão para as mães trazidas na minha pesquisa. As lógicas de cuidado adotadas por essas mães, estão dentro de uma lógica própria de violência e drogadição, respectivamente, sendo elas práticas de cuidado situacionais e com linguagens próprias. Assim como a autora traz à tona

a compreensão de que “a menção à prática de uma luta de combate é uma das maneiras pelas quais a mulher se coloca contra o uso da ‘agressividade’ no cotidiano”, a explanação da droga e do sofrimento gerado pela relação com ela é uma forma de se colocar contra a droga na vida de seus filhos. (FERNANDES, 2020, p.167)

Partindo desse paralelo, cabe pontuar que nos dois campos essa educação a partir de um acesso ao que se pretende evitar e, inclusive, causar repulsa, está ancorada em limites bem definidos, que aparecem no texto de Fernandes (2020) quando a autora aponta que:

Para as mulheres mães, é preciso “saber bater”. Dentro das modalidades de ação, existem, portanto, gestos toleráveis e intoleráveis. (...) Ultrapassar esses limites indica um “desequilíbrio” prejudicial à relação mãe e filho, além da possibilidade de “machucar a criança”, como explicam muitas das mães. (recortes meus, FERNANDES, 2020, p.163)

No meu campo, esse desequilíbrio intolerável é representado pelo acesso das filhas aos momentos de uso dos adultos. Aqui tem a ver com os limites de exposição às drogas. Se por um lado se fala explicitamente das drogas e de suas consequências e, em alguns casos, são inclusive apresentadas as drogas para os filhos como algo a ser evitado, por outro lado, o uso nunca acontece no campo de visão dos filhos, por mais que eles saibam o que está acontecendo.

A constatação de que há esse limite revela e abre espaço para que se pontue que ao lado do sentimento do medo, o cuidado neste campo, se ancora também na preocupação. Essa preocupação vai desde regras envolvendo situações mais extremas, como a decisão definitiva por preservar os filhos de verem os adultos se drogarem, até a atenção em torno de demandas que surgem dos filhos no cotidiano e que podem ser supridas pelos adultos. Aqui se revela outra faceta do cuidado manifestado por essas mulheres. Para situá-la, retomo a seguir uma memória compartilhada, que relembrei recentemente ao conversar com Rita.

Naquele dia, um grupo de aproximadamente oito pessoas da boca de fumo de outro morro chegou no nosso morro. Rita tinha saído da minha casa, deixado Lucas comigo e dito que voltaria em breve. Rita encontra com Jaime, seu então namorado e, ao se depararem com o grupo “invasor”, entram no conflito que começou com uma afronta e se encaminhou, como sempre acontecia, para uma briga. Alice queria chocolate e telefonou para Rita, para pedir que ela trouxesse na volta. Rita recebe a ligação aos gritos, se comunicando com Alice e com Jaime ao mesmo tempo. *É a Licinha!* e no fundo Alice escutava a voz de Jaime gritando, enquanto entrava na frente de Rita para que ela pudesse responder. *Pera aí gente a Rita tá no telefone com a Licinha!* Ela desliga e chega pouco tempo depois, rindo, com o chocolate que Alice mais gostava.

Esse episódio revela, assim como foi apontado por Fernandes (2020, p.173), “um contexto em que as condições de exercício do cuidado se fazem em meio a altas doses de tensão e precariedade”. De forma paralela a isso, entretanto, não se excluem as trocas e preocupações com relação às demandas dos filhos, que aparecem desde a prioridade de atender o celular em um cenário caótico, até o movimento de voltar com o chocolate preferido da criança, revelando o que a autora aborda ao sugerir que “ao refletir sobre o território demandante do cuidado, é preciso suspender o ideal de amor romântico e todos os correlatos idealizados sobre formas corretas de educação” (Fernandes, 2020, p.174). Assim como a autora, portanto, eu considero que

é necessário destacar que essas dinâmicas não excluem as formas de acolhimento entendidas socialmente como cuidados; os sistemáticos gestos de atenção, amor e carinho que essas mulheres experienciam com seus filhos e outras crianças. Essas são mulheres guardiãs da vida e da proteção infantil nas comunidades periféricas, apesar de todas as forças de morte que atuam nos territórios de favela. (Fernandes, 2020, p.174)

Se por um lado, essas mães não estão constantemente presentes de maneira convencional, por outro, existe uma constante disposição para reagir a toda violência que possa vir a atingir as crianças da sua rede, não contendo a impulsividade e a loucura na hora de defendê-los. Nestes circuitos, é de conhecimento geral que essas crianças não estão desprovidas de ser loucamente defendidas caso seja necessário, atentando mais uma vez para o acionamento da marca do perigo na chave da proteção – mas, dessa vez, uma proteção que se estende aos filhos.

Se no campo trazido por Fernandes (2020), as mães educam com base na ideia de que os filhos precisam saber se defender, no meu campo essas crianças são educadas para se defender, para defenderem uns aos outros, mas, acima de tudo, para comunicarem caso precisem ser protegidos pelos adultos, que estão sempre disponíveis para brigar em defesa de suas crianças. Ser filha dessas pessoas tidas como loucas e perigosas é uma posição que vem acompanhada de certa segurança em espaços e situações que tendem a ser foco de medo para quem vive fora dessa socialização, já que incomodar esses filhos significa ter que lidar com essas mães.

Conto 3: cuidado entre filhos

São 11h e Alice acorda. É o terceiro dia seguido que a menina decide ficar em casa ao invés de ir para a escola. Levanta em silêncio e decide não tomar café da manhã. Na noite anterior, sua mãe disse que sairia com as amigas e voltaria no dia seguinte. Alice vai até a cozinha e confere os demais cômodos da casa. A mãe ainda não voltou. Cuida dos gatos e olha com atenção dentro da geladeira, pensando estrategicamente em como usar o pouco que tem ali para fazer uma comida que renda pelos próximos dias. As prateleiras estão vazias. Lava o rosto e vai ao bar da esquina comprar, no fiado, um pacote de arroz e um de farofa pronta. Volta para casa e prepara o almoço. Arroz, feijão, ovo frito, chuchu, alface e farofa pronta. Essa será também a janta.

Antes de colocar a comida no prato, escuta alguém entrando em casa e vai na direção da sala pensando que é sua mãe, mas vê que é Tati, filha de uma das amigas da mulher por quem a menina esperava. Tati é um pouco mais velha que Alice, uma com 15 e outra com 13 anos de idade. Tati diz que a mãe de Alice estava em sua casa e que tinha pedido que ela passasse os próximos dias ali, para que elas fizessem companhia uma para a outra. Foi com a chave dela que entrou na casa. Alice esboça um sorriso de canto e dá de ombros. Pensa que a mãe precisa voltar logo com mais comida. Oferece almoço para Tati e a menina aceita, dizendo que estava de barriga vazia.

Enquanto as duas comem a comida feita por Alice, Tati diz que as suas mães tinham chegado em casa de madrugada e que uma delas estava passando mal. Eu passei a manhã lá ajudando elas em casa, nem fui para a aula também, mas umas 11 horas minha mãe disse que era pra eu vir pra cá ficar com você, que elas iam se encontrar lá mais tarde e aí já sabe né. Alice faz que sim com a cabeça e responde monossilábica: sei. Terminam de almoçar em silêncio e, enquanto Tati recolhe os pratos e lava a louça, Alice atravessa o corredor comprido até a área de serviço, onde pega a vassoura e começa a varrer a casa.

Com a casa limpa e organizada, as duas brincam juntas com os gatos, correndo com um brinquedo pela casa, jogando uma bolinha e dando altas gargalhadas. Enquanto correm de um lado para o outro pelo corredor comprido, Alice bate o dedo do pé em um piso que estava quebrado ao meio. Param a brincadeira e Tati lava o pé da menina até que pare de sangrar e, em seguida, faz um curativo. Deitam-se cansadas no sofá e acabam dormindo.

Já está anoitecendo quando acordam em um susto com alguém chamando no portão. As meninas se encaram em silêncio, uma esperando a reação da outra sobre o que fazer.

Alice cochicha que outro dia a mãe recebeu uma moça do conselho tutelar e, quando foi dispensada, a alertou para não recebê-la quando estivesse sozinha em casa. Tati consente com naturalidade e, também cochichando, diz que aconteceu o mesmo com sua mãe há poucas semanas, e sugere que fiquem em silêncio até que a pessoa pare de chamar. Passam alguns minutos se encarando apenas com o som da respiração e das batidas no portão de ferro.

A pessoa, insistente, muda a estratégia para ser atendida. Para de bater no portão e começa a gritar. - Licinha! Licinha! - Poucas pessoas chamam Alice por esse apelido. Tati encara Alice com o olhar confuso. Alice reconhece a voz e decide se arrastar pelo chão até a janela e conferir pela brecha da cortina se estão seguras. Respirando aliviada, quebra o silêncio: é Rita! As meninas correm para o portão para recebê-la.

- Caralho Licinha tempão aqui chamando, tu tava fazendo o que?

- tava escondida, não sabia quem era, só depois que vi que era você.

- Que susto cara, fiquei preocupada.

- A gente que tomou susto - respondeu Tati, rindo nervosa.

Rita é amiga das mães de Tati e de Alice. Ela está com seu filho, Lucas, no colo. O menino de 2 anos de idade está chorando insistentemente e, enquanto ele estende os braços para o colo de Alice, Rita revela para o que veio. Tua mãe disse que vocês estavam aqui. Fica com ele pra mim hoje. Ficou chorando a noite inteira, preciso de um tempo. Alice pega Lucas enquanto Tati segura a bolsa com as coisas do bebê. Vou encontrar elas lá na tua mãe hoje, Tati, vocês vão ficar aqui?. Tati responde que sim, Lucas para de chorar e Rita agradece Alice pelo olhar e, enquanto vai embora, as meninas entram com a criança. Os três passam juntos o fim do dia no sofá, Lucas dorme por horas seguidas encaixado em Alice enquanto as duas meninas oscilam entre dormir e assistir televisão.

3.1 Uma rede de cuidados

Paralelamente a essas interações e cuidados apresentados anteriormente, no ciclo mais próximo da minha mãe eu circulava entre as casas de amigos e amigas dela que faziam parte dessa dinâmica de uso de drogas, mas não apenas. Essas pessoas, seus filhos e filhas também circulavam pela nossa casa e constituíam uma rede de apoio. Nesta rede, diferente da citada anteriormente, os cuidados, as palavras e os silêncios aparecem em formatos e proximidades bastante próprios.

Partindo da noção de que existem diferentes interpretações em torno do abandono (FONSECA, 2006), considero relevante destacar também a diversidade que engloba as formas de cuidado. O cuidado de quem vive imerso no mundo das drogas, por mais que se afaste do cuidado tradicionalmente esperado e se confunda com abandono, está presente de maneira constante nessas relações e se manifesta em uma linguagem própria que, na maioria das vezes, é preciso ver de dentro para decifrar. Além de falar com a perspectiva de quem vê de dentro das relações, falarei aqui como quem olha de/para dentro das casas.

O que pretendo trazer nesta etapa da discussão é que no meu mundo das drogas, o cuidado na vida de filhos de mulheres que fazem uso abusivo de drogas, muitas vezes acontece em uma rede que se constrói, inclusive de forma independente, entre esses filhos. Parto da ideia de que o cuidado entre filhos é um dos pilares que sustenta uma rede mais ampla de cuidados não institucionalizados, apontando e legitimando as possibilidades de construção e manutenção das redes de apoio no campo do cuidado por uma perspectiva na qual ele é compreendido a partir da noção de situacionalidade.

Contextualizando essa compreensão de que os filhos são uma rede segura uns para os outros, abro aqui um espaço para relatar um dos modos de interação comuns nestes contextos. Em momentos nos quais as mães se reúnem em suas casas para fazer o uso de drogas, é comum que os filhos sejam levados juntos ao local onde o encontro vai acontecer. Nesse cenário, que é cotidiano, há uma preocupação dos adultos em preservar as crianças de presenciarem o consumo e, para isso, os filhos são deixados juntos uns dos outros ao invés de junto das mães. Nesses momentos, esse status de “filhos que se conhecem” se desenvolve, com o tempo, para uma vivência de “filhos que se cuidam”.

Essas relações mostram que, como foi trazido por Fonseca (2006), “a circulação das crianças também serve para estreitar laços entre indivíduos da rede”. Para além do estreitamento de laços facilitado pela circulação dessas crianças, o vínculo entre elas no manejo dos desafios que surgem em seus cotidianos expressa que “seres humanos, no entanto, representam não só perigo, mas também esperança uns para os outros”, como foi trazido por Veena Das (2020, p.39) ao falar sobre “o modo como esses perigos são dominados, domesticados, vividos”.

A esperança aqui aparece não tanto como um direcionamento de perspectiva de outros futuros, mas muito no sentido de um manejo possível do presente. Quer dizer, essas redes entre filhos representam, no cotidiano, a possibilidade de viver presentes a partir dos vínculos entre eles, e são um dos estímulos para que, quando os filhos são apresentados à

oportunidades de sair desse contexto por conta das faltas e conflitos, eles escolham voltar para casa.

Esses cuidados, que começam a partir de uma demanda/orientação dos pais e mães, e em um primeiro momento acontecem dentro de casa, vão ganhando fluidez e passam a acontecer em outros contextos, independente da presença ou não dos adultos. Eles são experienciados de maneiras diversas por uma mesma criança, no sentido de dar e de receber, dependendo da situação, idade, necessidade e condição de fazê-lo.

Uma situação recorrente é as filhas mais velhas cuidarem das crianças mais novas, independente de os pais e mães estarem presentes na casa onde todos estão reunidos, ou estarem fora, a lazer ou trabalho. Essa função começa a ser destinada a essas filhas a partir dos adultos, como pedido, mas vai sendo naturalizada conforme a constância aumenta, se tornando uma função que se cumpre sem que haja explicitamente um pedido ou obrigação. É cotidiano o cenário no qual um adulto chega em um espaço com uma criança mais nova, ou um bebê, e o entrega imediatamente para a criança maior, que o recebe sem estranhamento. É comum, também, que com o tempo, esse movimento de chegar até a outra criança pare de partir do adulto e comece a partir da própria criança, quando o cuidado vai sendo manifestado não apenas como tarefa mas como sentimento. Abro aqui espaço para a retomada de memórias.

Dentro desse mundo das drogas, uma amiga de Monica tinha duas filhas que eram poucos anos mais velhas que eu: a Tati e a Vitória. As idades eram 12, 14 e 16. Quando minha mãe saía para trabalhar, Tati, que era a mais velha de nós três, ficava comigo em casa. Em algumas vezes, iam as duas, já que Vitória também estava sob os cuidados da irmã. Depois de um tempo, Tati, que cuidava de nós duas, passou a trabalhar em algum comércio e Vitória, que já estava maior e vinha acompanhando a irmã, assumiu a posição de ficar aos meus cuidados quando minha mãe não estivesse em casa.

Aqui esse lugar do cuidado dizia menos respeito a suprir demandas de cuidados como alimentação e higiene, por exemplo, e mais sobre companhia, já que nenhuma criança era tão dependente nesse cenário. Algumas orientações eram passadas, para além da companhia, no sentido de proteção com o que poderia vir de fora, como por exemplo algum outro adulto ou algum agente público que viesse a perguntar sobre a ausência de adultos na casa. “Se alguém chamar não atende, fica em silêncio e finge que não tem ninguém em casa até a pessoa ir embora”. Nesses casos, ter crianças se acompanhando era um facilitador para lembrar e manter a orientação, que representava, a partir do silêncio, uma forma de autoproteção e

proteção da rede por parte tanto das crianças quanto dos adultos, seja orientando ou seguindo as orientações.

Cabe aqui ressaltar que isso inclui, indispensavelmente, uma disposição dessas próprias crianças em fazer a manutenção dessa rede para que ela não se rompa. Se é o status de família “abandonante” que abre essa brecha, essas crianças não se abandonam, para poder continuar junto umas das outras e junto dos pais e mães - inclusive para continuar cuidando deles, o que me leva a atentar que os filhos não são agentes passivos nessas relações e contextos. Apesar de reconhecer que tanto mães quanto filhos estão aqui em situação de vulnerabilidade, entretanto, parto da compreensão de que, neste contexto, assim como Veena Das pontua, *ser vulnerável não é o mesmo que ser uma vítima* (p.98). Sustento essa compreensão a partir, justamente, da agência de todas as partes para a manutenção da rede, principalmente dos filhos.

Entendendo, portanto, que a presença da vulnerabilidade não diz respeito a falta de agência, cabe ressaltar que a presença de agência também não diz respeito a falta de sentimentos oriundos da vulnerabilidade.

Me inspiro, então, na abordagem de Camila Fernandes (2020) acerca do caráter produtivo do sentimento “nervoso” para pensar, no meu campo, o caráter produtivo do sentimento “medo”. Enquanto o nervoso produz, por exemplo, a violência como método de cuidado e proteção na criação dos filhos, o medo no meu campo se manifesta a partir da anestesia de determinadas emoções, mas na cinestesia das relações. Ao falar da expressão do nervoso na relação entre mães e filhos, Fernandes (2020) aponta que

estamos diante dos agenciamentos de uma feminilidade polivalente que, ao mesmo tempo que entra em tensão com as outras “violências” ordinárias, encontra na criança um canal para escoamento da raiva, o que pode atualizar vivências de constrangimento ou coerção para a parte mais vulnerável da relação. (FERNANDES, 2020, p.174)

Nesse sentido, o nervoso, que é um sentimento produzido muitas vezes pelo contexto de violência no qual essas famílias vivem, é experienciado diretamente dentro da relação entre mães e filhos, indo de um desses lados da relação em direção ao outro. No meu campo, em contrapartida, a experimentação do medo não se dá entre as partes da relação uma em direção à outra, mas é vivido como um sentimento silenciosamente compartilhado. Aqui, os filhos não sentem medo das mães, mas as mães e os filhos sentem medo de que a relação se rompa.

No meu mundo das drogas é esse medo que, em grande parte das vezes, movimenta e impulsiona tanto as mães quanto os filhos. O medo das mães de perderem os filhos ou de ver os filhos entrando na vida que elas entraram e não conseguem sair, o medo dos filhos de serem tirados das mães ou de ver as mães morrerem ou serem presas, o medo dos filhos de perder a segurança das relações com os outros filhos. Pouco se fala diretamente sobre o medo, mas é em resposta a ele que as ações e decisões tomadas ao longo dessas relações são quase sempre pautadas como uma forma de autoproteção e de proteção a essa rede, como estratégias tanto por parte das mães para não perder os filhos quanto dos filhos para não perder as mães.

O medo é, também, o que está por trás de diversos conflitos que partem tanto da forma como cada pessoa se coloca nas relações quanto da forma como as relações de maneira mais ampla são mantencionadas, mas essa característica não será desenvolvida aqui e demandará do leitor essa sensibilidade para percebê-la, caso tenha a intenção. Pensando nessa dinâmica onde não se fala do medo, mas se vive em prol de evitar que esse medo se concretize, retomo uma reflexão trazida por Veena Das (2020) acerca do tempo, que direciona algumas de minhas interpretações a esse respeito. Ela escreve que

no momento em que alguém vive, o presente da vida é imaginado em relação ao que virá. Assim, o sujeito é concebido como um sujeito plural, habitando o momento presente, mas também falando como se já estivesse ocupando um momento diferente no futuro. Isso tem importantes implicações para a compreensão da profundidade temporal em que o sujeito é constituído e a maneira como a memória traumática inaugura o tempo para produzir a cegueira do presente já a partir de um ponto projetado no futuro. (DAS, 2020, p. 102)

Enquanto o conceito de tempo aparece como destruidor de relacionamentos no contexto trazido por Veena Das (2020) a partir da ideia de que o presente se perde na projeção do futuro, no meu campo o tempo é vivido a partir da evitação de seu potencial de ser destruidor de relacionamentos. Aqui essa projeção do tempo se sustenta no medo de um futuro onde haja uma ruptura dessas relações. Sabe-se que essa possibilidade de ruptura está sempre às margens das relações e pode vir a se concretizar a qualquer momento, então aqui essas crianças vivem, nos termos de Veena Das, habitando o presente mas também sentindo através do medo e expressando através do silêncio, como se estivessem prestes a ocupar um momento diferente no futuro. Essa experimentação do tempo é vivida na maior parte das vezes de maneira coletiva e silenciosa, expressando o que Veena Das (2020) afirma ao pontuar que:

a distinção entre dizer e mostrar, porém, não é simplesmente a distinção entre palavra e gesto. As palavras podem mostrar uma relação entorpecida com a vida, assim como o pensamento pode nos dizer quais formas de vida, quais formas de

morrer, se tornam o solo sobre o qual as palavras podem crescer ou não. (DAS, 2020, p.134)

Na dinâmica das relações trazidas no atual trabalho, essa vivência do tempo se dá em uma direção contrária à descrita por Veena Das (2020). Aqui, o presente da vida é experienciado como forma de evitar que se concretize o que se imagina como possibilidade no futuro (a ruptura). Em outras palavras, esses presentes são ditados por um pensamento, que direciona essas pessoas a evitá-los a partir da manutenção constante do presente com o cuidado e a proteção, com uma vivência do tempo que está, nesse momento da relação, ancorada em uma cegueira do futuro a partir de uma evitação, no presente, desse possível trauma. Retomo então as dinâmicas de cuidados entre os filhos.

Como foi dito anteriormente, uma mesma criança dava e recebia cuidados de acordo com suas demandas e possibilidades. Desta forma, ao mesmo tempo que eu era cuidada, como relatei acima, eu cuidava de outras crianças mais novas que eu. Aqui o principal exemplo era Lucas, filho de Rita.

Quando Rita ia na nossa casa, o primeiro movimento era o de me entregar Lucas, que já vinha esticando os bracinhos para o meu colo. Quando ia para outro lugar, também passava lá em casa, para esse mesmo movimento. Nos primeiros meses de vida, Lucas era bastante agitado e só comigo se acalmava. Eu com uns 12 anos e ele ainda sem idade para contar. Normalmente chegava chorando no colo da mãe e só parava no meu colo, que o fazia dormir quase que imediatamente. Mamava no peito da mãe, mas logo cedo Rita me chamou na cozinha para explicar como fazer sua mamadeira e, a partir disso, ele foi ficando cada vez mais tempo comigo sem interrupções.

Como Lucas não dormia bem com a mãe, normalmente a rotina se dava da seguinte maneira: Rita chamava no portão, sempre aos gritos, eu a recebia, e ela rindo falava *graças a deus rafinha ele não para de chorar*, esticando Lucas na minha direção. Eu o recebia no colo, também rindo e o levava para o sofá, onde passávamos horas em silêncio, com ele dormindo deitado comigo.

Rita passava o dia com Monica e outras amigas em outro cômodo e vinha vez ou outra conferir se estava tudo bem. Quando Lucas acordava, eu fazia sua mamadeira e o alimentava, quando ele já não dependia exclusivamente do peito da mãe. Lucas passava tanto tempo comigo que em algum momento eu comecei a passar orientações sobre ele, desde os cuidados com a alergia na pele até o jeito específico que ele gostava de dormir encaixado no meu corpo.

Quando Lucas foi crescendo, passou a ficar mais tempo com a avó, ao invés de Rita levá-lo para os lugares e, com essa mudança, fiquei alguns anos sem encontrá-lo. Quando fui visitá-lo, acompanhada de Rita, o menino que já estava grande, com uns cinco anos, veio imediatamente entrando no meu colo como se nunca tivesse desencaixado, relatando a lembrança. “*Comigo ele não faz isso*”, disse Rita.

Da mesma forma, outros cuidados são destinados como demanda aos meninos mais velhos, como por exemplo acompanhar os filhos mais novos – principalmente as meninas, quando elas precisam ir à rua de noite, seja para comprar alguma coisa que algum adulto pediu ou para ir de uma casa para a outra quando, por exemplo, todos os adultos e filhos estavam reunidos em uma casa e alguma das crianças queria ir embora, mas as mães dela ainda não.

Esses filhos, que vão chegando na pré-adolescência e adolescência, se reconhecem nos espaços e se acompanham, mesmo que uns não façam parte dos grupos de socialização mais próximos uns dos outros. Na medida em que vão crescendo, esses filhos tendem a ter a droga também introduzida nas suas práticas cotidianas, apesar de em uma intensidade menor do que a dos pais e mães. Nesse cenário, para além desses movimentos de se olhar e acompanhar na rua, caso pareça necessário, os meninos mais velhos passam a assumir a função de “fazer o corre” – que é o termo utilizado para ir buscar e comprar drogas na boca - para os mais novos, principalmente as meninas, a fim de preservá-las do desconforto e do perigo de circular pelos espaços onde isso acontece – que costuma não ser o mesmo onde cresceram, já que são conhecidos e protegidos nesses espaços.

Apesar da centralidade dos filhos na construção e manutenção dessa rede de cuidados, cabe pontuar que ela acontece, em parte, graças a permissividade e o incentivo por parte das mães, que, como será abordado no próximo tópico, são também personagens essenciais na agência do cuidado na vida destas crianças.

PARTE III - FUTUROS INCERTOS

Conto 4: Várias vidas

Rita é um emaranhado de atravessamentos. Mulher, preta, escandalosa, prostituta, drogada, mãe e mais um monte de coisa. Todo mundo diz que é doida, às vezes tá presa, às vezes tá solta, engravida e espera a criança nascer pra saber quem é o pai. O suposto pai nunca assume, e é a avó quem cuida. Aí Rita vai presa de novo, às vezes por droga, às vezes por briga, às vezes nem fez nada, mas a polícia já conhece, é marcada. Com a vida inconstante e o corpo também. Sai gorda da prisão, fica uns meses “dando um tempo”, aí fica magra e todo mundo sabe que tá “dando uns teco” de novo. Nesse engorda e emagrece às vezes tem um filho na barriga que só se nota quando já tá quase pra nascer: “vamo ver com quem parece pra eu pedir a pensão”. Quando descobre cedo às vezes tenta tirar a criança, mas nem sempre funciona. “Esse aí é guerreiro, quer mesmo viver”. Pouco depois tá carregando aquela criança minúscula, recém-nascida, pra todo lado e todo mundo olhando com julgamento para aquela mulher que “não toma jeito”, “isso lá é lugar pra criança?”, diziam as “mulheres de família” e também as “mulheres de bar”, que ficavam sentadas na pracinha do bairro com suas crianças e com a cerveja.

Veza ou outra Rita pega a criança, já grandinha, pra levar pro parquinho e pagar um refrigerante, e as vozes da pracinha, entre olhares e sussurros, afirmam que “agora é fácil né, já tá criado”, “o mínimo”. O refrigerante gelado do “filho da vez” até que combina com a cerveja estalando da mãe, o menino tenta chamar a atenção da mulher de todo jeito e, entre um movimento e outro, se pendura no brinquedo da praça e a encara de cabeça pra baixo e olhos brilhando. Ela vê a cena de canto de olho e parece escolher não olhar de volta. Olha pra longe, fuma um cigarro e grita, vez ou outra, alguém do outro lado da rua: “tudo certo pra mais tarde?”. Todo mundo olhando aquela mulher escandalosa. Como grita! Rita olha pro menino e ele, já sentado na cadeira de bar ao lado dela, guarda um sorriso no canto da boca como quem quer dizer “eu te amo” pra alguém que só conhece há um mês. Começa então a escurecer e ela diz que é hora de voltar. O “eu te amo” guardado no canto do sorriso se transforma num “quero ficar com você” guardado como um nó na garganta.

Na volta pra casa da avó, subindo a rua, o moleque corre na frente. Indo e voltando, indo e voltando, acompanhando, num passo descompassado, o caminhar da mãe. Veza ou outra ameaça atravessar a rua e é repreendido com um “se ficar de palhaçada eu não te

pego mais”. O menino obedece por um tempo e logo em seguida retorna a provocar Rita. Ele sabe que aquele não é o motivo de ela demorar tanto pra voltar. Chegam na casa da vó e ele dá um beijo de despedida na bochecha da mulher, segurando seu rosto com as duas mãos. Ela passa rápido a mão na cabeça crespa do menino e se rende a um sorriso de canto de boca. O moleque entra e Rita continuou subindo o morro.

Nesse dia, Rita foi surpreendida por uma viatura no caminho, que parou do seu lado e o policial pediu para que ela entrasse no carro. Por uns segundos, a mulher sentiu a mão gelar e quase que ficou branca no susto, até ver quem de quem se tratava. O policial era conhecido, toda semana pagava por aquele corpo que deslizava por tantas mãos, mas que ele queria segurar e prender só com as dele. Rita acuada entrou dentro do carro já dizendo que não tinha tempo e, quando ia abrir a porta para sair, o homem que de branco ficou vermelho sem saber lidar com o “não”, trancou as portas e seguiu na direção da delegacia. Presa de novo. Puta merda!

Das coisas de Rita que muito se comenta, mas não se entende, o riso solto se destaca. Rita ri alto, com a boca aberta e dentes à mostra, gargalha feito pomba-gira num ato de expulsar tudo de ruim do corpo. Muita gente se pergunta como que ri tanto, com aquela vida desgraçada. Se perguntarem o motivo do riso, ela responde rindo ainda mais, aposto. Se dizia sempre feliz, bem e otimista. Ela não chora e, também não fica quieta. Escandalosa! Rita ri solta ou presa, com ou sem bebê na barriga, comida no prato ou dinheiro no bolso. Mas essa prisão veio de surpresa e as fofocas das mulheres do seu bairro, que ela respondia antes na risada, eram diferentes das fofocas que corriam nos corredores do presídio. “Essa aí é mulher de polícia!”.

Nos primeiros dias de prisão, a vizinhança do bairro se manteve empenhada em espalhar o acontecido, reforçando que “uma hora ia acontecer mesmo, não toma jeito”. “Foi tráfico? Foi briga? O que rolou dessa vez?”. Ninguém sabia. Nas semanas seguintes a fofoca tomou outra forma, agora em cada esquina se falava uma coisa diferente sobre o que tava acontecendo com Rita dentro da cadeia. “Ouvi dizer que ela agora é sapatão”. “Acho que tava grávida de novo”. Uma das informações que circulava por todos os espaços e aparecia como consenso era de que a mulher tinha quase morrido de tanto apanhar lá dentro. “Foi até encaminhada pra um setor diferente, senão iam matar ela”. O tempo foi passando e os boatos iam acontecendo com cada vez menos frequência, mas sempre que surgia o assunto não tinha um que não levantasse a orelha pra ouvir.

Meses depois surgiu o boato de que ela tinha sido solta, e o bairro todo comentando entre brechas de palavras e olhares que sabiam que uma hora a mulher ia voltar porque, como ela mesma costumava dizer, “vaso ruim não quebra”. A vida não parou, mas no ar pairava uma expectativa da volta que já era conhecida e, apesar de não mais surpreender quem morava ali, a praça ficava mais cheia nos dias em que possivelmente Rita iria chegar. Será que vai tá gorda? Magra? Grávida? Rindo com certeza. E pronta pra outra! Rita desceu do ônibus na hora e lugar que todo mundo já imaginava e no instante em que um “eu sabia” queria saltar da boca da praça, alguma coisa devolveu a frase pra dentro de todas aquelas gargantas. Ninguém conseguia se perguntar em palavras o que tinha acontecido, mas a pergunta ecoava em todas aquelas cabeças que acompanhavam Rita enquanto ela descia do ônibus e andava em direção ao morro no qual tinha deixado seu filho e sido enganada meses antes. A mulher voltou quieta, aquela prisão havia sido diferente. Alguma coisa engoliu sua voz e nem a gargalhada que a mantinha viva saía da sua boca. A prisão calou Rita.

Virou a esquina pra subir o morro e, quando os olhos do bairro a perderam de vista, os corpos se despertaram num movimento de retomar as vidas, que por uns minutos tinham parado pra olhar a mulher, mas não carregavam em si o luxo de prolongar o tempo da pausa. Rita subia em passos lentos, quem via de fora tinha a sensação de que a mulher estava se arrastando como quem acabou de sair de uma briga com um inimigo muito mais forte. Ela não sentia nada. A estagnação do corpo era um contraponto a movimentação da mente. Rita lutava. A cada passo, arrastado, uma cena que passava na memória. A energia que ela gasta tentando controlar os pensamentos não permite que ela controle os passos, e andar parou de ser um movimento natural pras pernas.

Trôpega, como uma bêbada, Rita chora sem lágrimas, numa caminhada que parece eterna. Lembra do filho correndo em sua frente, do beijo no rosto, da viatura, da delegacia. Lembra de pensar que era só mais uma vez, que era vaso ruim e não ia quebrar. Acelerava o passo como quem queria fugir dos pensamentos. Rita não queria lembrar e não aguentava mais sentir, nem mais lutar contra a própria mente. Mas, em vão, a cada passo lembrava da luta no corredor, de tentar se defender daquele pavilhão inteiro de mulheres, tão iguais a ela. Lembrou do gosto de morte na boca, de acordar isolada com a gargalhada do homem que a enganou. De querer matar o homem e ser repreendida com um filho que foi botado a força em sua barriga. Rita se sentou na calçada quando lembrou da buceta que sangrou antes da barriga crescer. Sentiu de novo e de novo aquela pontada no útero. Pensou no

menino que meses antes queria dizer que a amava, lembrou da textura do cabelo crespo do moleque, a última coisa que ela tocou por vontade própria antes de entrar no pesadelo que a calaria. Rita chora no chão afogada em lágrimas, memórias e medos. Já não quer gritar e não se lembra de como rir, embora o choro apareça num misto e numa intensidade facilmente confundível com uma gargalhada ou com um som genuíno de puro desespero. A prisão calou Rita e ninguém sabe o porquê.

4.1 Situando Rita – emaranhamentos

A análise que eu trago em torno de Rita, por mais que esteja centrada em sua fase atual (a da recuperação, num período em que não faz uso de drogas regularmente), é atravessada a todo momento por outras versões suas que constituem, a partir da memória, o seu processo de (re)construção de vida e identidades.

Um traço importante desta pesquisa é que a vizinhança na qual essas relações se estabelecem é marcada pela permanência das pessoas, que se conhecem há muito tempo, sendo sua maioria “nascida e criada” ali, e isso vai desde o ciclo de amizade e trabalho até o ciclo de drogadição. Todo mundo se conhece, se acompanha e se regula, em alguma medida, e é comum a circulação de fofocas envolvendo dos menores aos maiores acontecimentos. Esse formato de convívio aparece muito em todas essas relações e para além de representar a forma como essas pessoas se relacionam entre si e atravessar a forma como se comportam, aqui ele também influencia direta e indiretamente no manejo da recuperação e da vida de Monica e de Rita.

A casa na qual Monica mora atualmente é a mesma há mais de uma década, a não ser pelo período em que esteve internada na casa de recuperação, tendo sido ali o espaço onde vivemos o período da minha infância e adolescência, onde ela ingressou no mundo das drogas, onde se afundou nele e para onde voltou depois de ter saído do que considera ter sido o seu fundo do poço. Rita, por sua vez, mudou da casa de sua mãe, onde morou por todos esses anos e agora mora na mesma rua, mas em uma casa alugada que divide com o homem que agora chama de marido.

A forma como ela se coloca nas relações e nas reflexões e, também, como acredita ser percebida pelas outras pessoas, é composta por algumas facetas que são atravessadas por, principalmente, três fases de vida: a mulher inteligente e bem-sucedida em um trabalho no qual seu potencial é altamente reconhecido; a mulher drogada, perigosa e louca que se

aposentou por invalidez; e a mulher em recuperação que passou por uma casa de recuperação e usou do trabalho como faxineira e dos passos de NA para se reconstruir. Rita encontra sua segurança em um relacionamento instável e pauta neste amor a sua recuperação.

Dessas três fases que são acionadas por ela constantemente ao falar de si mesma, quando se trata de como ela acredita ser percebida pelas outras pessoas, se diluem em duas versões principais: a primeira é uma mulher inteligente, trabalhadora e confiável; a segunda é uma mulher perigosa, drogada e louca. Essa ambiguidade aparece inclusive pelos nomes usados para se referir a ela, dependendo do espaço e das relações: o nome da mulher “confiável” (Monica) e o “nome de guerra”, da mulher “perigosa” (Moniquinha).

Atento que essa ambiguidade não aparece só nas leituras que fazem dela, mas na forma como ela se posiciona ao lidar com as pessoas e situações. Todas essas mulheres que compõem Monica dialogam entre si e são acionadas, em diferentes contextos, para a manutenção do que agora é a prioridade na sua vida: a recuperação.

Rita é alvo, com um corpo excepcionalmente vigiado pelas pessoas de seu grupo de socialização. O controle de sua vida é atravessado pela atuação de agentes e órgãos financiados pelo Estado. O controle do seu corpo é marcado hora pelo silêncio e hora pela gargalhada. A maternidade é um ponto de acusação, tanto nos momentos em que ela está maternando, quanto nos momentos em que não está. Seu corpo carrega a resistência de um corpo que supostamente “aguenta tudo”. Sua história é marcada pela não possibilidade de “voltar atrás” e pela ausência do perdão. Suas tentativas de mudar de vida, com empregos, relacionamentos e estudos, são descredibilizadas pela vizinhança e normalmente são interrompidas por dificuldades que viram boatos e não se apresentam de maneira bem definida. Rita é assumidamente uma mulher pobre que ama demais. Ela fala alto, por horas, e some. Muito de Rita está presente nos silêncios e brechas desta pesquisa.

Conto 5: Perigosas e confiáveis

São 3 horas da manhã e Monica acorda. Ainda está escuro. Tira os gatos de cima de seu corpo e levanta da cama quente sem hesitar. Não pode se atrasar. Sai do quarto e atravessa o corredor comprido até o banheiro. Está muito frio. Entra no chuveiro cantando um louvor, enquanto ainda luta para abrir os olhos cansados. *Sonda-me, senhor, e me conhece; quebranta o meu coração; transforma-me conforme tua palavra; e enche-me até que em mim se ache só a ti...* Seu banho dura 5 minutos. Desliga o chuveiro e, ainda cantando, se veste rápido por causa do frio. *Eu quero ser usado da maneira que te agrada em qualquer hora e em qualquer lugar eis aqui a minha vida, usa-me, Senhor.* Encara em silêncio o espelho e tenta disfarçar as olheiras com um corretivo mais claro que o tom de sua pele. Passa pelo corredor de volta até a cozinha e tropeça no piso quebrado. Cuida dos gatos e volta para o banheiro para alisar o cabelo. Às 3:40 recolhe as coisas que organizou no dia anterior e sai de casa, descendo as escadas para pegar o ônibus das 4h.

São três conduções até o trabalho. Monica aproveita o tempo das duas primeiras para dormir mais um pouco. No tempo dentro do último ônibus, que é o de maior duração, Monica come o café da manhã que levou de casa e passa a maior parte da viagem conversando com Paulinho, o trocador do ônibus com quem já construiu certa intimidade. Enquanto conversam sobre seus trabalhos, o frio e a previsão de chuva que os desanima para aquele dia, entra no ônibus uma mulher que para em pé ao lado do banco no qual Monica está sentada e rapidamente se integra na conversa. *Tava vendo no jornal agora cedo que tá chegando uma frente fria.* Com notícias recentes de quem esteve atenta ao que viu na televisão, a mulher emenda em outros assuntos e ao falar de política, Monica, desinteressada, vai parando de prestar atenção, enquanto Paulinho vai parando de falar e começa apenas a acenar com a cabeça. Com o tempo, o silêncio da conversa vai dando espaço para o barulho da rua e do restante do ônibus.

O ônibus para em um ponto e abre a porta de saída para a entrada de um homem que carrega uma bolsa com diversos itens dentro. *Bom dia passageiros desculpa interromper o silêncio de sua viagem, meu nome é Ricardo, eu sou ex drogado e estou vendendo algumas coisas para ajudar na recuperação de mais 20 homens do centro de recuperação onde me tratei, moro e trabalho hoje em dia lá ainda nesse espaço.* O ônibus para no ponto seguinte e, também pela porta de saída, entra um homem idoso, branco e irritado, gritando que o

motorista parou para ele entrar um pouco mais pra frente do que devia, fazendo ele andar mais.

Ricardo, se equilibrando com a bolsa de coisas e o ônibus em movimento, anda pelo corredor e continua falando. *Tenho aqui algumas coisas que vendemos, tem a opção do fone de ouvido e também essa caneta colorida pessoal, vou deixar com cada um de vocês e será de grande ajuda se puderem ajudar comprando ou com uma contribuição voluntária.* O motorista responde o idoso com a mesma grosseria que foi feita a reclamação. Enquanto as pessoas recebem os itens que o trabalhador entrega, ficam atentos à discussão que começa a surgir entre motorista e idoso. Monica escuta a mulher do seu lado comentando que viu na televisão que estava acontecendo muito isso de desrespeitarem os motoristas, enquanto fica em silêncio, apenas respirando e tentando não se envolver.

Um passageiro que estava sentado mais ao fundo do ônibus levanta a voz para defender o motorista e, em seguida, começa um burburinho entre outros passageiros que se juntam a esse primeiro. O idoso não consegue lugar para sentar e, andando pelo corredor do ônibus, encara o homem que a essa altura estava já recolhendo de volta as canetas e fones de ouvido. *E ainda tenho que dividir espaço com isso,* fala baixo enquanto empurra o homem, fazendo com que sua bolsa com canetas caísse no chão. Monica escuta. Ricardo paralisa. Monica levanta, passando com a respiração ofegante pela mulher que ainda falava ao seu lado, e indo em direção ao espaço do chão no qual estavam as canetas.

Segura na camisa de Ricardo, que estava paralisado em silêncio, e o puxa para baixo. Abaixam juntos e, enquanto Monica pega as canetas do chão e coloca de volta na bolsa, olha nos olhos do homem e desata a falar, tirando o nó que vinha se formando em sua garganta. *Eu sei que você tá no caminho da serenidade, eu to também. Mas se você for atacado tem que se defender, tem que ser humilde, mas sem abaixar a cabeça. A vida vai te testar mas você não pode recair, entendeu? Essa estrada é pra sempre, uma hora você vai entender que só não pode abaixar a cabeça e nem ficar sem trabalhar. Esse é o trabalho que você tem agora então precisa honrar ele e se defender. Ninguém pode pisar em você, entendeu?* Recolhe a última caneta e entrega a bolsa de volta para Ricardo, enquanto se levanta. *Agora vai embora daqui antes que dê merda e no próximo ônibus vê se entra com mais orgulho do que entrou nesse aqui.* Ricardo agradece com o olhar e desce do ônibus. Monica sente suas mãos suando e quase não percebe que sua parada de ônibus já era a próxima. Puxa a corda do sinal e continua em direção ao trabalho.

5.1 Comunidade

Sabendo que, apesar de o trabalho ser central em sua vida e o espaço onde aparece de forma mais evidente o esforço de priorizar a versão confiável, tendo como motivo principal o medo de perder esses empregos, é relevante apontar que essa priorização da versão confiável não aparece apenas na chave do medo. Isso fica evidente em um cenário no qual Petrópolis, no dia 15 de fevereiro de 2022, foi soterrada. A forma como Monica é atravessada e se coloca nessa situação revela, em diversos níveis, a complexidade dessa maleabilidade apresentada anteriormente.

No texto “Corpos precários: apontamentos para a relação entre corpo e cidade”, Simone Frangella e Taniele Rui (2017) escrevem logo no resumo do artigo que “o corpo aparece não apenas como presença imagética e material ou como metáfora de projetos urbanos, mas como uma experiência concreta, múltipla e influente na própria constituição da cidade.” (FRANGELLA; RUI, 2017, p.23). É também esta faceta dessas mulheres que pretendo deixar evidente no texto. Em meio à lama e ao cenário caótico da cidade imperial, a omissão dos governantes e uma carta da família real direcionando orações à população, emergiu uma rede de solidariedade e voluntariado entre os moradores, como destaque da movimentação de manejo e recuperação da cidade, das vidas e das memórias.

É essencial apontar para as condições de dominação econômica, política e social que criam vidas precárias e sistemas de exclusão. Contudo, é igualmente necessário não deixar que tais sujeitos e corpos, associados geralmente a essa condição de bare life (excluídos, marginalizados, doentes, refugiados) sejam reduzidos a ela. Nesse sentido, ponderamos que é preciso levar em conta a produção de gestões e de limites da vida, os investimentos de sobrevivência qualificados por Fassin como sendo a vida mais intensa possível (desejo de vida), a vontade de criar biografias (FASSIN, 2010). Situar-se no nível dos corpos precários implica evidenciar a radicalidade da experiência do entrelaçamento entre existência física, espacial, afetiva e política. (FRANGELLA; RUI, 2017, p.36)

Assumindo estes corpos precários, portanto, não apenas como marginais, mas como produtores da vida e da cidade, e valorizando as dimensões física, afetiva, espacial e política que eles carregam e produzem de maneira entrelaçada, retomo para o episódio do deslizamento em Petrópolis. O foco, no primeiro momento, é recuperar as vidas e corpos das pessoas e animais afetados. Motoqueiros assumem a frente no acesso limitado aos espaços atingidos e se tornam parte fundamental do trabalho voluntário. Monica, que já atuava na causa animal a partir de alguns grupos, agora se mobiliza e disponibiliza, individualmente, para o recebimento de doações voltados para o resgate e cuidado dos animais resgatados.

Ela me contou com preocupação ao decidir ajudar dessa forma. *Será que vão mandar mesmo?* Mas fez. Poucos dias depois de disponibilizar sua chave pix e seu contato para quem quisesse e pudesse ajudar, da forma que fosse, o seu movimento repercutiu mais do que ela imaginava que aconteceria e, a partir daí, nesse contexto, alguns elementos interessantes vão aparecendo na forma como ela se posiciona diante da grande ajuda que chega nos animais a partir dela.

Cabe pontuar que, nesse contexto, surgiram inúmeras pessoas aplicando golpes em nome de ajudas que, de fato, não aconteciam. O que significa, dentre outras coisas, que a indicação e a prestação de contas passaram a ser centrais na escolha de para quem se enviaria ou não doações. Ao se perceber ocupando esse lugar, Monica desabafa sobre a angústia de lidar com a situação no geral e ainda com as demandas que surgem ao assumir essa responsabilidade, principalmente ao se perceber na dualidade entre o perigo e a confiança que, nesse caso, estão se manifestando de maneira bastante condensada.

Muita coisa chegando. Não sei prestar contas, não sei tirar print...Movimentei o último dinheiro da minha conta pra fazer coisas minhas e fui questionada. To chateada e mandando todo meu extrato pra garantir que nunca usaria dinheiro recebido pra outra coisa que não a causa animal. (...)Não tem nenhuma situação urgente agora que to sabendo pra encaminhar o dinheiro que recebi, mas sei que surge, e to preocupada por não prestar contas logo. (...) Entendi que tá tudo bem usar o dinheiro de forma estratégica, mas fico agoniada com tanto dinheiro na minha conta, sabe? (...) fiquei famosa entre os motoqueiros e agora eles ficam vindo aqui direto, pra trazer doação de ração. Me trouxeram marmitta também, porque trabalhando tanto assim como voluntária eles sabem que eu to me alimentando mal porque não tenho tempo pra comer. Os motoqueiros têm tudo cara de doidão, de maconheiro...são todos tatuados, sabe? Povo fica tudo olhando eles buzinando aqui o tempo todo, tão achando que to vendendo droga...mal sabem que é ração. (...) aqui fica o dia inteiro passando ambulância e viatura, tá tipo cenário de guerra, horrível. Aí outro dia parou uma viatura aqui na porta de casa, ficou ligando a sirene e chamaram aqui. Aí eu pensei 'fudeu' né. To marcada, maior movimentação aqui, os motoqueiros toda hora, a minha fama...fiquei desesperada. Fui ver era aquele policial, que já até me pegou uma vez, lembra? Que bate em todo mundo, que ameaçou dar cabo em mim? Aí eu saí né? Me tremendo. Fazer o que? Sabe o que era? Doação de ração que trouxeram na viatura. Nem acreditei. Quem diria né?!

Nesse caso, ao invés de acionar a versão “perigosa” para servir como proteção a partir do medo que sentem dela (como foi o caso da vizinha), a marca do perigo também aciona o medo que ela ainda sente da polícia, apesar de não estar mais “na ativa”. Fica explícito aqui que, apesar das estratégias para lidar com a ambiguidade desse corpo, ele ainda é marcado por uma memória que, dependendo do contexto, pode atravessar e confundir esses sentimentos. Taniele Rui (2012), ao discorrer sobre o efeito de abjeção que se constrói em torno dos corpos em cenários de crack, propõe que

tais corpos causam abjeção menos pela falta de limpeza ou pela possibilidade de transmissão de fluidos/doenças e mais porque perturbam ficções de identidade,

sistema e ordem; porque não respeitam fronteiras, posições e regras; em suma, porque são ambíguos. Tais corpos estão às margens, no sentido proposto por Veena Das e Deborah Poole (2008), ocupando brechas nos espaços entre a lei e a disciplina e, nesse sentido, expressando tanto perigo quanto poder (Douglas, 1966). (RUI, 2012, p.10)

Aqui a questão do contexto aparece de forma explícita quando Monica relata determinados medos, por exemplo, que revelam que o seu corpo, apesar de ser apresentado estrategicamente mais de uma forma ou de outra, é percebido a partir de normas e de transgressões, que estão marcados na memória de Monica, no corpo, e nas relações e que a situam em um lugar de ambiguidade que, por um lado, causa incômodos e, por outro, autopreservação. Frangella e Rui (2017) organiza essa dinâmica ao afirmar que

nessa relação específica de escala entre corpo e cidade, portanto, a condição de precariedade aparece como fundamental, pondo a nu e de forma conflitiva como as condições socioeconômicas, bem como as imposições do poder urbanístico sobre determinados sujeitos, vão moldando corpos abjetos resistentes e tendo paisagens urbanas redesenhadas. (FRANGELLA; RUI, 2017. p.31)

Pensando nessa mediação entre transgressões e adequações a regra como o movimento de autocriação desses corpos abjetos resistentes, cabe retomar a abordagem na qual Veena Das (2020) propõe que “em lugar de metáforas de prisão para captar as relações entre critérios externos e estados internos, podemos pensar neles como se protegendo mutuamente, como mantendo uma relação em que estão próximos entre si, unidos do modo como a lei e a transgressão se unem.”. (DAS, 2020, p.39). A partir dessa percepção da mediação entre critérios internos e externos para a compreensão de sua própria identidade, sinto a necessidade de pensar no corpo dessas mulheres, como um corpo que, ocupando as margens, faz um agenciamento ambíguo de suas identidades e, carregando em si as expressões de confiança, perigo e poder, se manifesta também como o espaço mais evidente de recepção e expressão dos sentimentos envolvidos nesse processo de autocriação.

5.2 A recuperação acima de tudo

Após anos de drogadição e socialização baseada na Monica perigosa, Monica fica doente por causa das drogas e, em um período no qual eu já não morava com ela, é resgatada por um irmão, que a leva para uma casa de recuperação feminina. Ela entra nessa casa de recuperação em uma condição de extrema vulnerabilidade, magreza e depressão, e esse é o momento em que, pela primeira vez, aceita ser tirada do seu antigo contexto, sendo esse novo espaço o que viabilizou que ela sobrevivesse e pudesse dar passos para retomar a vida.

Dentro da casa de recuperação, o exercício diário era o de se aproximar da sua versão confiável e de silenciar a versão perigosa, em uma dinâmica que envolvia silenciar o passado de uso e só se referir a ele como algo negativo - e ainda assim, apenas quando necessário.

Existe uma tensão nesse movimento porque, dentro da casa de recuperação na qual ela estava internada, existe uma regulação e uma necessidade de cumprir com isso de forma mais rigorosa do que ela estava acostumada, que se soma a uma mudança de contexto extrema, onde ela passa do uso intensivo de drogas para uso nenhum, de uma casa na qual morava sozinha para um espaço coletivo e da ausência de rotina para uma rotina religiosa e super rigorosa.

Desde o início, com crises de abstinência, surgem diversos conflitos com outras internas e, principalmente, com as dirigentes do local que, segundo ela, roubavam suas medicações, enganavam seu irmão e a impediam de ter consultas com a médica que a atendia.

Na maior parte do tempo de internação, ela luta para exercitar a paciência ao conviver e aturar estar ali naquele contexto e com aquelas pessoas - o que era desagradável para ela, mas encarado como sua única e última opção. “Nessa dinâmica, a imagem do corpo abjeto é produzida em função das condições materiais e simbólicas da precariedade referida.” (FRANGELLA; RUI, 2017, p.32).

Tendo em vista esse contexto, no qual eu não irei me aprofundar por não ser o foco aqui, cabe ressaltar que é nele onde Monica começa a reconstruir sua identidade, e é justamente sob esses estímulos que ela passa a buscar a Monica confiável como prioridade. “Em uma política de escala, o corpo ocupa seu primeiro nível. Lugar primário da identidade pessoal, marca a fronteira com o Outro no sentido físico e social e nele se concentra a construção do espaço pessoal e fisiológico.” (SMITH, 2000, apud FRANGELLA; RUI, 2017, p.24). Sabendo da situação para a qual a predominância da Monica perigosa a levou, ela entendeu que esse perigo se direcionava, inclusive e principalmente, para ela mesma. Além da religiosidade e da moralidade incentivada a partir do espaço da casa de recuperação, acessar novamente a Monica confiável tratava-se, aqui, não apenas de uma escolha moral, mas também - e talvez principalmente -, de uma estratégia de sobrevivência.

Essa consciência faz com que Monica apesar dos conflitos, forme algumas parcerias ali dentro para aliviar essa existência e, de certa forma, burlar algumas regras que elas consideravam injustas. Essas parcerias apareciam na saudade que as mães compartilhavam dos filhos e filhas, na cumplicidade de comer doces escondidas enquanto preparavam alguma

sobremesa e, também, na vigia para que acessassem certos espaços da casa em horários proibidos (normalmente acessar seus próprios quartos, que, pelas regras, não deviam ser acessados em determinados horários).

Em um desses momentos, enquanto estavam todas na missa, uma das amigas de Monica pede que ela fique de olho e diga que ela foi ao banheiro caso alguém pergunte, para que ela saísse rapidinho. Ela demora mais do que o esperado para voltar, a missa acaba e, logo em seguida, percebem que a mulher sumiu e roubou dinheiro, roupas e outros itens da casa e de outras residentes – inclusive da minha mãe.

Imediatamente, atribuem parte da culpa a Monica, que havia “encoberto” a sua colega de quarto, gerando uma grande desordem na casa e fazendo com que Monica, furiosa ao se sentir injustiçada, decidisse sair dali, mesmo que ainda estivesse em tratamento - o tempo mínimo indicado de internação nessa casa de recuperação é de 12 meses e fazia 9 meses que ela havia chegado). Monica foge da casa e, tempos depois, essa história é sempre retomada aos risos.

Aí eu tava puta já né saí gritando mandando todo mundo ir pra puta que pariu e me deixar em paz aí a Neide, que é a freira que eu fiz amizade lá, veio atrás de mim pedalando uma bicicletinha com aquela roupa de freira atrapalhando e segurando um casaco porque tava frio e pedindo pelo amor de deus pra eu não sair do portão e voltar pra gente resolver a situação conversando. Tadinha da Neide. E eu correndo na rua sem querer conversar achei um orelhão e fui ligar pro meu irmão pra ele me buscar porque eu não ia mais ficar ali.

Monica conta que enquanto estava no telefone tentando contato com o irmão, Neide, que tinha voz mansa e falava baixinho, a alcançou e ficou pedindo pra ela se acalmar. Sempre que minha mãe vai contar essa história ela fala sussurrando ao imitar Neide e alto e rindo ao contar de sua reação.

E ela ficava falando assim “calma, Monica, volta, vamos conversar, tá frio”. E eu gritando “vou voltar porra nenhuma, Neide. Tão falando que eu roubei tão achando que vão ficar de palhaçada com a minha cara? Tão fodido que eu não volto mesmo e ainda vou processar aquela vagabunda – se referindo a coordenadora da casa, com quem tinha desavenças e quem tinha iniciado o movimento de acusá-la.

Foi aqui que, quando ela já se sentia confiante com sua recuperação, Monica foi acusada e decidiu sair da casa, que ela entendeu, mesmo que não nesses termos, que é possível conciliar a Monica confiável com a Monica perigosa. Tendo em vista a linha tênue entre suas duas versões, principalmente em situações de estresse, Monica encontrou uma brecha para acessar e liberar o que vinha guardando nesses meses de internação.

Em uma discussão sobre a apropriação do repertório de direito por mulheres pobres que se excedem, Adriana Fernandes (2019) sugere que

direitos e políticas são assim elementos que alimentam a arte de contornar (Telles, 2010; Fernandes, 2013) as ameaças que se apresentam ao cotidiano dessas populações. Proporcionando o combustível da “máquina de curar” (Canguilhem, 2005) e do “fazer circular”, ambos fundamentais na vida e no controle dos pobres desde a instalação do paradigma sanitário nas cidades e nas metrópoles. (FERNANDES, 2019. p.753-754)

Quer dizer, apesar de (e inclusive por conta disso) esses corpos serem controlados e fiscalizados por essa linguagem de direitos e políticas, nesses contextos é recorrente que essas mulheres aprendam, conheçam e façam uso também a seu favor daquilo que é historicamente usado contra elas. Proponho que, para além da linguagem de direitos, outras linguagens de convívio e marcação social são estrategicamente acionadas por essas mulheres, que juntam extremos instáveis e fazem deles o chão que pisam. Dentro desta mesma lógica, Fernandes (2019) propõe que “levar em conta esses usos pode nos ajudar a qualificar melhor os efeitos que eles possuem nos modos de subjetividade e como forma de entender a cidadania incorporada ao cotidiano das camadas populares”. (FERNANDES, 2019. p.760)

A situação de como Monica saiu da casa de recuperação foi um momento de liminaridade entre essas suas duas facetas e foi a partir deste momento que ela encontrou no trabalho o caminho para seguir reformulando sua vida fora do espaço e das regras da instituição. “No decorrer dessa decisão o sujeito pode ter se tornado radicalmente fragmentado e o eu ter se tornado um fugitivo, mas penso que o que descrevi é a formação do sujeito, uma agência complexa composta de posições subjetivas divididas e fraturadas.” (DAS, 2020, p.114). Reconhecendo seus limites e agora se deparando com suas necessidades, ela agora encontra espaço para acionar o equilíbrio entre suas duas formas de se colocar no mundo: Monica perigosa e Monica confiável são facetas de uma subjetividade pautada em estratégias de sobrevivência e negociação.

Sugiro que essa expressão aparentemente fragmentada do sujeito acusa, além de uma estratégia para recolocar-se no mundo, uma expressão da complexidade de seus sentimentos e experiências, que agora passam a ser acionados na sua composição enquanto sujeito levando em conta a maneira que ocupam o contexto no qual estão inseridas. Novamente considero indispensável retomar Veena Das (2020), agora com a seguinte elaboração:

Assim, as vidas individuais são definidas pelo contexto, mas também geram novos contextos. (...). Não que antigas posições do sujeito fossem simplesmente deixadas de lado ou abandonadas; ao contrário, havia novas maneiras pelas quais até mesmo signos de dor podiam ser ocupados. Nesse sentido, recolocava-se para ela a questão de como se toma para si o mundo, e ela transitou entre diferentes possibilidades de

encontrar os meios para recriar suas relações em face do conhecimento venenoso que havia se infiltrado nessas relações. (DAS, 2020, p.99)

É inevitável pontuar que, apesar da Monica perigosa ser essencial para a manutenção de suas relações, nesses espaços que já a conhecem, a presença inovadora da Monica confiável renova o contexto, na medida em que agora ela circula inclusive dentro da casa de determinadas pessoas. Aqui, mesmo que o movimento apareça a partir do incômodo, da desconfiança e do medo, revelando a presença do conhecimento venenoso, é inegável que novos contextos estão sendo gerados e que essas mulheres não são objetos passivos nesse processo. “E acessar direitos para contornar a vida matável também pode significar – como assinala Flora, a diretora – uma ampla dose de coragem” (FERNANDES, 2019. p.765).

A priorização da recuperação acima de tudo vem como consequência, mesmo que não exclusivamente, do circuito da Narcóticos Anônimos (NA), no qual Monica encontrou um espaço (e aqui esse espaço para além de físico, é também espiritual) para entender, construir e colocar em prática o que considera ser a recuperação ideal.

Dentre as coisas que Monica compartilha comigo sobre sua recuperação, estão histórias e relatos de outros parceiros e parceiras de recuperação, principalmente de NA. Por mais que o processo de recuperação seja individual, com os compartilhamentos dentro da sala de NA, formam-se parcerias que, em alguma medida, se estendem para o lado de fora da sala. É comum a preocupação e a disponibilidade entre os companheiros para se ajudarem, na medida do possível, a facilitar as vidas uns dos outros e evitar, coletivamente, que aconteçam recaídas.

Tendo em vista o caráter “anônimo” do programa, que propõe que o contato entre os companheiros de recuperação não se estenda para além do espaço das salas de reunião (a não ser nos casos das relações com madrinhas e padrinhos de recuperação), apesar de existirem

grandes preocupações de uns com os outros, as trocas que acontecem pontualmente em seus cotidianos se tratam de trocas superficiais, normalmente em tarefas cotidianas. Isso pode ser exemplificado, no caso em que um dos companheiros de Monica se disponibiliza a levar seu cachorro ao veterinário, quando ela precisa de carona para isso, ou no caso em que Monica aplica injeções em outro companheiro que faz um tratamento hormonal.

Essa proximidade, entretanto, está situada em uma linha bastante tênue entre o que facilita suas vidas e o que pode ser uma ameaça à recuperação, tendo em vista que todas as partes se entendem como adictas e como, nos termos de Monica, “bombas-relógio”. Nesse sentido, existe um consenso que se dá em torno da disposição para romper com essa

proximidade caso ela tenda a se distanciar do que é saudável para a recuperação das duas ou mais partes.

Apresento aqui uma situação de uma conversa que tivemos, para melhor exemplificar. Neste dia Monica compartilhou comigo um vídeo que estava circulando no WhatsApp de uma mulher caída no chão, desnorreada e chorando. O vídeo era filmado por um homem que a havia resgatado de uma tentativa de estupro e procurava por pessoas que pudessem conhecê-la ou a sua família, já que ela não tinha condições de se situar ali. Monica, ao me encaminhar o vídeo, comentou que a mulher era sua companheira de NA, que havia recaído. *“Acabei de receber. To em choque!”*

Enquanto minha primeira reação foi perguntar sobre a atual situação da mulher, me preocupando sobre ela já ter sido encontrada e acolhida, para Monica o que ficou em destaque foi o fato de que a mulher estava recaída. Ao receber minha pergunta sobre como a mulher estava, Monica me respondeu com uma fala que eu já conhecia na teoria, mas que ali entendi que, sem exceções, também se dava na prática: *“Não sei (se já foi acolhida). Também não vou atrás. Não posso. Ela sabe o caminho de volta. Mas fico muito triste quando vejo um companheiro recaído. Só que atrás eu não vou.”*

Eu, ainda lidando por uma perspectiva completamente diferente da de Monica, insisti em retomar a parte do abuso. “Mas pra além de recaída ela tá sendo abusada...”, o que fez com que ela me respondesse encerrando o assunto e reforçando seu ponto: *“Sim. Doença progressiva. Cada dia piora um pouco. Coordenei duas reuniões essa semana. É um conjunto de coisas. Uma coisa leva a outra.”*

Aqui é onde a escolha de priorizar a recuperação acima de tudo é vivido em sua forma mais legitimada/institucionalizada, já que a linguagem que aciona a adicção como orientação para as escolhas é a linguagem de todos eles (mesmo que isso, na prática, possa ser vivido de formas diferentes por cada um). Para além de aplicar a escolha de priorizar a recuperação a qualquer outra relação, como acontece em todos os outros contextos, nas relações que envolvem companheiros e companheiras de NA, o discurso é acionado mais explicitamente e aplicado de maneira ainda mais rigorosa, já que é nessas relações que gatilhos para recaídas aparecem de forma mais direta.

Monica aborda a recuperação como um processo que envolve várias etapas que, segundo ela, não conseguem ser cumpridas por todas as pessoas. A primeira e mais óbvia delas é o ato de “ficar limpa”, e como consequência disso, deveriam chegar outras formas de viver e se colocar no mundo, e aqui ela destaca desde uma mudança nos modos de se vestir e

falar, até a ocupação com trabalhos honestos, que ajudam a manter a mente ocupada e longe do impulso de recair.

A preocupação constante com o corpo “em forma” compõe a recuperação em sintonia com o cuidado em estar bem-vestida e de forma “decente”. Ela me explicou que algumas mulheres, por mais que consigam ficar sem usar droga por um tempo, continuam se vestindo de maneiras “sensuais”, o que, segundo ela, não combina com a reformulação da vida que deve vir acompanhada da recuperação.

Por um certo tempo a temática do “corpo em forma” era atravessada pela afirmação da autoestima em torno dos elogios dos companheiros de NA, que a desejavam e a faziam sentir “gostosa”, em seus termos. Um tempo depois, com a entrada de mais mulheres no grupo, elas passam a se unir e confrontar as atitudes machistas dos companheiros de recuperação.

Esse movimento começa com a necessidade de um lugar seguro para falar de certas temáticas, principalmente envolvendo abusos e sexualidade, e, somada a uma reação negativa dos companheiros frente a proposta trazida por elas de usar a sala separadamente em outros momentos, acaba culminando na separação do grupo e na criação de um novo, só para mulheres. Aqui, os relatos sobre corpo passam a ser trazidos em uma abordagem que não se sustenta na aprovação ou não dos companheiros de NA. Além disso, as abordagens em torno das demais companheiras, passa de um lugar de crítica para um de mais acolhimento. Assim como foi proposto por Veena Das (2020)

A ideia de apresentar um “caso” aqui não é tanto oferecer um exemplo de uma regra geral ou uma exceção a ela, mas mostrar como novas normas emergem em experimentos com a vida, autocriação espiritual. Como as pessoas estabelecem normas para si mesmas e como elas se relacionam com a maneira pela qual as normas societárias são imaginadas? (DAS, 2020, p.98)

Esse movimento entre as mulheres revela, mais uma vez, a flexibilidade dessas relações, que são vividas de maneira rigorosamente atreladas às regras, mas que, de acordo com as demandas da recuperação, se reformulam de um dia para o outro se for necessário. Essa flexibilidade compõe essas mulheres de maneira bastante expansiva, como vai ser desenvolvido ao longo da discussão, sendo indispensável para sua reinserção e adequação ao mundo, mais uma vez. Reconhecendo, então, essa flexibilidade enquanto traço dessas relações, e sabendo da centralidade das noções de corpo e trabalho nesse circuito, representado por Monica, cabe então entender como elas se aplicam no cotidiano.

5.3 Corpos em recuperação: trabalho e relacionamentos

No sentido do trabalho como um princípio da recuperação e, conseqüentemente, da retomada das coisas que perdeu nos últimos anos, mora a justificativa para o fato de estar trabalhando na maior parte de seu tempo. Esse jeito e momento de estar no mundo é chamado por ela de “fase de plantio” e vivenciado como se ela tivesse nascido de novo, após um período de “desligamento” causado pelo uso compulsivo de drogas e, em seguida, pela internação em CT.

Tendo em vista a centralidade do trabalho nesse momento de sua vida, é também nesse contexto que as relações, reflexões e dramas da vida de Monica se instalam e são vivenciados, na grande maioria das vezes. É aqui onde a mediação estratégica entre suas versões confiável e perigosa aparece, na prática, como parte constituinte do seu modo de “voltar ao mundo real”.

Apesar desse manejo aparecer como uma estratégia de Monica, não acredito que exista alguém a quem atribuir a “criação” dessa combinação, visto que ela também é acionada a todo momento pelas demais pessoas de seu convívio - ao falar de Monica. Assim como Veena Das (2020) propõe, penso que “em vez de aprisionar metáforas para captar as relações entre os critérios externos e os estados internos, pode-se pensar no modo como reforçam-se um ao outro, mantendo-se próximos, mas unidos da mesma maneira pela qual legislação e transgressão estão unidas.” (DAS, 2020, p.116). Independente disso ter partido dela ou de seu contexto, essa fluidez aparece de maneira bastante evidente em alguns desabafos que surgem de tempos em tempos, e é nela que está meu foco aqui. Adriana Fernandes (2019) escreve que

O tema do cuidado mediante recuperação de alguma enfermidade aparece, e se sobrepõe, à forma de recuperar o corpo visto inicialmente como “encardido”, degenerado, ou ao menos para tentar reerguê-lo de uma perdição sem volta. Os corpos que não reconhecem esse traço de perigo ou que não se arrependem desse passado-presente podem ser considerados corpos indignos, corpos abjetos, corpos fadados à recusa. (FERNANDES, 2019, p.750)

Isso aparece, por exemplo, em um relato que ela chamou de “situação de humilhação”, que aconteceu na casa de uma vizinha, onde ela trabalhava quinzenalmente como faxineira. Nessa casa, cabe dizer, ela trabalha diretamente para uma mulher que a conhece há muitos anos, desde muito nova, e que presenciou a entrada e a saída de Monica do uso abusivo de drogas. Apesar de serem comuns e constantes os casos de abuso e humilhação nos contextos desse tipo de trabalho, esse caso em específico revelou

explicitamente a forma como Monica assume a maleabilidade de sua identidade, desde a forma como ela é tratada até a forma como ela se posiciona.

O relato apareceu para mim quando algo na rotina a fez lembrar do acontecido e ela quis compartilhar, pedindo opinião. Ela começou a contar com tom de voz sério, chateada pelo acontecido, que nos dias em que trabalha nessa casa ela almoça lá, já que a proibem de levar sua própria comida. Ela não se sente bem e não gosta de comer carne vermelha, e nesse dia em específico, ela não colocou no prato uma das carnes. Nessa situação, ela conta do enfrentamento à filha da patroa, que a teria provocado por ser seletiva na hora de almoçar, “*nossa, tá com nojinho?*”, o que foi interpretado por Monica como se ela não tivesse o direito de, naquele contexto, escolher o que come. Esse almoço se desmembrou em dois cenários: Monica indo comer em casa e mandando mensagens se defendendo e atacando a mulher, e Luzia mandando mensagens para Monica pedindo desculpas por sua filha. Em uma análise que prioriza os aspectos subjetivos torno da construção de corpos abjetos, Taniele Rui (2021) organiza que

As emoções mais imediatas referentes à noção de abjeção se orientam em torno do nojo, da repulsa e do desprezo; emoções que são declarações de superioridade (Miller, 1999) e que têm papel central na hierarquização de espaços e corpos (Ahmed, 2004). (...). Para além dessas, mais abrangentes, enfoco ainda outras duas que igualmente se destacaram durante meus trabalhos de campo: a humilhação e a vergonha. (RUI, 2021, p.3-4)

Quando Monica que supostamente é inferior a dona da casa recusa sua comida, a mulher recebe essa recusa na chave do nojo e explicita que o cenário de hierarquias está invertido. Como assim Monica pode sentir nojo de algo que está associado a ela? Fica nítido que essa rejeição, naquele espaço, é interpretada como inviável e a mulher inclusive se sente no direito de tentar forçar Monica a comer. Monica interpreta a interação como humilhação e se recusa, inclusive, a comer o restante da comida, voltando em sua casa para almoçar. Nesse cenário a hierarquia não só foi trazida à tona como ela foi percebida e rebatida por Monica, gerando a comoção de Luzia. Por outro lado, a situação reverbera na cabeça de Monica, que sentiu inclusive a necessidade de compartilhar comigo e confirmar se ela estava certa em sua interpretação sobre o que havia acontecido, buscando legitimar seu posicionamento. Para essa discussão, sigo o caminho apontado por Taniele Rui (2021) ao escrever que

Questões como “por que tratar mal?”, “por que tratar mal por diversão?”, por que humilhar “com má vontade e com ares de vencedora”? são chaves para esse enfrentamento. É nesse sentido que uma aproximação ao campo da antropologia das emoções nos ajuda a observar como atos de maltratar, de maltratar por prazer, são movimentados por – e movimentam – relações sociais hierarquizadas. (RUI, 2021, p.8)

Apesar de ter relatado os detalhes da discussão em tom sério e, inclusive, chateado, me perguntando a todo momento se eu achava que ela estava errada, Monica deixa escapar com essa preocupação, entre a firmeza da voz que oscila e o silêncio que surge quando pensa na possibilidade do erro, que a situação a deixou com medo, que teria sido o sentimento equivalente a vergonha trazida. Taniele Rui (2021, p.4), no sentido de ser a “resposta íntima à desaprovação de outros, sentida como o fracasso em aderir a padrões comunitários com os quais se está comprometido.”. A “sutileza” que gera a dúvida aponta que o tipo de humilhação que aparece nesse cenário diz respeito a uma humilhação típica de relações interpessoais, que atua como distância subjetiva a partir de gestos cotidianos de praticar rebaixamento.

Após ser citado e acompanhado por alguns segundos de silêncio, esse medo não se desenvolve na conversa e, com essa lacuna na reflexão, Monica continua relatando a partir da outra perspectiva, na qual a pessoa que sente o medo não é ela. Essa constituição de uma identidade imersa em um entrelaçamento que combina uma versão guerreira/trabalhadora com uma versão perigosa que briga no trabalho ao se sentir humilhada, conversa com um perfil de mulher trazido por Adriana Fernandes (2019), que o aborda a partir da noção de que

A ideia de mulher guerreira, e que rápido desliza para brigona ou quizumbreira, “por onde passa arruma confusão” desdobra o estigma desse corpo que se excede, marcante desde o higienismo para uma bioidentidade pela vulnerabilidade que exige direitos, questiona a desigualdade e o caráter assistencialista que endossa a vitimização e a subalternidade, chegando até as políticas sociais. (FERNANDES, 2019, p.751)

Ainda nessa lógica, porém em uma escala mais intimista das relações, na qual mesmo se percebendo injustiçada e sentindo medo, se recusa a assumir o papel de vítima ou a ficar calada nesta cena, Monica seguiu relatando o acontecido e não demorou para que ela mudasse o foco para a relação com a mulher além desse episódio específico e em outros espaços, sendo essa mudança acompanhada também por uma mudança em sua abordagem, que abandona o tom de voz sério e agora é contada aos risos. *“Ela só me atacou porque eu tava trabalhando dentro da casa da Luzia. Do lado de fora ela morre de medo de mim.”.*

No relato da discussão com essa mulher no trabalho, o que aparece é uma versão onde Monica é encarada a partir do medo, ao invés do respeito, e que, segundo ela, tem a ver com a ausência de confiança, já que, nesse caso, ela foi conhecida ainda na época da drogadição. *“Ela fala pra Luzia (a mãe dela, amiga de Monica, e dona da casa) que eu sou perigosa, que ando com gente perigosa. Acha que eu a qualquer momento vou arrombar a casa dela e roubar tudo.”.* E justifica a afirmação de que a mulher tem medo, ao continuar contando, aos

risos, de outras situações nas quais se encontraram fora do ambiente de trabalho e ela ficou “encolhida”, “apavorada”, ao ser abordada com uma simpatia sarcástica por Monica.

Apesar desse episódio no qual a mulher enfrenta Monica, ele aconteceu de maneira excepcional e contrária ao que normalmente acontece, que é o movimento de “evitar” e “se encolher”, interpretado por Monica na chave do medo. Partindo do princípio de que esse movimento de encolher é uma expressão corporal explicitamente voltada para a evitação desse corpo tido como perigoso, cabe retomar o trecho no qual Adriana Fernandes (2019) faz uma retrospectiva da segregação de corpos suspeitos.

Como Michel Foucault (2010) observou, a cidade e seu desenho urbano foi fruto a partir da modernidade de formas de segregação originais: o corpo era percebido baseado em um ordenamento que seguia o modelo de evitação ao “corpo leproso”, ou seja, era preciso retirar leprosos e anormais do convívio, afastando-os para lugares distantes da cidade. Com a epidemia da peste, esse modelo se transforma, e permanece até nossos dias. Qualquer corpo, alguns corpos mais que outros, em qualquer lugar, se torna suspeito. São reconhecidos como corpos passíveis de contágio e de transmissão, portadores de perigo sem saber. (FERNANDES, 2019, p.750)

Ainda no que diz respeito a essa relação com acusações e o medo aparente das pessoas ao seu redor, Monica afirma que essa reação não é incomum em alguns espaços, já que nem todo mundo sabe que ela passou por uma clínica de recuperação e, portanto, ainda associam sua imagem a uma pessoa perigosa e não confiável. Aqui, ela assume o que não costuma falar, mas que vive diariamente: a ambiguidade que atravessa as leituras a seu respeito. Ela é ainda marcada pelos estereótipos do seu tempo de uso, mas também pela sua recuperação, já que é essa escolha (a de se recuperar), que permite que novas versões dela sejam construídas - como por exemplo a da mulher trabalhadora e confiável. Arenari e Dutra (2016), ao falar sobre usuários de crack sendo reinseridos na categoria de “pessoa”, retoma Luhmann no seguinte trecho

Para Luhmann, a noção de pessoal consiste no acoplamento estrutural dinâmico entre sistema psíquico e sistemas sociais. Esse acoplamento é estrutural porque as características atribuídas aos indivíduos, ou seja, as possibilidades estruturais de comportamento, tornam-se expectativas sobre sua conduta: tanto expectativas dos outros projetadas sobre ele como expectativas que ele projeta sobre si mesmo. Os indivíduos, enquanto sistemas psíquicos singulares, não são a pessoa social a eles atribuídas; mas tomam essa pessoa social atribuída como referência para sua existência e conduta. (ARENARI; DUTRA, 2016, p.199-200)

Cabe situar que essa ambiguidade de leituras a seu respeito, dia após dia, sob as sombras do seu passado, está em diálogo com o que Veena Das (2020) conceitua como conhecimento venenoso, e anda de mãos dadas com a flexibilidade dessas mulheres, assim como foi trazido no trecho acima, no que diz respeito a adaptação entre suas individualidades

e as expectativas em torno delas enquanto “pessoa social”. Os autores pontuam ainda que “a questão fundamental é a respeito dos limites e fronteiras das escolhas individuais que são tecidas ocultamente pelos fios quase invisíveis das relações sociais (sociedade).” (ARENARI; DUTRA, 2016, p.192). No sentido de corpo trazido por Taniele Rui (2021), “a abjeção, longe de ser considerada um atributo do sujeito, dos que usam crack, refere-se a um campo relacional, constituído por operações materiais e simbólicas que modelam leituras de sujeitos, corpos e atos na medida mesmo em que produzem ordenamentos e territorialidades.” (RUI, 2021, p.2).

Nesse sentido, apesar de enfatizar a agência dessas mulheres na construção de suas próprias identidades, é de extrema relevância considerar que para além de apenas estímulos externos, esses contextos constituem também internamente a maneira como elas se colocam nas relações, e aqui eu defendo que parte significativa desta construção enquanto sujeito se dá a partir do que elas sentem. No caso trazido aqui, sugiro então, que para além de uma estratégia de reinserção no mundo, a forma como Monica se coloca nele, é uma expressão do medo que ela sente. Taniele Rui (2017) retoma que

Em seu constante processo de desumanização, sujeito a não ter sua fragilidade reconhecida (BUTLER, 2006), esse corpo encontra-se no limiar da exposição, da dor e da subtração. Porém, ao mesmo tempo, a potencial agência dessa corporalidade supõe táticas e interações nas quais sobreviver significa mais do que assegurar integridade física. Sobreviver, sugere Fassin (2010), propicia a transformação da vida física em política de vida que vai além da desposseção, e que pode se tornar instrumento político, recurso moral ou expressão afetiva. (RUI, 2017. p.25)

Voltemos, então, para a forma como ela se coloca no mundo. Por mais que Monica tenha um discurso institucionalizado sobre seu processo individual de recuperação e sobre como deve ser a recuperação de modo geral – inclusive deslegitimando experiências que se distanciam desse modelo -, ela escolhe não tornar público o seu processo para não ser associada a ele, seja no sentido de ser ex usuária (no trabalho), ou no sentido de estar em recuperação (fora do trabalho).

Monica passou meses fora e depois voltou para a mesma vizinhança, vivendo a vida de outra forma e dando novos limites a quase todo seu ciclo de convívio, mas não compartilha que esteve em uma clínica e não compartilha também que está “limpa”, por mais que isso pudesse ser acionado a seu favor, em alguns espaços. “O corpo está em interface com várias escalas, seja reiterando preconcepções impostas, seja criando formas de resistência” (FRANGELLA; RUI, 2017, p.31). Monica escolhe preservar, em algum nível, o respeito que conquistou ao longo dos últimos anos ali na vizinhança e, para isso, a

periculosidade é uma marca importante da sua identidade a ser preservada. Apesar de estigmas como esses serem constantemente analisados por uma perspectiva negativa, ela afirma que ocupar essa posição também é útil na sua recuperação, já que evita que certos conflitos e provocações aconteçam. “Assim, o limiar entre o limpo e o sujo, o abjeto e o decente, é constantemente manejado, de forma ambígua, nas ruas, sendo inclusive capaz de criar tipos heterogêneos de moradores de rua e de usuários de crack.” (RUI, 2021).

A escolha de não tornar pública nem a experiência da internação e nem o fato de estar limpa se dá não apenas no sentido de “não dever satisfação”, mas na manutenção de um respeito que, quando não se dá na chave da confiança, se dá sim na chave do medo. E esse respeito, segundo ela, é indispensável para a manutenção da sua dignidade, diretamente relacionada a “estar limpa” e a priorização da sua recuperação: *é bom que ninguém fica me perturbando*.

Em seu cotidiano, ela relata constantemente situações de trabalho nas quais se encontra em posições de respeito e confiança, como a possibilidade de ficar sozinha na casa das pessoas e até mesmo de passarem a senha do cartão do banco para que ela compre alguma coisa a pedido dos patrões. Aqui ela enfatiza constantemente seu papel nisso, ao se posicionar e impor seus limites – o que segundo ela funciona, apesar do seu “gênio difícil”.

Existem casos nos quais seu passado é conhecido e ela conquistou a confiança de quem a contrata e se percebe na possibilidade de ainda acionar, em algum nível, a versão “perigosa” para se posicionar, apesar de sempre priorizar a Monica confiável como a versão que está à frente da relação – como é o caso da Luzia, dona da casa na qual surgiu o conflito com a filha sobre o consumo ou não de carne.

Nesses casos, a tensão em torno do quanto de cada uma de suas versões ela pode e deve dar vazão - em uma mediação entre usar as ferramentas que tem para impor um respeito que é desafiado a todo momento e não perder o emprego- , é acompanhada da combinação entre desconforto e prazer, como fica evidente quando ela conta sobre o desconforto de ter sua versão confiável confrontada, mas gargalha ao falar sobre a forma como aciona a versão perigosa nesse enfrentamento.

Por outro lado, existem casos em que a única versão conhecida pelos patrões é a versão da Monica confiável, em relações mais recentes que aparecem após o período do uso de drogas e da internação. Nesses casos, existe um cuidado e uma atenção que se dão de forma constante em torno do ocultamento do seu histórico em relação à droga e, conseqüentemente, da versão perigosa que a acompanha. Aqui, qualquer movimento em

relação a uma possível “descoberta” sobre sua identidade, a coloca em posição de alerta, gerando uma tensão no sentido de reforçar o silenciamento da Monica perigosa. É como se a Monica perigosa pudesse aparecer por caminhos que estão além do seu controle.

Um exemplo disso aconteceu no período de pandemia, em um dia que recebi a seguinte mensagem no *WhatsApp*: “quando puder conversar me fala. Preciso te contar uma coisa. Sem pressa.”. No dia seguinte eu, curiosa, perguntei sobre o que era e ela me contou que estava tensa na hora que mandou a mensagem, mas que não era nada demais. E continuou:

É que teve uma médica psiquiatra que me atendeu quando eu tive uma overdose. Me indicaram pra trabalhar pra ela mas eu não sabia quem era. Nem ela sabia, nem sabe quem eu sou e quase morri quando ela abriu a porta. Pessoa boa, mas louca. Foi foda trabalhar pra ela. Agora fica me ligando. Quer ficar minha amiga. Mal sabe ela (...) eu que to ajudando ela agora. Como a vida dá volta.

Partindo desse comentário de que tinha sido “foda trabalhar pra ela”, eu presumi imediatamente que a mulher tinha reconhecido Monica e, por isso, bagunçado a sua estratégia de esconder a Monica perigosa. Entretanto, ao perguntar sobre esse possível reconhecimento, Monica respondeu que na verdade tinha sido foda trabalhar para ela não por ela ter reconhecido, mas por ter passado a faxina inteira tentando se esconder.

Foi foda. Assim que ela abriu a porta eu pensei puta que pariu fodeu. Aí ela não me reconheceu, acredita? Eu tava muito diferente naquela época né muito magra, mas mesmo assim. Aí fiquei nervosa, pensei “o que que eu vim fazer aqui meu deus?”. Fiz a faxina inteira de máscara não tirei pra nada aí ela chegava assim perto de mim querendo conversar perguntando porque eu não tirava a máscara e eu inventei que só trabalhava de máscara porque pegava muito ônibus e tal mas na verdade não queria que ela me visse né porra eu tava apavorada.

Outro exemplo disso foi em uma casa na qual ela estava trabalhando para patrões eram ricos e aparentemente muito “certinhos”, o que, apesar dela gostar muito deles, a deixava tensa. Nesse dia, por algum motivo, ela tinha esquecido o celular em cima de uma bancada no mesmo cômodo onde estava seu patrão e o aplicativo de recuperação que ela tinha no celular fez barulho com uma notificação de que ela estava limpa há um determinado tempo. Ao ver a notificação, Monica correu para o banheiro para me ligar, muito preocupada e desorientada, me perguntando se eu achava que ela devia se preocupar com a possibilidade de ele ter visto e descoberto que ela é ex usuária.

Taniele Rui (2021), ao discorrer sobre a vergonha, destaca que esse sentimento pode aparecer muitas vezes a partir de gatilhos que trazem à tona memórias de situações específicas e retoma Thomas Scheff (2000) para explicar que “diferente da culpa que recai sobre uma ação, a vergonha é sobre o self, o que alguém é; envolve sentimentos de rejeição, de fracasso, de inadequação” (SCHEFF, 2000, apud RUI, 2021, p.?). “*Quer ficar minha*

amiga. Mal sabe ela (...) o que que eu vim fazer aqui meu deus? ”. No caso da ida de Monica na casa desta psiquiatra, que neste contexto era sua patroa, o que mais mobiliza Monica e a leva a se esconder atrás da máscara não é o julgamento da mulher em relação ao episódio que ocorreu no seu passado, mas justamente a abertura e a insistência da mulher em se aproximar dela. *“na verdade, não queria que ela me visse né porra eu tava apavorada.”.* Fica evidente que, neste contexto em específico, a vergonha era maior que o medo e o medo era justamente de ser reconhecida, a “máscara cair” e a razão da vergonha vir à tona.

Nesses contextos, apesar da Monica confiável ser priorizada como “o rosto” que toma a frente da situação, a sua outra versão, a da Monica perigosa, ainda existe às margens do que ela trabalha para acionar ou ocultar nessas relações, tendo em vista que a vida aqui acontece, assim como foi trazido por Veena Das (2020) ao falar sobre o conceito de conhecimento venenoso, às sombras do passado. Nesse sentido, Monica aqui se depara com um entrelaçamento das fases da sua vida, que vai para além das versões que ela manipula na construção da sua identidade, e que chega às vezes como uma lembrança de uma versão que agora não diz respeito a sua versão atual, mas que, em algum nível, ainda a compõe, quase como sendo uma parte perigosa e evitada dela mesma.

Aqui é como se as duas versões dela, em algum nível, para além de serem objeto de ativação ou ocultação, desenvolvessem certa autonomia e disputassem, de forma perigosa e desafiadora, quem aparece ou deixa de aparecer. Nesses momentos, ela se percebe com medo por não estar com o controle, e é normalmente neles que entra em contato comigo, pedindo orientação sobre como agir. Em síntese, ela regula sua versão perigosa com mais ou menos intensidade a depender do contexto, sendo o contexto do trabalho aquele no qual ela deposita maior peso nessa manutenção, já que ele, justamente por ser o caminho encontrado para manter a recuperação e a retomada de vida, é o que apresenta mais riscos caso ela seja “descoberta” e, conseqüentemente, traz à tona mais medos e vergonhas.

Em trabalhos onde ela já tem seu passado conhecido, ela busca um meio termo, já que não parece ser uma possibilidade abrir mão de qualquer uma das duas versões - se ajustando a essa impossibilidade, usa a ideia do perigo como defesa e respeito, mas prioriza a confiança, que é a imagem que está focada em construir agora. Em contextos de trabalho onde sua versão perigosa não é conhecida, ela foca exclusivamente na versão confiável, inclusive sendo constantemente acompanhada por uma atenção pautada no medo de que seu passado seja descoberto pelos patrões. Essa atenção se dá, principalmente pela noção de

adicação vivida por ela, e que foi trazida por Taniele Rui (2010) ao falar dessa compreensão em casas de recuperação a partir da seguinte perspectiva

Nesse sentido, é interessante pensar como fazem uso da ideia de adição nesta instituição, uma vez que, de um lado, parece ser ela que os move à compulsão e à falta de controle. No entanto, recorrem, sobretudo, às mudanças nos comportamentos e nas atitudes como as terapêuticas eficazes para a abstinência das substâncias. Como me disse Diogo: “droga é comportamento inadequado. Não adianta nada eu parar de usar drogas, quando na verdade são os meus comportamentos que me levam ao vício.” (RUI, 2010, p.54)

Por mais que exista uma luta interna e cotidiana para não acionar essa versão “perigosa”, marcada por exemplo pela perversidade da fala em situações de conflito, essa “liberação” ainda aparece em algumas situações, justificando a manutenção da sua recuperação, no sentido mais especificamente ligado à evitação de uma recaída ao uso de drogas, que representaria voltar para o passado. Essa manutenção deixa evidente que, por mais que Monica apareça como um caso exemplar de recuperação, e acione em sua fala e vida o discurso institucional da recuperação de casas de recuperação e Narcóticos Anônimos, ela ainda encontra formas de driblar esses caminhos.

Fica evidente que durante o processo de recuperação - que nesses casos como foi trazido aqui, não é linear mas é permanente -, o manejo da vida se dá para além da adesão completa ao “pensamento institucional”, sendo inclusive um movimento importante para a manutenção da recuperação, que a vida envolva algumas transgressões, como no caso do resgate da “versão perigosa”. Esse manejo, apesar de ser observado na vida do “lado de fora” das CTs, é apontado por Taniele Rui (2010) na elaboração da dinâmica de recuperação dentro desses espaços, no qual ela mostra que

Os indivíduos criticam a instituição compartilhando de um léxico institucional. E, o que me pareceu mais relevante, nem sempre o bom andamento do tratamento implica uma adesão completa ao “pensamento institucional”; nem sempre o dia a dia da clínica é feito só de harmonia; e a tensão também não implica um completo desajuste. É em meio a esse cotidiano que, durante os seis meses indicados de tratamento, se desenvolve o processo de recuperação. (RUI, 2010. p.67)

Para além de apontar a relevância da transgressão, nesses casos, cabe destacar que essa transgressão se dá a partir do conhecimento das regras do contexto, seja isso dentro ou fora do espaço institucionalizado da CT. Quer dizer, quando Monica sai da CT e mantém esse esquema de ajustes entre transgressão e regra, é evidente sua agência ativa na manutenção dessas relações e contextos, mesmo que isso não seja uma escolha intencional. Entendendo, portanto, essa conciliação entre honestidade e perigo como o caminho possível encontrado aqui para atravessar situações incontornavelmente angustiantes, cabe situar que a

presença dessa combinação na construção de sujeitos ativos na comunidade, apesar de peculiar, não é exclusividade do meu campo. No texto *Viver sem guerra? Poderes locais e relações de gênero no cotidiano popular*, Birman e Pierobon (2021), ao falar de uma de suas interlocutoras, pontua que

Embora controversa na Vila devido a seus posicionamentos assertivos, muitos moradores que evitavam qualquer contato com Cristina na vida cotidiana a apoiavam no trabalho de “cobrar a água” devido a sua história construída no barracão como “mulher honesta”. Foram anos na batalha por essa posição de “honestidade”, que não significa bondade e tampouco cordialidade, que esteve estremecida quando seu filho Rafael voltou a morar com ela e começou a trabalhar para o tráfico de drogas. (BIRMAN; PIEROBON, 2021, p.19)

Essa colocação é importante para entendermos que essas categorias acionadas por elas em sua formação novamente enquanto sujeito, apesar de se inspirarem em categorias construídas dentro de uma “regra”, não se limitam à forma como são vividas e entendidas por outras pessoas. “Nesse sentido, é fundamental lembrar das considerações da antropóloga Veena Das (2007), ao indicar que não há nada de estável nas diferentes situações definidas como “violência”, conceito volátil cujos sentidos são permeados por contradições e disputas.” Assim como para Cristina ser “mulher honesta” não significa bondade ou cordialidade, para Monica ser confiável não significa abrir mão de sua outra versão, ou de seu passado - inclusive porque isso sequer se apresenta para ela como uma possibilidade. Aqui, mais uma vez, fica em destaque que as categorias, nesse campo, não são fixas e são, inclusive, ajustadas a todo momento, sendo esses ajustes, um reflexo da necessidade de comprovar a autenticidade desses sujeitos.

No sentido, trazido por Monica, da recuperação enquanto um processo que envolve vestimentas e comportamentos adequados, também aparece com muita frequência no cotidiano dessas mulheres uma interpretação ambígua sobre o próprio corpo, que envolve questionamentos sobre estar “gostosa”, em um movimento de buscar ser percebida dessa maneira. Esse “estar gostosa”, nesse contexto, é uma condição especificamente física, de um formato de corpo que não se enquadra nem como um corpo magro nem como um corpo gordo. O corpo gostoso, tão almejado, tende a ser um corpo com pernas e bundas grandes, e barriga pequena. É um corpo que serve como parâmetro, mas que, nesse contexto, não é alcançado.

Nos dois extremos desse corpo “gostoso”, entretanto, estão os corpos dessas mulheres, que normalmente estão ou magras ou gordas, e é a partir desses tamanhos de corpos que elas são, em primeira instância, reguladas - por elas mesmas e também pela vizinhança. Aqui, o corpo traz uma denúncia que acompanha uma racionalidade na qual

emagrecer acusa o uso de drogas, e engordar acusa o afastamento ou redução desse uso. Assim como foi trazido por Taniele Rui (2017) sobre alguns efeitos do uso abusivo de drogas, pensando no caso do crack principalmente, no cenário das mulheres que protagonizam a presente pesquisa, que tem a cocaína como droga de preferência, cabe retomar que

A essas marcas de superfícies, que fazem coligar “margens sociais” e “margens corporais” (DOUGLAS, 1978), soma-se o que é entendida pelos consumidores da droga como emblema máximo do “autoabandono”: a perda de peso que, gradualmente, produz um corpo demasiadamente emagrecido. (RUI, 2017, p.33)

O corpo, nesse caso, é vivenciado a partir de diferentes chaves, que são opostas e complementares. Por um lado, estar gorda é ruim porque é considerado “feio” e “vergonhoso”, como uma coisa a ser corrigida ou escondida. Por outro lado, estar gorda é fruto do sucesso da recuperação, já que a droga que emagrecia e adoecia esse corpo, agora foi substituída pelo consumo de comida.

Essa ambiguidade aparece de maneira explícita em uma situação na qual eu e Monica entramos em uma loja de doces e ela, compulsivamente, encheu um cesto de coisas que dizia conseguir comer tudo de uma vez só. Na hora de pagar, brincando com o atendente da loja (com quem tem, inclusive, certa intimidade, pela frequência com que vai no espaço) comentou que nem devia estar fazendo isso porque estava muito gorda. Ao receber como resposta algo como *“tá nada, tem que estar é feliz”*, completou assertivamente a conversa, concordando e pegando um doce a mais. Ao sair da loja comentou comigo que *“ah eu nem ligo, como mesmo. O importante é que eu to limpa, mesmo descontando na comida.”*

Essa percepção do corpo, ao mesmo tempo que vem de uma perspectiva ancorada no julgamento, também se justifica como uma vitória, e aparece constantemente sendo direcionada para outras mulheres que também passam por essa experiência. Na mesma medida em que “eu to gorda” aparece como uma frustração e é revidado automaticamente por um “pelo menos eu to limpa”, os comentários que surgem a respeito de outras mulheres, que também engordaram ao romper com o uso de alguma droga, acontecem a partir dessa mesma linha de raciocínio. Em uma discussão sobre o agenciamento do corpo em cenários de crack, Taniele Rui (2021) escreve que

trazer em primeiro plano uma imagem degradada, produzida gradualmente a partir da combinação do uso intenso da droga, sujeira, emagrecimento resulta numa corporalidade incômoda e repulsiva, à qual, como no exemplo de Miller (1999), se atribuem faltas de caráter, falhas morais. Não à toa, em tais contextos, o ganho de peso e a limpeza indicam a tentativa de reabilitação e, por vezes, é visando frear esta deterioração que muitos serviços hospitalares e comunidades terapêuticas são acionados, inclusive pelos próprios sujeitos. (RUI, 2021. p.5)

Uma outra situação na qual isso aparece de maneira explícita, aconteceu em uma das minhas retomadas de contato com Rita - naquela em que eu passei a considerar trazê-la para a pesquisa. Nesse dia eu comentei, dentre outras coisas, que tinha uma marca de biquínis e como resposta, ela me interrompeu animada e disse, gritando e rindo: *Eu quero um biquíni de presente, mas tem que ser alto pra tampar minha barriga*. No decorrer dessa mesma conversa com Rita, enquanto ela me atualizava da sua vida, em meio aos relatos de relacionamentos e o ritmo do uso de drogas, surge como constatação de que estava bem o comentário de que tinha engordado, que veio acompanhado de uma foto de corpo inteiro, sorrindo. Rita dizia "tô tranquila, tô bem, até engordei, olha!", e me mandava o que representava uma espécie de prova.

Essa relação com o corpo a partir da relação com a droga é trazida brevemente por Taniele Rui (2010), ao desenvolver que dentro do espaço das casas de recuperação a compreensão da doença como adicção trata a droga menos como um problema do corpo e mais como um problema da mente. A autora, ao se referir às internas, conta que *muitas diziam que o maior ganho de ficar na clínica sem “drogas” era o fato de engordar*. (Rui, 2010. p.54). A estratégia que Rita acionou ao justificar que está “tranquila” a partir da afirmação de um corpo que engordou, complementa essa abordagem em torno da recuperação enquanto um processo que pode ser notado e, inclusive, monitorado. Como foi apontado por Rui (2021), “estar atento ao corpo é desenvolver a capacidade de observar-se à distância, mas é também um ato de moldar física e moralmente a própria pessoa, de não sucumbir ao processo de desumanização ao qual está arriscada.” (RUI, 2021. p.5). Em uma discussão sobre os corpos das mulheres na chave do conhecimento venenoso, Veena Das (2020) escreve que

Os corpos das mulheres eram superfícies nas quais os textos deveriam ser escritos e lidos - ícones das novas nações. (...), Mas o ato subsequente de lembrar apenas por meio do corpo faz com que a própria experiência da mulher desloque o ser da superfície para a profundidade do corpo. (...). Esse movimento da superfície para a profundidade também transforma a passividade em agência. (recortes meus. DAS, 2020. p.88)

A associação recorrente entre o “estou limpa” e o “engordei” para validar que está bem traz à tona a não limitação desses termos às suas dimensões adjetivas ou, nos termos de Veena Das, desloca o debate da superfície para a profundidade. Essa limpeza não é só uma limpeza do corpo, ela está emaranhada em categorias morais do que é ser limpo, em uma referência ao que é ser puro, e que não só enuncia que a pessoa está sem fazer o uso de drogas por determinado período, mas que agora ela está mais ou menos apta a ocupar determinados locais sociais. Nos termos de Taniele Rui (2017): *A busca pela imagem do corpo limpo ou*

pelo abrandamento da condição abjeta atenua as agressividades físicas e verbais nas calçadas, auxilia na busca de serviços e facilita interações sociais (RUI, 2017, p.34). O controle social desses corpos a partir dos processos de engordar ou emagrecer não tem suas intenções limitadas a obter esse conhecimento pela prática da fofoca, eles são parte da prática de manutenção das sociabilidades nas quais estes corpos vão circulando, seja construindo esses corpos ou sendo reconstruídas por eles. Apontando, desta forma, o controle como fruto da relação entre “corpo social” e “corpo físico”, Taniele Rui (2017) escreve que

Nesse sentido, o controle sobre a deterioração corporal é fruto das restrições que o corpo social impõe sobre o corpo físico, como coloca Mary Douglas em uma medição de distâncias sociais entre “sujeitos poluentes” e “sujeitos puros” (DOUGLAS, 1978). Reconhecer esse constrangimento é reconhecer o corpo também como mergulhado em um campo político no qual as relações de poder o investem, marcam-no, sujeitam-no (FOUCAULT, 2008). (RUI, 2017, p.34)

Para além dessa compreensão ser a base para uma vivência do próprio corpo, cabe dizer, portanto, que essa percepção do tamanho e, conseqüentemente, da “pureza” do corpo também entrega conteúdo para a regulação da recuperação alheia. Dizer que alguém está gorda ou magra é ao mesmo tempo uma crítica, um elogio, e uma forma de se mostrar atenta ao processo de estar ou não “limpa” da pessoa em relação à droga. Se a percepção dessas mudanças corporais é acionada, na chave do controle, em direção a uma maior ou menor integração desses corpos ao meio social, a atribuição dessas mudanças a um processo de recuperação é parte indispensável desse processo, como fica evidente no trecho em que Rui (2017) pontua que

os sinais associados a essa abjeção obedecem a um processo ambíguo: de um lado, imprimem-se marcas da sujeira, do envelhecimento, do emagrecimento, das doenças e dores, dentro do contexto de ausência de condições objetivas e subjetivas para o asseio diário do corpo. De outro, tais marcas podem ser atenuadas e transformadas pelos habitantes da rua, tanto para melhorar sua imagem quanto para estabelecer certas táticas corporais que ajam a seu favor. (FRANGELLA, RUI, 2017, p.33)

Apesar de não haver, em momento algum por parte dessas mulheres, o acolhimento a respeito do próprio corpo ou do corpo das companheiras de recuperação, aqui a recuperação - seja ela com abstinência ou apenas redução do uso, a depender da interlocutora - é acionada, para além de uma simples justificativa, como um elemento que dá peso ao outro lado da balança, quase que compensando “a barriga que não devia estar ali”. Como escreveu Taniele Rui (2017)

os constrangimentos e as potencialidades sociais e políticas são também, e talvez sobretudo, corporais, no sentido de que o corpo sofre e produz esses processos. Para além disso, a ação do corpo e sobre o corpo deve também ser vista do ponto de vista intersubjetivo na interface com outros corpos e a produção de diferenças sociais codificadas em categorias de representação e classificação (FERREIRA, 2013). (FERREIRA, 2013, apud, FRANGELLA, RUI, 2017, p.36)

Cabe situar que, no meu mundo das drogas, essa racionalidade de categorização a partir do corpo se sustenta, principalmente, pelo fato de a droga de preferência dessa socialização ser a cocaína que, dentre outras coisas, tem como efeito o emagrecimento de quem usa com frequência. No que diz respeito a esse emaranhamento de saberes e definições dos corpos a partir das drogas nos contextos mais amplos de uso e socialização que esses corpos ocupam, Taniele Rui (2012) sugere que

tais corpos se constituem nas relações com a substância, os espaços de uso, as redes de solidariedade e prestação mútua, os objetos necessários para o consumo, os atores sociais envolvidos no comércio, no consumo e na prevenção de danos decorrentes desse abuso, as distintas corporalidades produzidas a partir do uso de outras substâncias e as políticas urbanísticas, sanitárias e repressivas. E que, uma vez constituídos, põem a nu uma série de relações específicas que envolve e emaranha saberes, ações, classificações e espaços urbanos. (RUI, 2012, p.11)

Essa vigilância que se mantém ao longo dos anos, independente do momento de vida dessas mulheres, pode ser analisada como a compreensão de um passado e um presente constantemente marcados nesses corpos, e apesar de não ser dita diretamente, aparece nas relações como reflexo de um consenso coletivo acerca dessa presença. Essa compreensão faz parte do que Pierobon (2021), ao retomar João de Oliveira, chama de “comunidade de comunicação”, ou seja, experiências, traumas e memórias que constituem um conjunto de conhecimentos específicos compartilhados. (Oliveira, apud PIEROBON, 2021, p.9)

Cesar Teixeira (2019), ao falar sobre a noção de testemunho no processo de recuperação dentro de casas de recuperação, traz os sentimentos de orgulho e vergonha como indispensáveis na construção de um testemunho digno de legitimidade. Para essa legitimidade, entretanto, ele pontua que esses sentimentos precisam estar perfeitamente regulados entre si, dentro de padrões que dizem respeito a um conhecimento específico desses contextos. O autor descreve que

Percebemos duas perspectivas principais do orgulho: ele não pode ser egocentrado na ação individual – Deus tem que estar no centro – pois ainda que haja a transformação, a categoria da humildade é constantemente evocada para não trazer o orgulho de si para o centro. Ele margeia as emoções, mas não deixa de estar ali. O sujeito pentecostal é parte importante dessa interação. A segunda é que, lembremos, esse sujeito está ‘em risco’, no sentido de ser julgado em suas intenções, então, o orgulho de ser ex deve vir juntamente com a vergonha do que foi vivido anteriormente. (TEIXEIRA, 2019, p.150-151)

Apesar de situar essa descrição de maneira bastante específica no seu campo, considero relevante pensar na relação que descrevo entre as mulheres e seus corpos a partir das categorias trazidas pelo autor. Embora o silêncio esteja mais presente no meu campo do que o testemunho, a mediação entre vergonha e orgulho é também central na manutenção da

recuperação dessas mulheres. Aqui, ao invés de esses sentimentos guiarem o testemunho e viabilizarem a legitimação de suas experiências de recuperação, como foi trazido por Teixeira (2019), eles regulam e expressam a relação com o corpo, que, como foi desenvolvido anteriormente, é um espelho da relação com a recuperação, trazendo ou negando, de forma parecida, a legitimação da recuperação. Aqui, não há testemunho, mas os corpos falam. Nos termos de Veena Das (2020) “assim como a relação entre fala e silêncio é, aqui, invertida no ato de testemunhar, assim é a relação entre a superfície e a profundidade do corpo.” (DAS, 2020, p.87)

Uma coisa que aparece muito nas falas de Rita é sobre a relação na qual está agora, que é acionada a todo momento enquanto ponto de sustentação e parceria na escolha de romper com “aquela vida”. Pensando na frequência com que as coisas são faladas, acredito que seja possível encontrar uma equivalência entre o trabalho na vida de Monica e o casamento na vida de Rita, sendo essas as ocupações que aparecem enquanto formas de ocupar suas mentes e dar sustentação para que se mantenham firmes e encarando as dificuldades da vida, sem abusar novamente do uso de drogas.

Diferente de Monica, que agora é atravessada por várias camadas de suas várias versões e que, inclusive, consegue “brincar” com o agenciamento delas, as mudanças de vida construídas e vividas por Rita não são suficientes para que ela pare de ser qualificada pelas outras pessoas a partir do lugar de “doida” (inclusive por Monica). O trabalho, o casamento e o afastamento dos espaços que frequentava, são reconhecidos a partir de um olhar de desconfiança, como se viver nesses termos não fosse uma possibilidade a médio/longo prazo para Rita. Em contrapartida, Rita insiste em afirmar que está tranquila e, inclusive, melhor e mais satisfeita com essa vida do que com a vida que levava no período em que circulava entre o uso compulsivo de drogas e as prisões. Como Veena Das (2020) escreveu: “a recuperação não residia em empreender uma vingança contra o mundo, mas em habitá-lo em um gesto de luto por ele.” (DAS, 2020, p.115)

No que diz respeito a essas formas de agenciamento e tentativas de sair de uma dinâmica de marginalização extrema estreitamente vinculada ao uso abusivo de drogas, Taniele Rui (2017) escreve, em torno da experiência urbana contemporânea, que

os moradores de rua não estão apenas se opondo ao imaginário urbano corrente, mas por muitas vezes, esforçam-se incansavelmente para manifestar seus padrões de civilidade – o que faz com que a experiência da precariedade corporal não seja vivida individualmente como “transgressão” ou despojamento, mas, principalmente, como vergonha e autoabandono. (FRANGELLA; RUI, 2017, p.34)

Os horizontes de recuperação que aparecem sendo experimentados ou até mesmo defendidos por Rita e Monica, apesar de serem diferentes entre si, representam um espaço de ruptura com o que chamei aqui de “tempo passado” e que, majoritariamente, apareceu na perspectiva de Alice ao longo do presente trabalho. Assim como Monica, Rita parte do princípio de que a vida anterior já não é uma dinâmica saudável para gerenciar, e apresenta novas prioridades, revelando, a partir do conhecimento de que as duas ainda se encontram amarradas por esse passado contínuo, que essa nova experiência corporal tem mais potencial de ser vivida na chave da transgressão do que a anterior, que passou a ser lembrada na chave da vergonha, do autoabandono e do que fica como memória para onde não voltar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação me dediquei a pensar, a partir de uma escrita autoetnográfica, sobre um núcleo de relações que qualifiquei como relações extremas, marcadas por uma dinâmica de esgarçamentos contínuos. Para tratá-las, separei categoricamente as pessoas envolvidas em dois subnúcleos: as filhas e as mães, e cada um deles protagonizou uma parte do trabalho e foi abordado em uma perspectiva temporal diferente.

Considero importante retomar e destacar que o tempo é vivido, lembrado e vislumbrado a partir de diferentes referenciais, e que mais importante do que pensá-los separadamente como foi posto na vida escrita, na vida vivida esse tempo que se reescreve, inclusive ao longo da escrita deste trabalho, se apresenta como uma representação do movimento de um tempo que é múltiplo, multifacetado e multidirecional. Por ser assim é que nesse tempo, que se inscreve nesses corpos, esses corpos se inscrevem.

As filhas anunciam, a partir de uma combinação entre passado e presente, uma discussão sobre memórias e redes agonísticas de cuidado, elas trazem para o centro da cena a agência de filhas crianças na manutenção do cuidado de toda uma rede familiar, colocando em pauta as dinâmicas possíveis de constituição familiar. As crianças mostram que o silêncio ensina.

As mães nos ensinam sobre possíveis horizontes de recuperação. Em uma discussão que gira a partir e em torno de um tempo futuro, suas histórias evidenciam caminhos de aprendizado e controle a partir do corpo, bem como mostram a ambiguidade na construção das identidades como estratégias de fazer a manutenção das relações e dos sentimentos. As mães ensinam que se existe um sentimento central deslizando por entre as brechas dessas relações, o sentimento é o medo.

Reconheço e retomo que encontrar na escrita soluções anestésicas foi parte significativa do que me possibilitou lidar com o sofrimento envolvido no manejo do que esbarrei e adentrei nas discussões deste trabalho. A escrita como ela foi tratada nesta etapa, não diz respeito a uma escrita sobre alguma coisa, relação ou pessoa; a escrita da qual eu falo é uma escrita a partir de um lugar, um contexto, um sentimento. Eu não falo de uma escrita sobre cuidado ou recuperação, eu falo de uma escrita a partir dessas relações, eu falo da escrita dessas relações. Escrevo isso agora com o alívio de quem encontrou algo que quer conhecer mais, vislumbro aqui um caminho possível para seguir.

A ênfase nesse encontro com a escrita como um lugar para onde ir, entretanto, não aponta apenas para as possibilidades futuras. Esse encontro é fruto do caminho que percorri academicamente até aqui, dos temas que me interessaram, dos que me desinteressaram, dos que experimentei e mudei de ideia, dos que ainda reverberam e, principalmente, dos que ficaram para esta dissertação e me colocaram frente a frente com minha dor e com a possibilidade de encontrar soluções.

Nesse processo, reconheço que ficou como resquício no presente trabalho uma organização de fragmentos, de brechas abertas e pontas soltas de discussões pelas quais passei e que ficam disponíveis para ser continuadas, mas que foram, em níveis íntimos, indispensáveis para o desenvolvimento da pesquisa. Não pretendo justificá-las a não ser pelas movimentações do meu maior ou menor interesse em utilizar o meu tempo curto para me debruçar com maior ou menor intensidade sobre cada uma delas. Reconhecendo as discussões sobre cuidado e recuperação como sendo aquelas que me levaram para a discussão da escrita, reconheço nas suas faltas uma expressão do caráter de transitoriedade - o que não significa que não exista interesse ou que futuramente não possam vir a ser retomadas em outras discussões.

Por fim, cabe dizer que se tenho a escrita como prioridade no meu horizonte de projetos futuros, principalmente pensando em uma escrita do sofrimento, isso se deve em grande parte ao potencial desse tipo de escrita para solucionar vazios e problemas que, em diversos cenários, tenderiam a interromper o que estava em construção. Essa percepção, por sua vez, só foi possível pelo tempo que tive disponível para tomar as diversas decisões que apareceram ao longo da pesquisa. Se hoje enxergo este potencial na escrita do sofrimento, é porque valorizo, mais do que o resultado do trabalho, o processo pelo qual ele passou para ganhar sua versão “final”. A escrita continua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABU-LUGHOD, Lila. **A escrita dos mundos de mulheres: histórias beduínas**. Papéis Selvagens, 2020.

ARENARI, Brand; DUTRA, Roberto. A construção social da condição de pessoa: premissas para romper o círculo vicioso de exclusão e uso problemático do crack. **Crack e exclusão social**, v. 1, p. 191-208, 2016.

ARENARI, Brand; DUTRA, Roberto. A religião e seu potencial na recuperação de usuários do crack: “os longos futuros” . **Crack e exclusão social**, v. 1, p. 209-222, 2016.

BIRMAN, Patrícia; PIEROBON, Camila. Viver sem guerra? Poderes locais e relações de gênero no cotidiano popular. *Revista de Antropologia*, v. 64, 2021.

CLIFFORD, James; MARCUS, George. A escrita da cultura: poética e política da etnografia. **Rio de Janeiro: EdUERJ**, 2016.

DAS, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. **cadernos pagu**, p. 9-41, 2011.

DAS, Veena. Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário. Editora Unifesp, 2020.

FERNANDES, Adriana; BORGEAUD-GARCIANDÍA, Natacha. Mulheres pobres que amam demais: a vida dos direitos e das políticas sociais. **Revista Contemporânea/UFSCAR**, v. 9, n. 3, p. 745-770, 2019.

FERNANDES, Camila. " Ai eu não aguentei e explodi": A expressão do “nervoso” feminino no cuidado com as crianças em territórios de favela. *Etnografias Contemporâneas*, v. 6, n. 10, 2020.

IORE, Maurício et al. Uso de drogas: substâncias, sujeitos e eventos. **Campinas: Unicamp**, 2013.

FONSECA, Claudia. Da circulação de crianças à adoção internacional: questões de pertencimento e posse. **cadernos pagu**, p. 11-43, 2006.

FRANGELLA, Simone; TANIELE, Rui. Corpos precários: apontamentos para a relação entre corpo e cidade. **Política e Trabalho Revista de Ciências Sociais**, v. 47, p. 23-38, 2017.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RANCIÈRE, Jacques. Partilha do sensível. 2009.

RUI, Taniele et al. Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack. **Campinas: Universidade Estadual de Campinas**, 2012.

RUI, Taniele. A inconstância do tratamento: No interior de uma comunidade terapêutica. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 3, n. 8, p. 45-73, 2010.

TEIXEIRA, Cesar Pinheiro; BRANDÃO, Beatriz. Sobre as formas sociais da mudança individual: o testemunho em centros de recuperação pentecostais. **Anthropológicas**, v. 30, n. 1, p. 136-157, 2019.

VIANNA, Adriana. Vida, palavras e alguns outros traçados: lendo Veena Das. **Mana**, v. 26, 2020.